

"O INIMIGO" REPUDIA  
A CENSURA AO "OFICINA"

O

**INIMIGO DO REI**

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.  
EDIÇÃO BIMESTRAL — Nº 8 — ANO 3 — NOVEMBRO & DEZEMBRO 79 — CR\$ 15,00  
SALVADOR, RIO, S. PAULO E P. ALEGRE

**Brasil  
de Carmen Miranda  
a Figueiredo**

**MOVIMENTO  
NEGRO  
ABRE A BOCA  
AXÉ, IRMÃO!**



# A CENSURA NÃO ACABOU

## Ou: a volta da Inquisição

E continuam confundindo *ser sério* com *estar sério*.

Ninguém conseguiu — mesmo alguns ditos intelectualizados — levar a sério a manifestação artística do grupo de teatro "Oficina" ao sambar o Hino Nacional brasileiro sobre a bandeira brasileira. Pasmem, mas setores tidos como "avançados" — na Bahia, por exemplo — ou preferiram não comentar o fato ou então o classificaram como uma "molecagem irresponsável".

Tal, até que o governo acertou. Foi o único que levou a sério o trabalho do Oficina. Tanto assim que, como faz qualquer governo que se preze, apressou-se em reprimir o grupo, aplicando-lhe uma suspensão de 180 dias, atitude inexplicavelmente aplaudida por amplos segmentos da chamada "população esclarecida".

Morte aos moleques! A este brado fascista juntaram-se muitas vozes tidas como liberais. E eis o grupo encurralado, sem uma voz em sua defesa. E por que isso? Ora, ora. É simples: nem as ditas esquerdas nem a direita podem admitir que os símbolos máximos do Estado sejam "ridicularizados" numa "molecagem irresponsável". A direita, porque está no poder, aqui e agora, e utiliza como nunca esses símbolos. A esquerda reacionária porque, no dia em que tomar o poder — aqui ou acolá — vai utilizar-se destes mesmos símbolos, deste mesmo tipo de mistificação. Portanto, Conclui-se: o Oficina teria sido censurado

também em Cuba, na Rússia, na Tchecoslováquia, no Chile, na Argentina, em suma, onde quer que o poder, para reinar sossegado, precisa criar essas taras pelos ditos símbolos nacionais.

Já que o assunto é censura, não custa lembrar que ela está mais forte do que nunca, atualmente, no Brasil. Em se tratando da imprensa, então, a situação é constrangedora. Acabou, é verdade, a censura oficial, burocratizada, através de ofícios, ordens expressas da Polícia Federal etc. Mas foi substituída pela censura indireta, a censura através dos padrões que, infalivelmente, dependem — e muito — do sistema econômico vigente. E assim, isso não sai porque o governador Fulano não vai gostar; aquilo não deve ser publicado *daquela* forma pois "fica chato" e, com esses "argumentos" a censura, pura e simples, propriamente dita, vai sendo exercida. Em resumo, a velha história de enrabar com muita vaselina e ali-sadelas.

Pior (?) é constatar-se que a Igreja e as ditas esquerdas embarcaram nessa. Na Bahia, por exemplo, o arcebispo d. Avelar Brandão Vilela costuma enviar bilhetinhos aos jornais pedindo "explicações" sobre esta legenda, aquele título etc. É a volta da Inquisição. Quanto à "esquerda", é muito sintomática que alguns dos seus setores tenham, subliminarmente, concordado com a suspensão ao grupo Oficina. Afinal, quem cala, consente.

**"O INIMIGO DO REI" PRESTA SUA SOLIDARIEDADE IRRESTRITA AO GRUPO DO "TEATRO OFICINA" E AO JORNAL "REPÓRTER" (AUTÔNOMO INDEPENDENTE) AMBOS VÍTIMAS DO DESPOTISMO E DA REPRESSÃO DO REI.**

### O INIMIGO DO REI

"O INIMIGO DO REI" é feito pela seguinte equipe, em ordem de sorteio: Kátia Regina Borges, F. Silva, Carlos Augusto Rodrigues, Pedro Pacifico, Alexandre Ferraz, João Carneiro, Tonho Starteri, Antônio Fernandes Mendes, Antônio Carlos Pacheco, Augusto César Maia, Arthur de Piero Gouveia, Lídio Barros, José Liberatti, Edgar Rodrigues, Jorge Roberto de Sá, Cláudio Miranda, Grupo Zero Três, José Onofre, Lúcia Lins, Pedrone, Têca, Nilma Damasceno, Ricardo Líper e Aurélio Vellame. Correspondentes na Europa: Sebastião Santa Rosa (Madrid) e Alfredo (Paris).

Nº 8. Publicação da Editora e Livraria A. CG-C/MF: 14727671/0001-63. Rua 21 de Abril, 8 — Sala 21 — Relógio de São Pedro — Salvador/Bahia. Preço do exemplar avulso: Cr\$ 15. Assinatura anual de colaboração: Cr\$ 100. Exterior: US\$ 20. Correspondência: Caixa Postal 2540 — Salvador-Bahia-Brasil. CEP: 40.000.

#### AOS ASSINANTES:

1. Não chegando qualquer número do jornal, favor avisar-nos para que posamos providenciar.

Composto e impresso na Gráfica Editora Jornal do Comércio. Rua do Livramento, 189 — Tel.: 243-7671 — Rio de Janeiro, RJ.

### Jornalistas

#### d'O Inimigo do Rei também são jornaleiros

Aos colaboradores e a todos que desejam escrever para O INIMIGO DO REI: nós somos um jornal autogestionário. O que significa isso?

Significa que todas as tarefas são divididas igualmente entre todos que pertencem ao corpo editorial: todos participam das tarefas administrativas, intelectuais e, principalmente, braçais.

Significa que o indivíduo que publica qualquer coisa n'O INIMIGO DO REI terá como obrigação vender o jornal de mão-em-mão em bares, praias, universidades, cursinhos, teatros, etc. Ou então colocar o jornal em bancas se responsabilizando por uma quantidade "x". Esta é a maneira que encontramos de acabar com a diferença entre trabalho intelectual e braçal, uma das hierarquias que perturbam a dominação de um homem por outro.

Por outro lado, não temos nenhuma censura. As pessoas não precisam ser formadas em universidades para escrever n'O INIMIGO DO REI. Podem até nem ter frequentado escola primária. Basta que saibam escrever. Não procuramos nível nos textos: isto é censura da criatividade. Cada um escreve o que quer, como quer.

Agora, não nos sujeitamos a que ninguém nos apresente trabalhos para serem publicados sem que o interessado esteja disposto a trabalhar na vendagem e distribuição do jornal. Senão seríamos explorados por pseudo-intelectuais maravilhosos que são tão exploradores como a burguesia.

Finalmente, convidamos a todos os interessados a participarem de nosso jornal pois está aberto a todos, sem distinção.

A todos os que queiram ser jornalistas e jornaleiros.

**"Tomai o revolucionário mais radical e colocai-o no poder de todas as Rússias ou dai-lhe um poder ditatorial e antes de um ano ele será pior que o próprio Czar!"**

M.A. BAKUNIN

## OPINIÃO DA IMPRENSA

### Argentina fascista

#### O terror de Estado e a atualidade de Orwell

#### Antonio Carlos Pacheco

A promulgação da lei dos "mortos por presunção" talvez seja um dos indícios concretos do surgimento do Estado totalitário que George Orwell previu no livro "1984", pois facultará ao Governo Militar argentino declarar como mortas pessoas que ainda podem estar vivas em alguma prisão secreta do país.

Na Europa, Estados Unidos e Canadá se formaram dezenas e dezenas de comitês de solidariedade para com os argentinos desaparecidos e sua principal função era pressionar os governos ocidentais, para que estes impedissem o Estado argentino de promulgar tal lei.

Explica-se a preocupação: os desaparecidos, aos quais o governo do general Videla quer dar o "status" de mortos, na verdade, muitos deles estão ainda vivos e sendo torturados nos cárceres das forças de repressão implantadas desde o golpe de Estado de 1976.

Segundo denúncias veiculadas na Europa, sendo a mais contundente a publicada no jornal francês "Libération", de 1º de setembro último, contam do sistema de campos de concentração secretos montados em todo o território argentino.

#### "EL CAMPITO"

Em sua edição o "Libération" publica uma entrevista com um jovem torneiro-mecânico Juan Carlos Scarpatti que foi seqüestrado pelas forças de segurança numa rua central de Buenos Aires, no dia 28 de abril de 1977, e dali foi trasladado para uma prisão secreta chamada "El Campito", onde sofreu as mais horribes torturas até que conseguiu fugir e pôde viajar clandestino para a Europa. Juan Carlos nos conta que os prisioneiros destes campos secretos são torturados diariamente até que morrem e são enterrados anonimamente em valas comuns.

Daí que organizações como a Anistia Internacional e o Comitê de Genebra sobre os Direitos Humanos, da ONU, pediram que o Governo Militar, em vez de promulgar a lei, fizesse algo mais humano, ou seja, investigasse para saber o **paradeiro real** de entre 6 e 12 mil desaparecidos por motivos políticos.

Porque agora, com a promulgação da lei, todos os que ainda estiverem presos nestes cárceres secretos **com vida**, serão dados como mortos pelo Estado e darão aos seus torturadores a chance de levá-los à **morte real** porque não mais terão que prestar contas de seus atos a ninguém nem vão temer investigações posteriores.

As simples constatação deste crime hediondo e legal que acaba de se perpetrar, nos leva a uma outra tirada profética de Orwell; perguntado sobre como via o futuro da humanidade, ele respondeu: "pense numa bota espezinhando eternamente um rosto humano."

publicado na TRIBUNA DA BAHIA do dia 14.09.79.

**LEIA E DIVULGUE A REVISTA "BARBÁRIE"**



# Partido e classe operária

## PANNEKOEK

Não estamos senão nos princípios de um novo movimento operário. O movimento antigo encarnava-se em partidos, e a crença no partido constitui, hoje, o mais potente obstáculo à capacidade de ação da classe operária. Por isso, não procuramos criar um novo; não porque sejamos pouco numerosos —, mas porque, hoje em dia, um partido não pode ser senão uma organização que visa a dirigir e controlar o proletariado. A este tipo de organização, opomos o princípio seguinte: a classe operária não poderá afirmar-se e alcançar a vitória senão quando assumir ela mesma o seu destino e resolver por si mesma os seus problemas. Os operários não têm que adotar religiosamente as palavras de ordem de um grupo qualquer, nem tampouco as nossas, devem antes pensar, decidir e agir por si mesmos. É por isso que, neste período de transição, consideramos como seus órgãos de esclarecimento naturais os grupos de trabalho, os círculos de estudo e de discussão que se formaram por si mesmos e que procuram eles próprios a sua vida.

Esta maneira de ver encontra-se em contradição flagrante com as idéias tradicionais sobre o partido como o órgão essencial de esclarecimento do proletariado. Daí resulta que esbarra com uma resistência e um mau acolhimento em numerosos meios onde, no entanto, já está excluído o recurso aos partidos, quer socialista, quer comunista. Por um lado, sem dúvida, por força da tradição: quando sempre se viu na luta de classes uma luta de partido e entre partidos, é muito difícil considerar o mundo sob o ângulo exclusivo da classe operária e da luta de classe. Mas, em parte, encontramos também perante a idéia nítida de que, apesar de tudo, cabe ao partido um papel de primeiro plano na luta do proletariado pela sua emancipação. É esta idéia que vamos agora examinar de mais perto.

Trata-se, em resumo, da distinção seguinte: enquanto um partido é um agrupamento constituído sobre uma base de idéias, uma classe é um agrupamento assentado em interesses comuns. A participação em uma classe é determinada pela função no processo de produção, função que tem como consequência interesses definidos. A filiação num partido está ligada à reunião de pessoas com opiniões idênticas relativamente às grandes questões sociais.

Acreditava-se até há pouco tempo, por razões teóricas e práticas, que esta diferença fundamental desaparecia no seio do partido de classe, o "partido operário". Durante o período de ascensão da social-democracia, teve-se a impressão de que este partido iria, pouco a pouco, englobar todos os trabalhadores, parte na qualidade de militantes, parte na de simpatizantes. E como a teoria enunciava que interesses idênticos engendrariam imperativamente idéias e objetivos idênticos, a distinção entre classe e partido iria, pensava-se, diluir-se cada vez mais. No entanto, nada disso aconteceu. A social-democracia permaneceu uma minoria, organizaram-se contra ela novos grupos operários; além disso, ela própria conheceu cisões, ao mesmo tempo que o seu próprio caráter sofria mudanças e certos artigos do seu programa eram quer revistos, quer interpretados em sentido completamente diferente.

A sociedade não se desenvolve de modo contínuo, nem linear, mas através de conflitos e contradições. A par da intensificação da luta operária, a força do inimigo cresce; e a incerteza e as dúvidas quanto à escolha da via a seguir renascem sem cessar no espírito dos combatentes. E a dúvida é um fator de cisão, de querelas intestinas e de lutas de tendências no seio do movimento operário.

É fútil lamentar essas divisões e conflitos como coisa perniciosas, que não deveria existir e que reduz os trabalhadores à impotência. A classe operária não é fraca porque dividida, mas, pelo contrário, está dividida porque é fraca. E a razão por que o proletariado deve buscar vias novas tem a ver com o fato de o adversário dispor de um poderio tal que os métodos antigos se tornam ineficazes. A classe operária não chegará a isso como que por magia, mas à custa de duros esforços, de um trabalho de reflexão, no confronto de opiniões divergentes e de conflitos de idéias encarniçadas. Compete à própria classe operária encontrar o seu caminho, e nisso reside, precisamente, a razão de ser das divergências e das lutas internas. Ela vê-se constrangida a renunciar às idéias caducas, às velhas quimeras, e é justamente a dificuldade de tal tarefa que engendra tão grandes divisões.

Não se deve continuar a alimentar a ilusão de que essas encarniçadas lutas de partido e de opiniões apenas são naturais em períodos de transição, como atualmente, e que vão desaparecer de seguida, tornando-se a unidade maior do que nunca. Decerto, na evolução da luta de classe, acontece por vezes conjugarem-se todas as forças para alcançar uma grande vitória e que a unidade assim realizada tem como efeito a revolução. Mas, neste caso, como após todas as vitórias, aparecem imediatamente divergências relativamente à fixação dos objetivos subsequentes. Pois o proletariado vê-se então, infelizmente, a braços com as mais árduas tarefas: esmagar ainda mais o inimigo, organizar a produção, criar uma nova ordem. É impossível que todos os trabalhadores, todas as camadas e todos os grupos, cujos interesses, muitas vezes, estão ainda longe de ser homogêneos, pensem e sintam do mesmo modo e estejam imediata e espontaneamente de acordo quanto às ações a empreender daí em diante. Precisamente porque se esforçam por descobrir sozinhos o seu caminho, é que surgem entre eles as mais vivas divergências, que se defrontam mutuamente e assim conseguem clarificar suas idéias.

É claro que, quando pessoas animadas das mesmas concepções se reúnem para debater as suas perspectivas de ação, para chegar a uma clarificação através da discussão, para fazer propaganda em favor das suas idéias, podemos, se quisermos, dar a esses grupos o nome de partidos. Pouco importa o nome, desde que tais partidos se proponham a desempenhar um papel completamente diferente daquele que os partidos atuais procuram desempenhar. A ação prática, a luta concreta, é tarefa das próprias massas operárias, a agir como totalidade, no seio dos seus agrupamentos naturais, tais como as fábricas e oficinas, e, particularmente, nas equipes de produção que constituem as unidades de combate efetivo. Seria aberrante ver os militantes de um partido ou tendência porem-se em greve quando os de outro continuassem a trabalhar. Neste caso, os militantes das duas tendências devem expor e

defender os pontos de vista respectivos diante das assembleias de fábricas, a fim de permitir ao coletivo operário pronunciar-se e adotar uma decisão devidamente fundamentada. Dada a imensidade da luta e o poderio enorme do inimigo, é preciso, para alcançar a vitória, uma conjugação de todas as forças de que as massas dispõem, e não apenas a força material e moral na ação, a unidade e o entusiasmo, mas também a energia espiritual resultante da lucidez. E a importância desses partidos ou grupos de opinião reside no fato de contribuírem para fazer nascer esta clarividência através dos seus confrontos, das suas discussões, da sua propaganda. Constituem órgãos de auto-esclarecimento da classe operária, para que, pelo seu próprio esforço, os trabalhadores encontrem o caminho da liberdade.



Eis por que os partidos, neste sentido (e idênticamente as suas concepções), não podem constituir-se em estruturas estáticas e imutáveis. Face a qualquer alteração da sua situação, a qualquer tarefa nova, os espíritos separam-se para se reunirem em novos grupos, com outros programas. Dado o seu caráter flexível, são sempre capazes de se adaptar ao que surge de novo.

### CARÁTER OPOSTO

Comparados com tais grupos, os partidos operários atuais têm um caráter absolutamente oposto. Têm, aliás, uma finalidade diferente: tomar o poder e exercê-lo em seu próprio proveito. Longe de procurarem contribuir para a emancipação da classe operária, pretendem governar eles próprios e apresentam isso sob as cores da libertação do proletariado. A social-democracia, cuja atividade remonta à grande época do parlamentarismo, concebe esse poder sob os aspectos de um governo apoiado numa maioria parlamentar. O Partido Comunista, quanto a ele, leva a vontade de dominação até às suas consequências mais extremas: a ditadura de partido.

Contrariamente aos partidos no sentido acima descrito, estes partidos são formações com estruturas rígidas, cuja coesão é assegurada por meio dos estatutos, de medidas disciplinares e processos de admissão e de exclusão. Porque, como aparelhos de dominação que são, lutam pelo poder, mantendo os militantes no caminho considerado correto, com o auxílio dos instrumentos de força de que dispõem soberanamente, esforçando-se por aumentar constantemente a sua expansão, a sua esfera de influência. Não se atribuem a tarefa de educar os trabalhadores a pensar e agir por si mesmos, mas, pelo contrário, apenas procuram moldá-los, transformá-los em fiéis, dedicados e dóceis adeptos e instrumentos das suas doutrinas. Enquanto que, para aumentar as suas forças e alcançar a vitória, a classe operária tem necessidade de uma liberdade de desenvolvimento ilimitada, o poderio do partido tem como base a repressão de todas as opiniões não conformes com a sua própria linha. Dentro dos partidos "democráticos" esse resultado é obtido graças a métodos que salvaguardam as aparências de liberdade; nos partidos ditatoriais, através de uma brutal e declarada repressão.

Muitos trabalhadores já percebem que a dominação do Partido Socialista ou do Partido Comunista não seria senão a hegemonia, sob forma camuflada, de uma classe burguesa que, como tal, apenas perpetuaria a exploração e a escravização da classe operária. Mas, segundo esses mesmos trabalhadores, em sua substituição, seria necessário criar um "partido revolucionário" que visasse realmente a instaurar o poder proletário e a sociedade comunista. Não se trata, de modo algum, neste último caso, de um partido no sentido acima definido, de um grupo de opinião cujo único objetivo é esclarecer, mas ainda de um partido, no sentido corrente de partido em luta por se apropriar do poder e exercê-lo ele mesmo, tendo em vista a libertação da classe operária, e isso enquanto vanguarda, enquanto organização da minoria revolucionária consciente.

A própria expressão de "partido revolucionário" comporta uma contradição nos termos. Um partido desse gênero não poderia ser revolucionário. Se o é, é no sentido em que se designe por revolução qual-

quer alteração de governo ocorrida na seqüência de pressões violentas. Ora, quando nós falamos de revolução, referimo-nos, evidentemente, à revolução proletária, à conquista do poder pela classe operária.

O "partido revolucionário" tem como fundamento teórico a idéia de que a classe operária não pode passar sem um grupo de chefes capazes de, em seu nome e substituição, vencer a burguesia e formar um novo governo ou, por outras palavras, a convicção de que a classe operária não está capaz de realizar por si mesma a revolução. Ainda segundo esta teoria, a classe operária não é capaz de gerir e organizar ela mesma o seu trabalho e a sua produção.

Não terá esta tese uma certa validade, pelo menos presentemente? Dado que no momento atual a classe operária, enquanto massa, se revela incapaz de fazer a revolução, não será necessário que a vanguarda revolucionária, o partido, a faça em seu nome? E não será essa concepção válida enquanto as massas suportarem o capitalismo sem se revoltar?

Esta maneira de ver suscita imediatamente novas interrogações: Com que forças contaria ele para vencer a classe capitalista? E que tipo de poder instauraria um tal partido graças à revolução? A resposta é evidente: com um levantamento das massas. De fato, só ataques em massa, lutas e greves de massas permitem derrubar a velha dominação. Assim, o "Partido Revolucionário" nunca venceria sem a intervenção das massas.

Por conseguinte, em caso de vitória da revolução, das duas, uma. Ou as massas prosseguiriam na ação e, longe de abandonarem o combate para deixar o novo partido governar, organizavam o seu poder nas fábricas e oficinas e se preparavam para novas lutas com vistas a abater definitivamente a dominação do capital, formando, através dos conselhos operários, uma comunidade dotada de uma coesão cada vez maior e, deste modo, capaz de assumir a gestão da sociedade no seu conjunto. Numa palavra, massas provariam não estarem tão inaptas para a revolução como se supunha. A partir desse momento surgiria inelutavelmente um conflito entre as massas e o novo partido, cioso de ser o único detentor do poder e convencido, em virtude da teoria segundo a qual o partido constitui a direção da classe operária, e a auto-atividade das massas não é senão um fator de desordem e de anarquia. Então, o movimento da classe poderia ter adquirido uma força que lhe permitia ultrapassar o partido, ou pode também acontecer que o partido, aliado a elementos burgueses, esmague os trabalhadores. Aconteça o que acontecer, o partido revela-se um obstáculo à revolução. Porque pretende ser mais do que um órgão de propaganda e de esclarecimento. Porque se atribui a missão específica de dirigir e de governar.

Ou as massas operárias conformar-se-iam à doutrina do partido e entregar-lhe-iam a direção do curso das coisas; neste caso, seguem as palavras de ordem vindas de cima e, persuadidas (veja-se a Alemanha de 1918) de que o novo governo realizará o socialismo ou o comunismo, retomam o caminho do trabalho. De imediato, a burguesia mobilizaria todas as suas forças, cujas raízes de classe ainda não tinham sido extirpadas: o seu poderio financeiro, o seu enorme poder ideológico, a sua hegemonia econômica nas fábricas e grandes empresas. O partido dominante, demasiado fraco para fazer face a esta ofensiva, não poderá manter-se no poder senão atuando com moderação, multiplicando as concessões e os recuos. Então, dir-se-á que é impossível fazer melhor de momento, que seria loucura da parte dos operários querer impor pela força reivindicações utópicas. E, deste modo, o partido, privado do poderio de massa inerente a uma classe revolucionária, transformar-se-á em mero agente de conservação do poder burguês.

Escrevíamos atrás que, por referência à revolução proletária, um "partido revolucionário" representa uma contradição nos termos. Poder-se-ia recorrer a outra formulação: na expressão "partido revolucionário" o termo revolucionário designa forçosamente uma revolução burguesa. De fato, sempre que as massas intervieram para derubar um governo e a seguir o confiaram a um novo partido, ficou-se numa revolução burguesa, há substituição de uma categoria dominante por outra nova. Assim se passou em Paris, quando, em 1830, a endinheirada sucedeu aos grandes proprietários de terras, quando em 1848, a burguesia industrial tomou o lugar da burguesia financeira, ao passo que, em 1870, era o conjunto da burguesia, a grande e a pequena, a instalar-se no poder. O mesmo aconteceu na Revolução Russa, quando a burocracia de partido chamou a si o poder como casta dominante. Mas nos nossos dias, tanto na Europa Ocidental como na América, a burguesia está muito poderosa e solidamente implantada nas fábricas e nos bancos para que uma burocracia de partido a possa expulsar de lá. O único meio de a vencer consiste, ainda e sempre, em fazer apelo às massas, para que estas tomem as fábricas, construindo a sua organização de conselhos. Neste caso, no entanto, parece que a força real reside nas massas que aniquilam a dominação do capital à medida que a sua própria ação se estende e se aprofunda.

Portanto, aqueles que sonham com um "partido revolucionário" apenas tiram do passado metade das lições. Não ignoram que os partidos operários, o P.S. e o P.C., se tornaram órgãos de dominação, que servem para perpetuar a exploração, mas limitam-se a concluir: "O que é necessário é criar um partido melhor!" É fechar os olhos ao fato de o fracasso dos diversos partidos ser devido a uma causa muito mais geral, a saber: a contradição fundamental que existe entre a emancipação da classe, no seu conjunto e pelas suas próprias forças, e a redução da atividade das massas a nada por um novo poder pró-operário. Face à passividade, à indiferença das massas, tomam-se por uma vanguarda revolucionária. Mas, se as massas permanecem inativas, é porque não conseguem discernir ainda a via do combate, da unidade de classe, mesmo pressentindo instintivamente o poder colossal do inimigo e a gigantesca amplitude da tarefa a realizar. No entanto, quando as circunstâncias as tenham impellido à ação, ser-lhes-á necessário empreender esta tarefa: organizar-se de maneira autônoma, apropriar-se dos meios de produção, desencadear o ataque contra o poderio econômico do capital. E, uma vez mais ainda, tornar-se-á evidente que qualquer pretensa vanguarda que procure, em conformidade com o seu programa, dirigir e governar as massas através dum "partido revolucionário", se revela um fator reacionário, precisamente por causa dessa concepção.

Este artigo de Anton Pannekoek nos foi enviado por Néilson Serathiuk, Lausanne, Suíça.



# Autogestão no corpo: o trabalho do prazer

Roger Dadoum

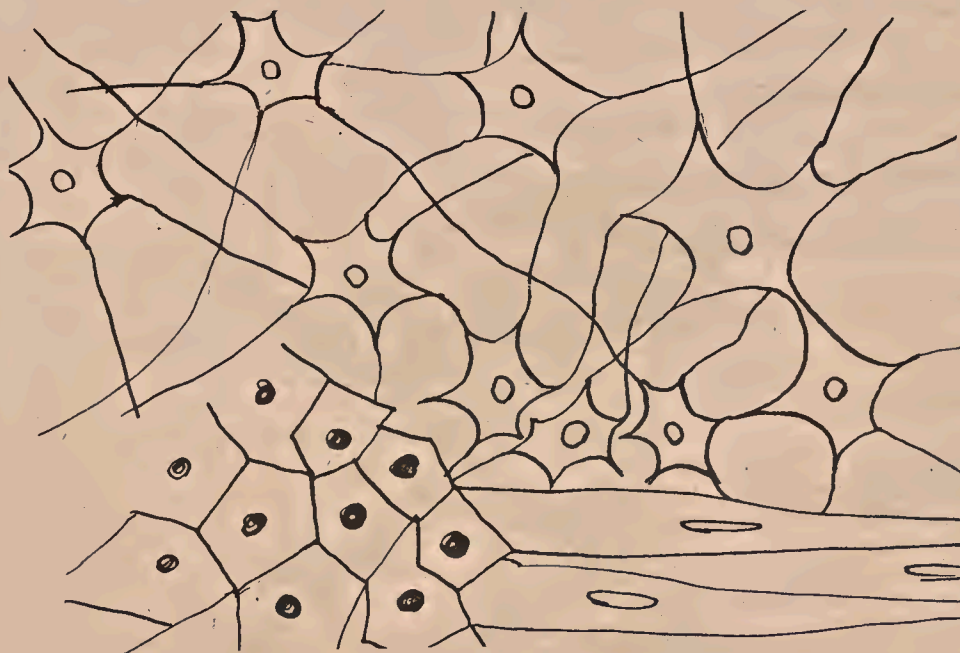
Tradução: Flávio Araripe

"As reações fisiológicas coordenadas que matêm a maioria dos equilíbrios dinâmicos do corpo são tão complexas e tão peculiares dos organismos vivos, que tem sugerido, para a designação de tais reações um termo específico: homeostase." Estas linhas do biólogo Cannon, que explorou com uma espécie de fervor os diferentes mecanismos auto-reguladores característicos de todo sistema vivente, a propósito dos quais chega a falar, inclusive, de "sabedoria do corpo", se encontram condensados na fórmula lapidária de Georges Canguilhem, especialista em filosofia das ciências: "A regulação constitui um fato biológico por excelência." Se se esclarece que por "regulação", se entende um conjunto coordenado de mecanismos internos que utilizam espontaneamente energias específicas do organismo, ou seja, precisamente uma **auto-regulação**, se comprova que esta funciona em todos os níveis: tanto no caso dos mecanismos massivos ou microscópicos, como a altura e o peso do corpo, as proporções dos diferentes tecidos, a estabilidade do "meio interno", etc., como no caso dos parâmetros incomparavelmente mais finos e frágeis, quase infinitesimais, como a gradação quase inumerável dos metabolismos (cálcio, potássio, magnésio, etc.), ou as indispensáveis intervenções hormonais, vitamínicas, enzimáticas, etc. As recentes investigações sobre as informações embriológicas e os fenômenos de imunologia e de resistência confirmam a amplitude e profundidade dos mecanismos de auto-regulação.

Como se vê, o princípio de auto-regulação, proposto com uma constância excepcional por Reich — e cujo posto no seu pensamento é central —, dispõe de uma base biológica sólida e praticamente irrefutável. Reich lhe atribuiu essa posição central, sem dúvida, a partir já de seus primeiros interesses biológicos e filosóficos, como ele assinala em sua autobiografia científica, *A Função do Orgasmo*: observações de Forel sobre as formigas, "entelgueira" — ou princípio interno dirigente da vida — de Driesch, "impulso vital" de Bergson, energias biológicas específicas de Kammerer, etc; porém é notável que, já nesta etapa, uma preocupação fundamental de Reich consistia em eliminar todo apelo ao finalismo: "O que me incomodava particularmente na biologia — escreve —, era a aplicação do princípio teleológico". Como extirpar a teleologia — ou seja, em última instância, a teologia? — esta é uma irredutível motivação da investigação reichiana.

No entanto é na sua atividade como psicanalista, como clínico, onde Reich encontra o princípio de auto-regulação como presença concreta, original, eficaz. Quando consegue prescindir em certa medida das resistências e inibições neuróticas, das pesadas sublimações morais, da angústia sexual, descobre no indivíduo uma maior capacidade para a autonomia, para a realização de equilíbrios dinâmicos, flexíveis; descobre uma melhor regulação — auto-regulação — de sua existência: no trabalho, no amor, nas relações com o outro; tudo acontece como se um abrandamento da "courageira do caráter" liberasse uma espécie de competência espontânea, uma aptidão para autodeterminar-se, que o poder das instituições sociais e dos modelos culturais aniquilava, atrofiava ou neutralizava. Reich chega a formular nos seguintes termos o objetivo terapêutico: "Retirar a energia das inibições morais e colocá-las a serviço da auto-regulação libidinal".

O princípio de auto-regulação abarca uma ampla constelação ou nebulosa? — tipicamente reichiana, na qual observações, análises e especulações giram sempre em torno das mesmas fórmulas, diferentes porém homogêneas: auto-regulação biológica, auto-regulação natural, auto-regulação libidinal, potência orgástica...



Se se examinam numerosos textos de Reich — por exemplo, proposições extraídas de *A Função do Orgasmo*: "As energias vitais, em condições naturais, possuem uma regulação espontânea"; "em todo o vivente trabalha a energia sexual vegetativa"; "a potência orgástica é a função biológica primária que o homem possui em comum junto a todos os organismos vivos", etc., nas quais os termos significativos foram sublinhados por mim — é fácil estabelecer que, em última instância, o princípio de auto-regulação é o que assegura a circulação energética, a articulação pertinente, os nexos ou identificações mais esclarecedoras contidos nos grandes conceitos que sustentam o pensamento reichiano, os que nutrem o pensamento reichiano: "vital", "vital", "natural", "biológico", "espontâneo", "vegetativo", "sexual", "orgástico".

Porém ao levar o princípio de auto-regulação desde o domínio biológico tradicional — onde funciona de um modo completamente ortodoxo, cientificamente ajustado e no limite de uma concepção finalista, providencialista, da vida — para o domínio da sexualidade — que continua sendo o domínio do proibido, do reprimido, do maldito, desbravado pelas ideologias e obstruído por pletóricas disputas religiosas e sócio-políticas —, Reich não se limita a uma mera extrapolação, uma trivial transposição ou ampliação conceitual. A vinculação extremamente forte — originária, energética, estrutural, funcional —, que propõe entre auto-regulação e sexualidade surge como algo inaudito, escandaloso, assombroso, subversivo, explosivo, no campo político, ideológico e epistemológico: ação de dismantelamento, ataque violento contra o sistema de crenças, atitudes, concepções e "visões de mundo" que constitui nossa cultura. Para esta, a sexualidade segue sendo o lugar do transbordamento, da desordem, do desequilíbrio sem regulação; e o segue sendo fundamentalmente, mais além de qualquer disfarce, de qualquer especulação falante (*agglornamento*), melindre liberal ou coqueteria vanguardista.

Onipresente visão de uma sexualidade caótica, deste "caos sexual" que segue sendo o núcleo fascinante, condenado ou exaltado, de todos os tipos de discursos que se produzem atualmente sobre a sexualidade, e que segue fascinando inclusive aos meios mais anti-repressivos, inspirados em Reich; isto o demonstra a moda de que goza o termo "desvio", cujo prestígio surge de sua relação com a sexualidade considerada como potência liquidadora de todo regulamento, se bem que neste caso se lhe atribui uma marca positiva.

Tabus de incesto, proibições, ritos de iniciação e mutilações, sistemas matrimoniais, morais e códigos: a extraordinária crueldade empregada pela sociedade para instituir todas

as formas possíveis e imagináveis de regulamentação da sexualidade, leva à reafirmação de uma necessidade primordial: a saber, que a sociedade se impõe como potência reguladora essencial, exclusiva, como ordem humana por excelência, a partir do dismantelamento da auto-regulação biológica-sexual. A sociedade se institui e se designa a si mesma como ordem, lei e regra sobre a base da extirpação, da *mol-dagem* da sexualidade, que a transforma (ou reconhece) no lugar privilegiado da carência, da ausência de regra, de lei, de ordem.

O dilema estaria delineado entre auto-regulação sexual ou regulação sexual? Se refere a toda sociedade, à mesma essência social ou a um tipo historicamente determinado de sociedade? Problemática demasiado densa para dar-lhe uma resposta homogênea. Reich aborda o problema de uma triplíce perspectiva cuja amplitude vai em crescendo, e que vale a pena deixar bem assinalada qualificando-a, de modo muito ligeiro, como política, histórica e ontológica.

## Perspectiva política

Reich denuncia na sociedade contemporânea — seja capitalista ou burocrática — o fato de ser patriarcal, anti-sexual e particularmente encarniçada na eliminação de todo tipo de auto-regulação na existência humana. Sua forma extrema é o fascismo: destruição total da auto-regulação; George Orwell, em 1984, expressa esse tipo de sociedade de maneira perfeitamente reichiana, quando faz o representante do Partido dizer: "O instinto sexual será extirpado... Aboliremos o orgasmo". Com esta perspectiva se vincula uma estratégia política precisa: as sociedades autoritárias, repressivas, as formas agudas e endêmicas de fascismo, só podem ser desfeitas mediante uma revolução política que seja ao mesmo tempo uma revolução sexual, mediante processos que busquem o restabelecimento do princípio de auto-regulação sexual em todos os domínios da existência.

A partir de uma perspectiva mais amplamente histórica, ou mais antropológica, Reich franqueia alegremente os milênios. Sem preocupar-se em ser preciso, fala de quatro ou seis mil anos... O que o interessa é localizar esse momento singular do passado que havia marcado de modo decisivo o afastamento da auto-regulação sexual em benefício do poder social. Leu a Bachofen, leu a Engels, leu apaixonadamente a Malinowski e os relatos de suas investigações étnográficas entre os índios das ilhas Trobriand, na Malinésia. Em seu livro *A Irrupção da Moral Sexual* propõe a idéia de que a nova moral — a que hoje nos rege, anti-sexual, compulsiva — se inscreve na história humana com a "passagem do matriarcado ao patriarcado, da democracia do trabalho originária das

gens à acumulação das riquezas no seio de uma mesma família, da sexualidade livre à repressão sexual". Reich converte sua demonstração em um modelo de análise de economia sexual ao relacionar com virtuosismo os dados econômicos (modos de produção, sistemas de dotes, intercâmbio de mercadorias, acumulação individual dos bens), os fatores sociológicos (desenvolvimento da grande família patriarcal e do poder do chefe do clan, divisões sociais) e a organização repressiva da sexualidade (proibições sexuais, castidade, monogamia); porém esta demonstração falha pela fragilidade dos materiais sobre os quais está baseada.

Uma perspectiva ontológica, todavia mais especulativa, sugerida em certos textos posteriores de Reich, propõe a hipótese de uma espécie de traumatismo, de catástrofe na origem da evolução humana, da constituição da espécie como tal: do *homo sapiens*. Ao tomar consciência de si mesmo, ao perceber-se ao captar-se como ser pensante, o homem sofre simultaneamente uma primeira *captura*, uma *captção* primordial de seu ser biológico, de seus ritmos vitais; por conseguinte, o homem cede à racionalidade e à consciência de grupo através de um mesmo movimento de *torsão*, do qual lhe fica uma lesão: uma ruptura essencial de sua auto-regulação sexual.

A hipótese ontológica de Reich coincide com o mito bíblico do paraíso perdido: Adão e Eva descobrem uma desnudez (sexualidade) e a ocultam, a rechaçam (repressão) no instante mesmo em que adquirem o conhecimento (consciência de si mesmo, racionalidade) e se percebem como casal ou como grupo submetido à regra premente do trabalho e da falta (socialidade). Esta coincidência é inesperada: em sua sombria visão traumática da origem da humanidade, Reich coincide com o pessimismo metafísico de Freud em *O Mal-Estar na Cultura* — tão vigorosamente combatido por ele e propósito de sua tese da *Kulturversagung*, da "renúncia cultural"; "é impossível — escrevia Freud —, não advertir que o edifício da cultura se apoia, em grande medida, sobre a renúncia às pulsões instintivas, e que postula precisamente a não-satisfação (repressão, resistência ou qualquer outro mecanismo) de poderosos instintos".

O fato de que Reich se tenha deixado levar, por sua intensa imaginação, a um certo "desvio" ontológico é algo que — por estimulante e atrativo que seja à primeira vista — não traz maiores consequências. Em vez disso, o que nos parece de importantes consequências é a "extensão universal" do princípio de auto-regulação em que se obstina; é o centro, o eixo da estratégia global de sua economia sexual.

Em primeiríssimo lugar, se trata de uma atitude terapêutica central: quaisquer que sejam os métodos de tratamento adotados ou elaborados por Reich — psicanálise freudiana, análise caracterial, vegetoterapia, orgonoterapia —, apontam sempre ao mesmo objetivo: restituir ao sujeito certa capacidade de auto-regulação sexual, segundo os casos denominada também, "potência orgástica" ou "amor natural". Ao final de *Análise do Caráter* se encontram as seguintes linhas, sublinhadas pelo próprio Reich, que reafirmam esta posição: "Só há um modo de eliminar as neuroses caracteriais e, junto com elas, todo o cortejo das diferentes pestes emocionais: o restabelecimento do amor natural em crianças, adolescentes e adultos".

Porém, a sexualidade nunca funciona em Reich — sejam quais forem, por outro lado, a especificidade necessária e a autonomia real que lhe reconhece — de maneira autárquica, em um recinto fechado, no meio de seu harém de órgãos. Assim como o fluxo libidinal irriga o corpo inteiro quando circula livre e voluptuosamente, também a auto-regulação — em seu exercício vital, natural — regula necessariamente a totalidade das atividades humanas; e em especial, o trabalho e o conhecimento.



## O Trabalho que Derruba

Atividade criadora do homem, homo laborans, o trabalho foi desvinculado — desde a origem, se se admite o mito bíblico; em diferentes momentos críticos da evolução das sociedades, segundo os antropólogos — de suas raízes viventes, libidinais; desempenhou a função de sustentáculo ou de prisioneiro dos sistemas sócio-econômicos que lhe impuseram sua regra: produzir, não mais unicamente para a satisfação das necessidades biológicas essenciais — o que Marx denomina "produção da vida material mesma" e, em um texto demasiado breve de *A Ideologia Alemã*, define como "uma condição fundamental de toda a história", texto à margem do qual acrescenta estas poucas palavras plenas de sugestão: "Os corpos humanos. Necessidade. Trabalho" — sim para expressar, manter ou transformar status e relações sociais, para sustentar e acrescentar poderes políticos, acumular coisas, objetos, bens, riquezas, etc. O trabalho se converte em contrição de pecador, gesto de escravo, destino do submetido: alienação.

Espetacular, verdadeiramente monumental é a conexão — exemplificada ao longo de toda a história — entre o crescimento desmedido do poder político (faraônico, incaico, despótico, estatal-capitalista, fascista, staliniano, burocrático) e a alienação extrema do trabalho, obra de morte: universo concentracionário, gulag...

Ao cair separado da auto-regulação sexual, o trabalho funciona como instrumento anti-sexual privilegiado e mais poderoso e eficaz que qualquer proibição: repetição obsessiva e mortífera (rochedo de Sísifo), extenuação dos corpos, predomínio da motilidade mecânica ou da atividade intelectual abstrata, desvio do desejo para a produção fragmentada e a apropriação singular de objetos inertes, amiudamente opacos e incompreensíveis, rigidez e coisificação das relações humanas; em todos seus aspectos, o trabalho alienado trabalha para a eliminação da auto-regulação sexual; e esta eliminação, por sua vez, perpetua e consolida a alienação.

Esta complementariedade entre, de um lado, a alienação do trabalho, a exploração econômica do homem e, por outro, a repressão e eliminação da auto-regulação sexual, volta a sublinhar com força o vínculo de **unidade dual** que articula a liberação econômica com a liberação sexual. Reich assume totalmente a perspectiva marxista do socialismo: abolição do trabalho assalariado e de toda forma de trabalho alienado; e coloca no centro de seu projeto de democracia do trabalho o princípio de **auto-gestão**, que aparece como a continuação ou, mais exatamente, o corolário no plano econômico do princípio de auto-regulação. Mas, para Reich, a verdadeira auto-gestão só pode produzir-se quando a auto-regulação mostra progressos sensíveis e decisivos; esta última, por sua vez, só pode progredir de modo duradouro em condições econômicas e sociais

propícias, favorecidas por uma sociedade em que predominem os processos de auto-gestão.

Na perspectiva aberta desta maneira, se produz uma transformação do trabalho: ao ficar restabelecido o vínculo com o princípio de auto-regulação sexual, pode desenvolver-se o que, inspirando-nos na fórmula de Ferenczi, poderíamos denominar um **sentido erótico do trabalho**; o trabalho definido por estas três características intimamente associadas: a liberdade, o prazer e a racionalidade; Reich fala, neste caso, indiferentemente de "trabalho gozoso" ou de "trabalho racional".

O exercício da auto-regulação no domínio sócio-econômico do trabalho provoca uma transformação radical que Reich deseja estender, com igual exigência, ao domínio do conhecimento. Porque também o saber, a sua maneira, se mostra como uma atividade alienada: é distinto do que poderia ser, pois que despedaçou seus nexos "naturais" com a energia libidinal e se organiza e se desenvolve cada vez mais à margem, fora dos processos vitais e de seu princípio comum, a auto-regulação. A forma atual desse saber separado, alienado, é a ciência normalmente qualificada como mecanicista ou positivista, que arrasta em seu movimento todo tipo de fantasmas, intenções e ou delírios tecnicistas; potência cuja soberania vai em crescendo; tirânica; que consegue com uma facilidade demasiado inquietante e equivoca estabelecer uma aliança excelente entre a indús-

tria e o misticismo, e cujos efeitos, amiúde devastadores e florescentes provedores de morte, não podem ser considerados como meros acidentes circunstanciais.

Longe de sua perspectiva ontológica — que traçava a dura silhueta de uma razão originária que se instaurava e triunfava por meio da captura e captação dos ritmos vitais naturais —, Reich esboça, em sua crítica da ciência estabelecida, a possibilidade de outra ciência, de uma nova forma de racionalidade que, ao articular-se sobre o princípio da auto-regulação e ao desligar-se das ataduras históricas e ideológicas que lhe limitam e subordinam, produziria um saber mais amplo, mais flexível, mais aberto, melhor distribuído, mais próximo do vivente. Isto é o que Reich denomina "ciência militante", uma espécie de **gaya ciência** à qual atribui como objetivo — junto ao "trabalho" e à "função amorosa natural" — "a felicidade terrestre material e sexual das massas".

O princípio reichiano de auto-regulação é o umbral de uma "nova era social". É mais do que pode tolerar uma sociedade de morte, assassinato e infelicidade ameaçada na raiz mesma de seu ser por esse princípio. Se compreende então o balanço que lucidamente estabelece Reich: "Nenhum elemento de minha teoria atraiu sobre meu trabalho a minha existência tantos perigos como a afirmação de que a auto-regulação é possível, existe atualmente e é suscetível de ser universalmente estendida".

# O carisma do líder

Não se sabe ao certo porque, certa feita os diversos órgãos do corpo humano se alvoroçaram. Resolveram escolher um chefe dentre eles para comandar os demais. Incontinentemente, o cérebro se candidatou alegando sua condição natural de coordenador das funções orgânicas. Que o chefe não fosse ele, era inadmissível — alegou.

Os outros não se fizeram de rogados. O coração afirmava veementemente que se não fosse o seu pulsar incessante o corpo não sobreviveria mais que alguns minutos. Os braços se manifestaram alegando a condição de executores de destacadas tarefas. O pescoço reclamava o posto, dizendo-se sustentáculo da inteligência.

Para as pernas a opção era óbvia. Como elementos de transporte do corpo exerciam papel de relevo inigualável, cabendo-lhe pois o cobinado cargo. Com o que não concordava o fígado, emulado pela capital importância que atribuía às funções hepáticas da sua lavra. Só podia ser ele o chefe.

Os olhos não faziam por menos: "Se não fossemos nós, para o organismo, a vida seria uma eterna escuridão. A escolha é fácil: nós". Já o estômago considerava sua candidatura prioritária, tendo em vista o destacado papel que desempenhava, assimilando as substâncias úteis ao corpo, permitindo sua manutenção e desenvolvimento. Enfim, a confusão era total e não se falava em outra coisa que não fosse a disputa pelo comando supremo do organismo.

Finalmente, para espanto dos concorrentes e gargalhadas gerais, o ânus resolveu lançar sua candidatura. Como ele mostrou que não falava por brincadeira a reação foi terrível. O ânus foi humilhado e desprezado por todos. "Como podes pleitear cargo de tamanha importância. Logo tu, a criatura mais desprezível do corpo humano. Procure seu lugar, mundo órgão" — rosou o coração. E todos fizeram coro. "Fora com o ânus" — bradaram.

Tolhido em sua reivindicação, a qual não considerava de modo algum absurda, já que os outros negavam-se a conceder registro para que concorresse, o ânus radicalizou: "É assim, é? Não cago mais. Vocês vão ver." — sentenciou.



De início, os outros componentes do organismo não levaram em conta a decisão do ânus. "Não caga. Sua alma sua palma" — pensaram. Mas só de início. Com o passar dos dias a situação foi se modificando. O cérebro não conseguia raciocinar direito atormentado que estava por uma terrível dor de cabeça.

O Coração batia descompassado. Os braços não conseguiam sustentar o mínimo peso que fosse. A cabeça tombava vez por outra não se agüentando no flácido pescoço. A coisa era grave. No quarto dia as pernas bambeavam e o estômago aparelhava-se com o congestionamento geral que era o sistema digestivo. O ânus? Tava tranquilíssimo, bem na dele. Nem aí.

Quando a situação se tornou insustentável, os órgãos não tiveram outra opção. Para alívio generalizado o ânus foi eleito comandante supremo do organismo e imediatamente reestabeleceu suas funções. Tudo voltou ao normal.

Moral da história: Para ser um chefe não é necessário ser um cérebro. Basta ser um cu.

del NERO

# Os Alquimistas

É iminente a volta à legalidade do Partido Comunista Brasileiro. O regime finge que não concorda. Um ou outro porta-voz oficial garante que a ditadura não pretende contrariar a constituição que, em suma, proíbe a formação legal de partidos não comprometidos com a formulação democrática pluripartidária. Acontece que nós, libertários, já temos larga experiência dos acordos sempre possíveis entre uma facção burguesa e outra facção burguesa. No caso brasileiro, nos é fácil identificar o namorado entre o capitão de exército Luís Carlos Prestes e os generais da ditadura, a cada dia mais convencidos de que aquiescer diante da legalização do PCB nada tem a ver com correr o risco de ter as bases do regime ameaçadas pela esquerda, verdadeiramente revolucionária. Os líderes do comitê central estão tratando de explicitar as intenções do partido ao se posicionarem insistentemente como partidários do pluripartidarismo, da liberdade de expressão e do livre debate político, coisas absolutamente inexistentes na União Soviética, país que consideram o modelo exemplar do socialismo contemporâneo. Portanto, eis que se aproxima o momento de um confronto de forças e idéias sem precedentes no Brasil. Isto porque as forças da esquerda libertária compreendem que é uma questão de sobrevivência a luta pelo desmascaramento do caráter centralista, burocrático, militarista e o prussianismo implícito na ideologia do PCB. Está, sem dúvida, um tarefa difícil, pois quem não conseguiu identificar o reacionarismo dos comunistas por conta própria, deve ter uma cabeça realmente muito dura ou então, simplesmente, simpática ao totalitarismo.

Em todo caso, não temos dúvida nem ilusões em relação ao tipo de tratamento que nos seria dado caso os adeptos do PCB viessem a alçar uma posição que correspondesse a uma parcela, infima que fosse, do poder. Seríamos perseguidos, manietados, reprimidos, impedidos, enfim de prosseguirmos na nossa crítica histórica e revolucionária aos novos senhores e tutores da humanidade. Toda a história de barbaridades cometidas contra os movimentos libertários, desde a Comuna de Paris até as autogestões operárias na guerra civil espanhola, passando por Kronstadt e a machkovitchina, seriam reeditados com violência redobrada.

Nós, libertários, estamos convictos de que a legalização do stalinista PCB irá se somar às ameaças que já sofremos do regime ora no poder. Sim, porque o PCB não assusta o regime assim como não assusta a burguesia. O regime é a burguesia sabem que não devem temer o que aspira compartilhar a legalidade criada por eles próprios. O verdadeiramente temível, é a existência de um movimento libertariamente anti-legal, irreconciliável com a legalidade burguesa, insolente, insurgente, inquebrantavelmente crítico, revolucionário. Eis o que não podem suportar. O conceito que o mais reacionário general do regime faz dos libertários

em nada difere da opinião do mais "democrata" dos comunistas-marxistas. Ai está um dos pontos de união que os fazem coniventes e responsáveis um pela existência do outro.

Entretanto, é esta revelação das relações e afinidades entre o poder governamental e o aspirante ao mesmo poder estatal que deve ser estimulada e incansavelmente denunciada pelos libertários. Não nos iludamos; os comunistas jamais admitiram conviver com a crítica dos anarquistas. E isto se torna facilmente compreensível se nos lembrarmos que a doutrina dos comunistas não tem condições de resistir nem ao peso comprometedor de sua própria história. Por isto, os comunistas não hesitarão em lançar mão de todo o aparato propagandístico de que dispõem para tentar neutralizar a nossa ação crítica. Toda a experiência adquirida em décadas na prática da colônia e da traição estará voltada contra os que ousarem por a nu a estrutura carcomida e viciosa do PCB. Pois bem; não recuaremos um único passo. Não cederemos um único palmo do terreno conquistado pelos libertários de todo o mundo. Não permitiremos que tenha sido em vão o sangue generoso e livre dos anarquistas, derramado nos campos de luta em defesa da liberdade, sangue que hoje, mais do que nunca, tinge os cárceres das ditaduras de todas as cores. Manteremos alto a bandeira negra de todas as emancipações, de todas as liberdades, de todas as solidariedades e de todos os amores. Que venham então os alquimistas com suas mirabolantes fórmulas de conluios políticos. Libertários que somos, defenderemos o direito do marxista de dizer o que, de resto, todos estão cansados de saber. Mas que fique claro, tornaremos ainda maior os nossos esforços para fazer chegar às consciências proletárias o caráter intrinsecamente autoritário, reacionário, irreversivelmente anti-revolucionário do programa comunista-marxista. Faremos também com que chegue ao conhecimento do trabalhador, quem entregou a Espanha nas mãos de Franco. Quem assassinou os camponeses ucranianos. Quem massacró os marinheiros de Kronstadt. Quem andou fazendo alianças com Hitler. Quem classifica a ditadura Videla de progressista. Quem manda a oposição para o manicômio. Quem fornece armas a Idi Amin. Quem as fornece a Pinochet. Quem manda os homossexuais para os campos de trabalho forçado. Quem manteve Hubert Matos, ex-combatente na Sierra Maestra, preso vinte anos. Quem invadiu e brutalizou a Hungria. Quem tiraniza o povo tcheco-eslovaco. Quem beija as mãos da burguesia e aperta as de Carter. Quem faz alianças com os partidos burgueses visando abocanhar uma fatia do poder. Eis, entre outras coisas, o que vamos fazer. Que se apresentem então os alquimistas e nos refutem, se puderem.

JORGE ROBERTO DE SA



# BRASIL: de Carmen Miranda a Figueiredo

RICARDO LÍPER

Recentemente, eu li uma entrevista de Paulo Francis a uma revista de luxo: Interview. Gosto do estilo dele e da maneira, a meu ver, demolidora de mitos, com que diz certas verdades. Não gosto muito da revista. Mas isso é uma outra história.

Nessa entrevista ele coloca um problema muito delicado e acredito de primeira ordem: perceber a realidade das coisas e dizê-la independentemente de quem ferir ou, na maioria das vezes, prejudicar o próprio autor. Sempre me identifiquei muito com isso. É preciso dizer que achamos ser a verdade. Não estou dizendo que sabemos exatamente a verdade como uma entidade mística mas podemos ter certeza de que o que muita gente está dizendo é mentira. É, sobre o Brasil, mente-se tanto que algum dia pensaremos até que esse país nunca existiu.

É preciso se desmascarar o que acreditamos ser mentira. Se não me engano, Bertrand Russel foi quem disse que é melhor estarmos sozinhos com a verdade do que com a multidão na mentira. É duro, reconheço. Um grupelho, agressivo e bem organizado, intimidado. Uma ditadura militar feroz, querendo fazer, pela força do revólver, sua verdade, intimida muito mais. Mas, dizer a verdade despolpa o fígado. O que podemos fazer...?

Muitos já morreram porque falaram e continuarão a morrer. Chega a ser patético que, numa sociedade complexa como a nossa, a voz de uma única pessoa possa ser tão perigosa. É patético e conformante. Nós ainda podemos muito...

Só muita coragem faz com que consigamos berrar. A evolução da sociedade é resultado do grito contra o embuste. É importantíssimo gritar contra a mentira seja ela o que for e em benefício de quem ou do que seja dita. Não repetirei a fábula do rei nu mas recomendo que releiam com atenção.

O problema é a abertura brasileira. A quantidade de mentiras a respeito não dar mais para se suportar.

A diretoria quer fazer crer que a abertura é resultado da bondade ou da consciência de um grupo de "bons" brasileiros que resolveram redemocratizar o País. Seriam homens que devido a um caráter superior, uma misteriosa paixão democrática saída do seio do SNI (sic) viesse às ruas para dar de presente, aos brasileiros a democracia.

Ora, aqueles que passaram dos romances de Adelaide Carraro sabem que ocorreu foi uma crise econômica extremamente profunda e estando o País nas mãos de um grupo autoritário não pôde fazer as reformas econômicas necessárias a uma adaptação da economia capitalista a modelos mais eficientes que permitissem, sem se afastar do capitalismo, continuar o processo de desenvolvimento.

Aconteceu então o impasse. O "milagre brasileiro" espantou-se e a crise econômica séria começou a incomodar todo mundo. As medidas tomadas pelo arbítrio só faziam aumentar os descompassos de nossa economia, prejudicando as classes dominantes daqui e das metrópoles.

Eram medidas pueris, mentalizadas em quartéis. Pacotes, depósito compulsório, arrochos. Muitas dessas medidas em vez de fazer o capitalismo avançar dando maiores dividendos, estacionavam a economia, criando maior inflação e prejudicando interesses de "nossos amigos" do Norte.

As classes dominantes começaram a ficar descontentes. Os ruidosos populistas da época de Jango amadureciam no exílio, faziam algumas promessas de bom comportamento.

Por outro lado, a economia americana atravessou sérios reveses que se refletiram na sua política exterior após a guerra do Vietnã e o caso Watergate. Mudaram um pouco de estratégia imperialista. A burguesia americana resolveu abrir uma brecha a áreas mais esclarecidas e maliciosas da política para evitar que as crises econômicas da metrópole se estendessem pelas colônias. Os governos implantados a força não tiveram a habilidade de resolver os problemas concretos do desenvolvimento econômico criando, pelo contrário, um arrocho que paralisou o processo evolutivo da economia e, portanto, os grandes lucros.

Era hora de mudar.

Dar oportunidade ao povão de se distrair com a participação política e assim ter a ilusão que também é responsável pela crise. Por sua vez, a participação das massas no processo evolutivo da política nacional é interessante porque elas através de greves economicistas vão conquistando um equilíbrio de salário que amortece maiores confrontações sociais. E a democracia é um brinquedo que ilude perfeitamente as camadas mais oprimidas, se for bem orquestrada pela classe dominante. O modelo democrático é interessante, principalmente com a casa limpa porque permite, numa crise econômica, utilizar melhor o povo desviando as conseqüências revolucionárias das crises em direção de correções periféricas no capitalismo.

As classes dominantes perceberam que assim sairiam, mais uma vez vitoriosas e, o mais importante, com muito maior lucros do que se continuasse nos pacotes e no arrocho que muitas vezes atingia aos seus próprios tentáculos.

Somoza não teve tempo para perceber isso ou foi muito tolo para não querer entender. Foi despedido pela CIA que, carrancuda com o ditadorzinho, não lhe deu importância, preferindo negociar a situação do Caribe com os filhos de Sandino e com o barbudo Fidel para que todos que estão no poder ganhem. É evidente que o que interessa a burguesia americana é lucrar. O resto é de menor importância. E ela já percebeu que o melhor numa causa é o acordo. Os comunistas também querendo lucrar, já compreenderam a "jogada", arrisco dizer até na China. Já se pode, para que a burguesia internacional durma tranqüila, até fazer-se negócios da Cinha...

Ora, o Brasil não poderia ficar de fora dessa nova estratégia internacional do imperialismo americano.

## O ESQUERDÃO

E o Esquerdão?

O Esquerdão ainda não aprendeu que, atualmente, não se faz revolução e muito menos se toma o poder, mentindo.

O que caracteriza o Esquerdão é ter uma "vanguarda" que se diz iluminada com a dialética e o materialismo histórico para analisar a realidade nacional para a massa, para eles, desorganizada, ignorante e burra.

A verdadeira esquerda revolucionária é aquela que aboliu esta vanguarda iluminada e democratizou a revolução no seu próprio processo. A meu ver, o problema central do socialismo é a infiltração da pequena burguesia intelectualizada na política operária sob a forma de vanguarda dirigente. Só existe socialismo operário sem vanguardas dirigentes.

Pois bem, vamos admitir, por um momento, que esse esquema marxista de fazer política seja operante. (Operante ele

delicado da história. A repressão que tem a força e interesses econômicos de endurecer mais a ditadura aproveitou o presente dado pela vanguarda pequeno burguesa do movimento operário. O que foi o terrorismo brasileiro? Desespero de uma vanguarda tresloucada e burra que queria fazer revolução com o heroísmo de Robin Hood? Quem teorizou a loucura que endureceu o país razoavelmente mais, que matou várias pessoas ainda adolescentes, que torturou milhares de pessoas? Será que já não está na hora de fazerem autocrítica pública? Ou não vão fazer? Vão pousar de heróis o tempo todo? Ou de vítimas? E a burrice de optar pelo terror no momento mais crítico da nossa convulsão política? Quem teve essa "brilhante" idéia?

É impressionante como não se compreendeu que o modelo autoritário era necessário a burguesia no momento histórico de 64 por razões de natureza econômica e política para efetuar reformas que há 15 anos atrás eram importantes para o poder.



pode ser em determinado momento histórico, mas conduz a novas formas de sociedades de classes e, portanto, nunca a libertação do operariado que é o que interessa). No Brasil, entretanto, a vanguarda tem sido de uma incompetência engraçadíssima: a vanguarda que tenta dirigir as contestações sociais é incompetente como vanguarda. A direita sempre deitou e rolou nas burradas da nossa esquerda vanguardeira.

O intelectual brasileiro é oriundo de uma classe média em formação. Isso significa que é uma classe contraditória, espedaçada entre uma e outra prestação do BNH, refletindo dentro de suas casas os mais loucos conflitos. A atividade intelectual passa a ser um refúgio dessa pequena burguesia que aspira a tomada do poder.

Mas devido ao processo de desorganização de classe essa facção pequeno burguesa que vai optar pelo socialismo autoritário como solução de classe e de sua existência vai ser incompetente naquilo que se propõe a fazer: a atividade intelectual e política de vanguarda do movimento operário.

Como embrião de classe dominante do futuro, ela transporta para o presente toda sua incompetência ao analisar a realidade nacional e o pior, acredita ou faz acreditar ao seu escalão menor, que está com a razão e os bota para agir. Só que a história não é a mãe dessa vanguarda adolescente de país subdesenvolvido.

Há uma tendência nesses rapazes de se acreditarem sempre a beira de tomar o poder. No golpe de 64, acreditaram nisso e partiram para as ruas a berrarem palavras de ordem. A burguesia e seus asseclas sabiam muito bem que eles eram uma minoria, relativamente bem organizada, mas sem forças. Deram o golpe. Não necessariamente por causa deles, mas aproveitou o seu discurso e se justificou. Aquela história de conspiração comunista, etc., etc., etc.

Nos primeiros anos da repressão a vanguarda enlouqueceu de vez. Resolveu fazer oposição ao regime de qualquer jeito. Sem armas, sem força, sem organizações de base que nunca conseguiram manter seriamente, passaram a agitar por agitar. A burguesia que tinha interesse em fechar o país e assassinar de foto e de direito a democracia não pestanejou; foi atarrachando os brasileiros. A vanguarda burra foi sendo usada. Era um fantasma usado como desculpa da direita para justificar seus reais interesses de planejar a economia em pacotes e arrochar os salários de todo mundo. Surge o terrorismo no momento mais

Havia a necessidade de um modelo político autoritário que resolvesse as crises que começavam com a paralisação relativa do "boom" econômico populista de JK que é, por sua vez, a continuação das reformas sociais de Vargas.

A forma autoritária seria a ponte que faria o Brasil atravessar um processo de desenvolvimento necessário a continuação do sistema capitalista reorganizando-o para atingir formas mais desenvolvidas de capitalismo. Podemos dizer que não deu certo mais a ideologia do golpe de estado de 64 era, em linhas gerais isso.

A vanguarda abstraiu, de forma inconseqüente, e megalomaniaca pensou que o golpe de 64 tinha como única finalidade reprimir os obscuros grupos políticos comunistas que sonhavam com o poder.

A revolução foi uma reação da direita do país, a serviço de potências estrangeiras, para organizar a casa em termos de uma visão direitista da economia e seu desenvolvimento. Fizeram a mudança política para corrigir os demandas de uma administração anacrônica, punir os corruptos, corrigir os atrasos nos setores públicos e privados e isso só poderia ser feito com um golpe autoritário. A vanguarda intelectual de esquerda que se acreditava no poder e chamava Arraes, Brizola, e Jango de um dos seus..., serviria de pretexto para justificar uma aberração política: o assassinato do fraco liberalismo brasileiro.

A burguesia internacional sempre despede seus empregados quando eles são incompetentes em dirigir seus negócios. Quando há muita ingenuidade, corrupção ou quando as organizações administrativas estão embaraçadas por vícios incorrigíveis numa democracia. Poderia citar vários exemplos que vão desde Peron até Idi Amin Dada e Somoza passando pelo engraçadíssimo Bokassa I. O problema de Jango é que ele não dava lucro e, para a burguesia era incompetente, franco a merecer de demagogos que terminariam por fazer o país viver a beira da falência onde as negociatas e a corrupção terminariam por criar a necessidade de uma revolução popular.

Antes que o mal crescesse a burguesia retomou o poder. O exército reorganizou o circo e agora vai dar a abertura porque interessa às classes dominantes injetar na economia formas mais dinâmicas de desenvolvimento e isso é compatível com uma democracia planejada.

O problema dessa vanguarda pequena burguesa que está voltando do exílio é que não percebeu isso. Não analisou cor-



# BRASIL...

retamente o desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Minimizou o processo de desenvolvimento real do país e a partir daí foi de burrada em burrada.

Pode-se dizer que a vanguarda de esquerda que pretende dirigir as massas brasileiras é de direita de fato. É de direita porque com sua incompetência se deixa facilmente utilizar pela direita para atingir seus objetivos.

O problema do país sempre foi a organização e conscientização dos trabalhadores para que possam, fortemente organizados, influir nas crises do capitalismo desalojando a burguesia do poder.

Esta vanguarda nunca propõe isso porque está embaraçada nos modelos vanguardistas de Lenin e do advogado Fidel. Acreditando que desde que a vanguarda estiver bem situada e consiga manipular as massas, podem tomar o poder. O que interessa é ocupar espaços políticos onde possam exercer essa manipulação. Às vezes, por incrível que possa parecer, acreditam que um grupo armado possa desencadear a revolução. Prestes já tentou com retumbante fracasso e o PCdoB repetiu, a mesma aventura, no Araguaia com o mesmo retumbante fracasso.

## GUERRILHA DO ARAGUAIA

Na guerrilha do Araguaia havia uma análise da realidade nacional que indicasse ser esse o momento certo? Onde estavam as condições pré-revolucionárias que só a incompetência enxergou? Seria didático: as contradições do país, mesmo as periféricas indicam que um movimento guerrilheiro num país tão grande como o nosso e tão diversificado teria alguma possibilidade de sucesso?

Era essa a forma de luta melhor contra a ditadura? Ou não seria mais estratégico a tentativa de organizar, de forma mais ponderada, e consciente o operariado sempre a mercê de demagogos e pelegos da burguesia? Não era uma necessidade a luta concreta pela democracia? E onde está uma auto-crítica ruidosa? Timida tem porque ninguém também é tão burro para acreditar nas mesmas pessoas depois de tantos erros. Mas, alguém tem de haver uma auto-crítica tão ruidosa como são seus ilustrados e divulgados ensaios políticos. Onde fica a responsabilidade política?

Bem, mas deixemos o passado.

A abertura se inicia sobre o monte de fracassos do esquerdão com sua vanguarda exilada choramingando pelos boulevares parisienses ou na cidade que Nero um dia incendiou.

Mas o esquerdão não muda. Reinicia com as mentiras os conchavos, as velhas táticas de dirigir as massas alienadas acenando-lhe causas justas. Espalham e acreditam que eles é que são responsáveis pela abertura. Estão fazendo a democratização do país.

Uma abertura dada de cima para baixo tendo como causa profundas crises econômicas seria dada ou conquistada por um esquerdão elitista e pequeno burguês que botou a cabeça para fora agora porque o governo permitiu e novamente pretende utilizá-lo e, os vanguardistas, nem ainda se aperceberam disso.

Saíram festivamente a cabeça de cada greve. Apedrejaram jocosamente tudo que viam na frente. E o pior e o mais grave, acreditem ou fingem acreditar que o Governo está recuando diante deles verdadeiros heróis de futura revolução.

O que ocorre e ocorre muito mal é uma ocupação de espaço político pelos grupos políticos organizados dentro de um autoritarismo que pensava eu, o exílio tinha melhorado. A mentira é se dizer forte o suficiente para forçar recuos. Força política é sindicato, é povo consciente, organizado e não vanguarda trêsloucada ocupando o espaço com um curriculum vitae sujo e já há muito desmoralizado. Agora a mentira é perigosa.

Fazer crer que eles são que estão, através de greves e atos públicos fazendo o poder recuar é um grande embuste. Agora, a verdade é que essas manifestações faz com que essa vanguarda atinja um certo grau de liderança de alguns movimentos reivindicatórios. Assim, é que está a grande jogada. Ocupação de espaços. Agora para o grande público e escalão menor diz-se que está se lutando para conquistar a democracia. Já está a grande mentira.

A democracia de fato, se vier, não passará de uma grande jogada da burguesia para resolver seus impasses econômicos, nunca do esquerdão que, como sempre ocorreu na história do Brasil, está sendo pegado de surpresa e empurrado para frente ocupando, apressado, os espaços abertos.

Entretanto a história atual, não é dos oportunistas nem dos mentirosos. A burguesia está domando o PC e o PC do B é uma coisa pequena sem muita importância.

O peceção está disposto ao democratismo burguês bem comportado para ter sua mordomiazinha (a Rússia já deve ter se entendido, a respeito, com Washington). O PC do B ficará dando gritinhos histéricos mas entra direitinho também no esquema.

Os outros grupos vanguardistas me recuso a analisar; "Isto é", já fez com um deles uma análise muito boa, e não influirão no cenário nacional e nem sabemos se sua existência é contínua. Em resumo: são inexpressivos. Se continuarem a existir serão empurrados ou massacrados pelos peçês. Sendo que o Peceção fraco, de fato, mas endireitado, (óbvio), monolítico e ossificado ficará por aí agitando, de forma hegemônica.

As mudanças da história no final do século XX não serão mais feitas por essa gente que apesar da barulheira que fazem não mais possuem a vigência histórica necessária para coordenar uma verdadeira mudança da sociedade quando o momento se fizer necessário, daí o recurso da mentira e do falso

heroísmo. Eles querem fazer crer que quem democratizou o país foram eles através do MDB e diretórios acadêmicos. Se o país se democratizar de fato será feito pela burguesia interessada em mudar aspectos políticos e econômicos para melhor se adaptar a dinâmica econômica do capitalismo atual, o resto... o resto são brioches...

Glauber Rocha, que saiu do mობral político e fez o supletivo na Europa, foi profético em apoiar o governo e os generais como uma força que iria abrir o país numa democracia. Por que Glauber Rocha não entrou pro MDB? Ficou com os generais. Gozou toda a vanguarda esquerdizante do país. Profetizou e viu cumprida sua profecia. As esquerdas chamaram ele de tudo. Agora estão aí com cara de banjo. O que o rapaz disse está se

cumprindo. Chamaram o moço de tudo. De direita, de isso e aquilo, vomitaram idiotices esquizofrênicas como sempre fazem quando alguém a desmitifica, e agora tá aí com cara de mamãe sacode. Os debilóides ainda acreditam que é o MDB que eliminou o depósito compulsório e deu a anistia. A esquerda brasileira é uma festa. Não pode ser mesmo levada a sério. É engraçadíssima.

Não pretendo esgotar aqui uma análise da realidade brasileira e de sua esquerda autoritária. Existem muito mais variações e aspectos interessantes a tratar.

Só me detive a analisar os aspectos mais conflitantes e mentirosos de um período que poderíamos chamar o período de Carmem Miranda a Figueiredo.



## ALIENISMO

AUGUSTO CÉSAR MAIA

*Unidos venceremos!  
Mas como será?  
Como eu ainda não sei  
Só sei que  
está para vir  
Quando será?*

*Quando, não sei  
Só sei que  
está breve  
Todos sabem?  
Não sei  
Só sei que  
todos querem  
Como assim?*

*Não sei  
Só sei que  
tem que ser assim  
E a pressão?  
Não sei  
Só sei que  
temos que combatê-la  
E se perderem?*

*não sei  
Só sei que  
devo lutar  
lutar por quê?  
Porque não sei  
Só sei o que  
mandam-me falar.*

## PROUDHON

Sobre a ditadura  
do proletariado;  
1864:

"Uma democracia compacta na aparência, baseada na ditadura das massas, mas na qual as massas não têm poder maior que o necessário para assegurar um sistema de servidão geral, de acordo com os preceitos e princípios tomados ao absolutismo antigo: indivisibilidade do poder público, centralização geral, destruição sistemática de todo pensamento individual, cooperativo e regional (considerado desunificador) e polícia inquisitorial."

## BAKUNIN

"Marx chamou-me um idealista sentimental, e tinha razão. Eu chamei-lhe sombrio, convencido e desleal, e tinha razão também".



# Sindicalismo no Brasil: ontem e hoje

## 1 — O que é Sindicato?

Célula da organização corporativa, constituída por operários da mesma profissão, da mesma indústria ou executando trabalhos similares ou correlativos. O objetivo do sindicato é tornar-se uma força, é criar para seus associados, condições capazes de resistir às ambições patronais. É um agrupamento formado no terreno econômico, sem necessidade de uma vida preconcebida; são interesses que estão em jogo; e todos os operários que têm interesses indênticos aos do agrupamento, podem filiar-se nele, sem necessidade de declararem quais são as suas idéias em matéria filosófica, política ou religiosa. O sindicato dentro do seu prisma orgânico, parte do simples para o composto, ou seja, do agrupamento de indústria para a União de Sindicatos; da União de Sindicatos locais para as Federações Regionais e das Federações para a GRANDE CONFEDERAÇÃO NACIONAL.

Dentro do conceito sindicalista, há modalidades distintas, ou sejam: Sindicatos Reformistas, Autônomos, Políticos, Mutualistas, Benéficos, Fascistas, Religiosos e Sindicatos Revolucionários.

## 2 — Os Sindicatos Anarco-Sindicalistas

Idéia Universal que tem como ponto alto a Solidariedade Humana. É uma doutrina e um método de luta. Como doutrina, parte do elemento humano, célula componente da sociedade. Dentro deste prisma, prevê, entre suas múltiplas funções, a educação social, instrução e cultura até ao máximo da preparação artística, técnica e científica em ordem crescente, evolutiva, de modo que o indivíduo adquira todos os conhecimentos indispensáveis à boa formação física, psíquica, ambiental, sempre baseada na liberdade plena, na solidariedade e no apoio mútuo. Almeja para além das conquistas econômicas uma sociedade de irmãos, dentro do harmônico e integral desenvolvimento das múltiplas energias e necessidades afetivas, intelectuais e sociais, partindo da criança ao adolescente, para o adulto, com vistas a prepará-los para erradicar os males deformadores do caráter: o egoísmo; o domínio do mais forte, mais inteligente ou mais audacioso, sobre o mais fraco, menos capaz ou menos favorecido pela inteligência.

É uma idéia que pretende ligar os homens emocionalmente pelo coração e associá-los voluntariamente por interesses comuns. Onde a liberdade plena, responsável e a igualdade de possibilidades são elementos da maior importância cultivados dia-a-dia como a saúde, a vida, pela grande valia que tem para um mundo humano e justo para todos.

Como método de luta, pretende anulação do Estado, das leis e do capitalismo. Sua força reside num conjunto de agrupamentos voluntários, ligados também voluntariamente, em função de igualdade social. Propõe-se liquidar através da ação direta, os males da sociedade burguesa, como realização prática e experimental — porque é permanentemente evolutivo — baseado em leis científicas, sociológicas e psicológicas até atingir o pleno desenvolvimento progressista de justiça social e alcançar pelo trabalho coletivo, autogestionário, a igualdade de direitos, de deveres, e construir até atingir uma sociedade onde todos os seres humanos possam coexistir pacificamente, produzindo e usufruindo das riquezas naturais e do trabalho de todos em favor de todos.

Para este tipo de sindicalismo um Homem vale um Homem, a sua preservação e desenvolvimento é o primeiro e mais importante passo até integrá-lo no mundo da natureza, ecologicamente falando, para torná-lo um produtor consciente, com direitos e deveres iguais, e transformar as nações numa imensa comunidade de irmãos convictos!

## 3 — Os Sindicatos Políticos e Reformistas

Organismo imposto e regulado por leis estatais e governamentais que objetivam obrigar o trabalhador a se deixar conduzir em grandes grupos ou líderes que pensam pelo operário, decidam por ele, ditam-lhe o que pode e deve fazer nos locais de trabalho, planeja aumentos salariais sem o ouvir, e decreta-os. É um órgão esterilizante: que impede a luta de classe, previne conflitos sociais, traz para a vida do operário os processos de ciliação parlamentar, jurídica e infunde-lhe idéias e interesses políticos. Em suma, por meio deste organismo, os governos controlam e determinam através de leis, o que o trabalhador pode ganhar, ipso facto, o que pode comer, vestir, calçar, estudar, e onde pode e deve morar. O Sindicato político ganhou formas definitivas na Itália pela mão do "GRANDE CONSELHO FASCISTA", ou mais exatamente, do ex-socialista Mussolin e seus companheiros de triste memória. O da Alemanha Nazista também, foi modelo sindicalista para muitos países. Exportado, teve boa receptividade no Brasil a partir de 1930 e em Portugal a partir de 1926, por obra e graça de Getúlio Vargas e Salazar, respectivamente.

O modelo soviético, implantado em 1919, quando da fundação da 3ª Internacional (COMINTER) e depois a INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA (PROFINTERN), um tipo sui generis, onde existe o PALÁCIO DOS SINDICATOS (palco de "grandes congressos sindicais") e líderes sindicais sem sindicatos agindo junto aos locais de trabalho, com poderes de decisão sobre os trabalhadores de cada polo de produção, também é modelo para muitos países, principalmente para todos os seus satélites.

No entanto, nos países onde os partidos comunistas têm liberdade de ação, como Portugal, Espanha, etc., França, Itália e agora no Brasil usam os sindicatos para ajudar o partido a vencer eleições, a conquistar posições vantajosas tal como qualquer partido político.

Hoje estamos a procura de uma classificação... procuramos adivinhar a quem servem tais sindicalistas.

## 4 — AS GREVES segundo o conceito Anarco-Sindicalista

As greves operárias no Brasil datam de épocas bem recuadas no tempo. Dir-se-ia que a primeira de que se tem notícia foi

declarada no ano de 1791, nas oficinas da Casa das Armas do Rio de Janeiro, em razão da falta de pagamento, é o que comunica ao Governo da Metrópole o Conde de Rezende (Trabalho e Conflito — E. R. — Rio de Janeiro, 1977). Setenta e oito anos antes (1713), no Piauí, um índio de nome Manoel, educado pelos jesuítas, pleiteou a redução do horário de trabalho, antecedendo mais de UM SÉCULO os Mártires de Chicago (Obr. citada). Mas as lutas de classe, organizadas só principiariam a ganhar êco no Brasil, a partir da última década do século dezanove, com a chegada do braço estrangeiro, do emigrante.

Vale dizer que as greves não tinham como único motivo aumentos de salário. Eclodiam greves de efeitos morais, de protesto, de solidariedade, por redução de horário de trabalho, por questões de higiene nos locais de trabalho, contra a falta de limpeza nas padarias, nos bares (ao tempo os açucareiros eram abertos e serviam de almoço às moscas), entre outros motivos, sem falar das de cunho insurrecional, como a de S. Paulo, em 1917, a do Rio de Janeiro, em 1918, e a de 1922, pelas 8 horas de trabalho diárias nas DOCAS DE SANTOS, quando a cidade foi transformada em praça de guerra, o Dr. Ibrahim Nobre, delegado de polícia política, CAÇAVA OS OPERÁRIOS A LAÇO, A LUZ DO DIA, EM PLENA RUA, e o governo mandava dois navios de guerra para bombardear a cidade... Ai sim, as greves obedeciam a um critério seletivo de consciência de classe e tinham a guiá-las, a orientá-las, a impulsioná-las um motor de propulsão ideológico, a idéia sindicalista revolucionária. No Brasil, os elos de ligação operários eram jornais como "A PLEBE", em S. Paulo; "VOZ DO POVO", no Rio de Janeiro; "A HORA SOCIAL", em Pernambuco; "VANGUARDA OPERÁRIA", S. Paulo, quatro diários; "LA BATAGLIA",



Operário no Brasil é tratado a balas: trabalhador morto em Belo Horizonte pela polícia; julho de 1979.

semanário em idioma italiano, "LA LUCHA OPERÁRIA", semanário em castelhano e mais de meia centena de jornais e revistas. Semanários, quinzenários e mensários ou periódicos, todos feitos, pagos, distribuídos e escritos por trabalhadores para trabalhadores. Muitos operários subtraíram aos seus já magros salários uns poucos tostões, com os quais contribuíam, juntamente com os demais companheiros, num verdadeiro mutirão de princípios anarco-sindicalistas, para tornar possível a doutrinação e o esclarecimento (quando as greves eram contra aumentos de gêneros de primeira necessidade) visando a tornar cada trabalhador um produtor conhecedor dos seus direitos e deveres!

Para essa propaganda conscientizadora, contribuíram operários portugueses, italianos, espanhóis, argentinos, uruguaios, franceses, alemães, e de outras nacionalidades em menor escala. Os brasileiros, egressos das fazendas, iam se integrando lentamente já que a mão-de-obra especializada, profissional, vinha quase toda do estrangeiro, não obstante a luta destes trabalhadores para entremear suas entidades de classe, com os operários nacionais, filhos de ex-escravos carregando as marcas psicológicas de um condicionamento de que foram vítimas durante séculos.

No Movimento Anarquista — que fornecia os motores de propulsão ao movimento operário, a maioria de seus militantes também, eram operários — vieram colaborar alguns intelectuais brasileiros, entre eles os médicos Fábio Luz, Francisco Viotti, Reinaldo Frederico Greier, Martins Fontes; Professores José Otília, Maria Lacerda de Moura, Álvaro e Luiz Palmeira; advogados como Ricardo Gonçalves, Benjamin Mota; engenheiros como Orlando Corrêa Lopes; escritores Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto, Rocha Pombo, Manuel Curvelo de Mendonça, somando o seu esforço aos dos estrangeiros Neno Vasco, Manuel Campos, Giovanni Rossi, Giggi Damiani, Alexandre Cherciai, Oresti Ristori, Florentino de Carvalho, Adelino Pinho, João P. Gutierrez, Souza Passos, Frederico Knidt, Paul Berteloth, Artur Campagnoli, o russo J. Sféno-vitch e tantos outros.

Divulgou-se então, no Brasil — operário o sentido legítimo da greve, sem fins políticos, eleitoreiros, à base dos aumentos de

salário — aumento do custo de vida, mas objetivando reduzir as distâncias entre o patrão e o empregado, tornar o patrão menos rico, o operário menos pobre até alcançar um nível de igualdade social, com direitos e deveres iguais.

A greve, na pior das hipóteses, baseava-se no conceito emitido pelo ganhador de um concurso lançado por revista alemã, em 1914 "oferecendo 200 marcos a quem apresenta-se a melhor síntese e a mais clara razão da greve, capaz de caber num bilhete postal, divulgada no Brasil (veja a revista "A VIDA" — Rio, 30-11-1914) assim explicada: "COMO OPERÁRIO, SÓ POSSUO UMA MERCADORIA PARA VENDER: MINHA FORÇA DE TRABALHO. QUERO TER O DIREITO DE VENDÊ-LA, A UM PREÇO JUSTO, DECOROSO, ISTO É, AO PREÇO MAIS ELEVADO POSSÍVEL, TAL COMO O PATRÃO QUE ME DÁ TRABALHO, FAZ COM A MERCADORIA QUE PRODUZO.

ALÉM DISSO, E SEMPRE DE ACORDO OU EM CONFORMIDADE COM OS MÉTODOS SEGUIDOS PELO PATRÃO OU CAPITALISTA, EU FAÇO PARTE DE UMA ASSOCIAÇÃO QUE ESTABELECE O PREÇO A QUE DEVO VENDER A MINHA FORÇA DE TRABALHO. MEMBRO DESSA ASSOCIAÇÃO, POR ESSE FATO ME OBRIGO A NÃO VENDER A MINHA ÚNICA MERCADORIA A PREÇO MAIS BAIXO DO QUE O ESTABELECIDO. SE EU NÃO QUERO PAGAR AO COMERCIANTE A SUA MERCADORIA PELO PREÇO POR ELE FIXADO, ELE NÃO ME VENDE, SE NÃO QUER PAGAR PELA MINHA MERCADORIA O PREÇO QUE FIXAMOS, EU NÃO LHA DOU. EIS A GREVE".

Milhares de vezes os trabalhadores do Brasil fizeram uso deste conceito chegado da Europa, para exigir melhor paga pelo seu trabalho e um tratamento mais humano e mais digno para todos. Foi um Movimento de rasgos épicos que a história há de registrar em que pese a má vontade dos escritores, sempre dispostos a desfocar a luta de classes — salvo raras exceções — de fundo e forma libertária, impulsionada pelas anarquistas!

Mas se esta luta heróica mereceu o apoio irrestrito de uns poucos intelectuais brasileiros de então, atraiu também para os seus mais esclarecidos orientadores a ira dos políticos, dos industriais e dos governantes que se faziam ouvir pela voz dos castetes das autoridades ou deportando e expulsando sem julgamento. E como se isso não bastasse, dispersavam os atos de solidariedade com base nas patas dos cavalos e na ordem dos chanfалhos, assaltando as associações operárias e carregando os seus pertences para as delegacias policiais.

Mais de um milhar de idealistas foram expulsos — boa parte sem registro policial — durante os governos de Rodrigues Alves, Wenceslau Braz, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luiz e Getúlio Vargas. Outros foram caçados a laço e jogados nas selvas amazônicas ou foram morrer no CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DA CLEVELÂNDIA, fundado pelo Sr. Artur Bernardes, no OIAPOQUE.

A greve dentro do conceito Anarco-Sindicalista é um meio de luta e não um fim. Por meio das greves o trabalhador pretende atender às necessidades imediatas, mas o seu alcance é bem mais amplo, evolutivo até atingir um estado de insurreição geral e a transformação social. A organização Geral Anarco-Sindicalista tem como meta primeira:

### a) No Plano Econômico:

O Trabalhador;  
O Comitê de Oficina (órgão do Sindicato industrial);  
O Conselho de Fábrica (órgão do Sindicato industrial);  
O Sindicato de Indústria;  
A União Local dos Sindicatos;  
A União Regional dos Sindicatos;  
A Federação Nacional da Indústria (órgão técnico);  
A Federação Regional da Indústria (órgão técnico);  
A Confederação Geral do Trabalho;  
O Conselho Econômico do Trabalho (órgão técnico);

### b) No Plano Político:

O Indivíduo;  
A Comuna, com os seus serviços especiais (todas em autogestão);  
A Federação Regional de Comunas (com os seus secretariados especiais);  
A Federação Geral das Comunas (com os secretariados especiais);  
O Conselho Econômico e Social;  
O Grande Conselho dos Trabalhadores;

### c) No Plano Social:

Secretariado de permutas e distribuição com seus escritórios e armazéns;  
Secretariado de Habitação;  
Secretariado dos Trabalhadores públicos e transportes;  
Secretariado de Estatísticas;  
Secretariado de Higiene;  
Secretariado de Segurança Social;  
Secretariado de Educação e Férias;  
Secretariado de Assistência Social;  
Secretariado de Relações Exteriores e outros organismos que o tempo venha apontar como necessários.

Edgar Rodrigues

(continua no próximo número)



# CONTRA O SECTARISMO

O espírito anárquico é essencialmente avesso a quaisquer fanatismos. Sendo ansia de liberdade, não pode querer dogmas, nem disciplinas, nem mandamentos humanos ou divinos e, muito menos, iniquidades, santos-ofícios, índices e autos-de-fé. Pregando o trabalho livre, o pensamento livre, o amor livre, a ação livre, não aceita nenhuma limitação às faculdades intelectuais ou emotivas, nem reconhece bitolas, cremalheiras, pautas, à exteriorização de idéias ou sentimentos. Só o indivíduo tem o direito de dirigir seu raciocínio, regular sua linguagem, enfiar seu estilo, moderar seu juízo, orientar sua ação.

O anarquismo combate a todo transe o despotismo de qualquer feição, o feitorismo de toda casta, tudo quanto lembre mandonismo, chefia, canga, subserviência, dominação física, mental ou moral. Assim, repele o regime carcerário do capitalismo, condena às fábricas de doutores, padres, militares, homens vazados num molde único, manequins talhados num só modelo, manpanços cujo enchimento é a mesma palha seca. Só o indivíduo conhece os seus caminhos. Impor, ao que pende para o norte, a marcha para leste, é roubar-lhe o destino, a vida, a personalidade.

Esses princípios, nós, anarquistas, aplicamo-los rigorosamente na luta pela emancipação dos homens. E, dizendo "dos homens", firo um ponto essencial do anarquismo. O anarquismo não visa apenas a emancipar os trabalhadores, pretende emancipar os homens. Seu problema é muito mais vasto que o dos políticos ou socialistas de qualquer feição. Acima da mera emancipação econômica, está certamente a emancipação moral e mental. Além do trabalho livre, está o pensamento livre e a ação livre.

Libertar os homens do patrão é muito, mas não é tudo. Cumpre arrancá-lo à tutela dos guias, po-

## JOSÉ OITICICA

líticos ou religiosos; e à tirania das "morais", criações de opressores para fanatizar escravos. Destarte, não compreendemos um revolucionário cuja ação promana de uma servidão. Como instituir um regime livre se não nos desvencilhamos das algemas tradicionais? Como pretender uma vida livre, se vivemos impondo regras e ouvindo ordens? Como desejar o homem "por si", habituando-nos, a nós e aos outros, a disciplinas vexatórias, censuras obsoletas e punições degradantes?



Mal compenetrados dessa concepção de liberdade, vários anarquistas lamentam as divergências de atuação entre anarquistas. Pior ainda, lêem-se freqüentemente acusações de anarquistas-individualistas a anarquistas-comunistas, de anarco-sindicalistas e extra-sindicalistas, etc., etc. Todos esses ataques e lamentações revelam a tendência sectarista milenarmente entranhada nos homens. Por mais que estudemos, aprendamos, eduquemos o espírito, a pressão tradicional é tão forte, o meio ambiente, todo dogmático, regista, engaiolante, é tão rígido, que dificilmente conseguimos nos safar dessas determinantes poderosas.

Pessoalmente, ao contrário, vejo nessas várias tendências anárquicas o melhor sinal de vida do anarquismo. Todos os homens não podem ver as coisas do mesmo modo, nem resolver os problemas pelo mesmo processo. A transformação social é um problema com soluções múltiplas. Nós, anarquistas, apresentamos a nossa. Porém, não a apresentamos do mesmo modo. A beleza da nossa concepção e a superioridade do nosso método estão positivamente nessa multiplicidade de meios, todos conducentes a um mesmo fim. Seja, pois, cada tendência livre na execução do seu modo de entender a solução final. Todas as águas afluentes irão dar na mesma foz.

O verdadeiro anarquista, penso eu, aquele que se libertou totalmente do preconceito sectarista, colabora em todos os grupos, atua em qualquer tendência. Mais ainda, coopera com os não-anarquistas onde quer que a ação deles incremente a oposição revolucionária. Assim, é anticlerical com os anticlericais; é democrático na defesa dos princípios liberais contra os reacionários; está com os bolchevistas, sempre que estes reivindicarem direitos; reforça a ala antimilitarista, ainda que os antimilitaristas sejam burgueses; colabora com a escola moderna racionalista, conquanto não seja senão reformista; anima os teósofos na propaganda fraternista, os vegetarianos na extirpação dos vícios, o próprio Estado liberal na sua luta contra o imperialismo vaticanista.

Não proceder assim, seria confinar-se no sectarismo e negar, nos atos, a doutrina anarquista, essencialmente anti-sectária.

("Ação Direta" — Rio, 10-1-1929)

Este artigo foi enviado por Nicolau. Ver seção de "Cartas", página 15.

"Estou contra todos os tabus sexuais e a favor de todas as liberações. Nenhuma espécie de combinação sentimental ou erótica me assusta ou indigna, pois opino que a cada pessoa assiste o direito de dispor do seu corpo como lhe apraza e de entregar-se às experiências sexuais que deseje."

**Gerard de Lacaze-Duthiers**



# MANIFESTO NACIONAL A ZUMBI

20 DE NOVEMBRO

## Dia Nacional da Consciência Negra

A população negra brasileira se encontra hoje numa situação que não é muito diferente de há 90 anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram.

Continuamos marginalizados na sociedade brasileira, que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, sub-emprego e à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde e à moradia decente.

Toda essa situação é garantida pela repressão e violência policial que nos impedem de andar livremente pelas ruas, humilhando-nos com a exigência constante de documentos, batendo, prendendo e até assassinando.

Apesar das tentativas de negar o racismo existente, a dura realidade em que vivemos prova que isso não é verdade.

E a luta de libertação do povo negro no Brasil não começou agora. Há mais de quatrocentos anos, quando se iniciava o processo de escravização no Brasil, começava também a reação dos negros.

Entre as diversas insurreições e revoltas que aconteceram, o Quilombo de Palmares, formado em 1595, foi o maior e o que mais tempo durou, chegando a abrigar mais de 25.000 quilombolas, negros em sua maioria, mas também índios e brancos, que durante mais de cem anos estiveram em luta permanente pela sua liberdade e pela libertação de todos os oprimidos.

O Quilombo de Palmares foi uma sociedade independente, sem exploração, sem racismo, onde o ser humano valia pelo seu trabalho e pela sua capacidade de lutar pela liberdade coletiva.

Entre todos os dirigentes do Quilombo, o mais fiel a esses princípios foi Zumbi, que não permitiu em nenhum momento qualquer tipo de acordo que significasse a continuidade da es-



cravidão, que golpeasse as conquistas alcançadas pelos quilombolas, que limitasse a independência de Palmares.

No dia 20 de novembro de 1695, Zumbi foi assassinado, juntamente com 20 companheiros, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, que é apresentado como herói pela classe dominante. Na verdade, ele foi um assassino de negros e índios a serviço do colonizador branco.

Zumbi expressou o maior avanço na luta de todos os oprimidos em nossa história e expressa, portanto, o mais elevado nível e consciência política de um país de maioria negra, como o Brasil.

Continuando o processo e libertação do povo negro brasileiro foi criado o MNUCDR, tendo como primeiro trabalho a realização de um Ato Público em São Paulo, no dia 7 de junho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal.

Hoje, o MNUCDR já se ampliou nos Estados do Rio de Janeiro, MG, BA e ES, e tem como objetivo básico a denúncia permanente a todo ato de discriminação racial, mobilizando e organizando a população negra.

Zumbi é o grande símbolo de nossa libertação e, por isso, afirmamos o 20 de novembro como o DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA, em que chamamos aos negros e ao povo brasileiro em geral à união e à formação de uma nova consciência na construção de uma sociedade verdadeiramente humana, livre e igualitária.

- PELO DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA!
- CONTRA A VIOLÊNCIA POLICIAL!
- PELA REAVALIAÇÃO DO PAPEL DO NEGRO NA HISTÓRIA DO BRASIL!
- POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL!
- PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO!

## Axé irmãos! A fala do negro.

No dia 20 de novembro, comemora-se, em todo o País, o Dia Nacional da Consciência Negra. O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (M.N.U.C.D.R.), encampa, a nível nacional, esta luta, denunciando o preconceito racial (o mito da democracia racial), ao mesmo tempo que vem divulgando a verdadeira cultura negra e mostrando o processo de aculturação forçada que sofrem os negros brasileiros.

O INIMIGO DO REI proporciona aos seus leitores, neste número, uma visão deste movimento pelos componentes dele próprio, os negros, pois a maneira mais justa de lutar a favor de um grupo oprimido, é deixá-lo falar com suas próprias palavras e não abraçar sua causa paternalisticamente. Ao mesmo tempo, o jornal reitera com esta entrevista a sua disposição de luta contra todo tipo de discriminação e opressão, não só dos negros, como dos homossexuais, das mulheres, dos indígenas e toda sorte de grupos oprimidos.

Ao mesmo tempo, o jornal reitera com esta entrevista a sua disposição de luta contra todo tipo de discriminação e opressão, não só dos negros, como dos homossexuais, das mulheres, dos indígenas e toda sorte de grupos oprimidos.

IR — O que é o MNUCDR (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial)?

MN — É um movimento reivindicativo que visa combater a discriminação e o preconceito raciais sob todas as suas formas, bem como mobilizar e organizar a comunidade negra na luta pela emancipação política, econômica, social e cultural.

IR — Como foi criado o MNUCDR?

MN — Foi criado no dia 18/06/78 e consolidou-se quando da realização de um Ato Público, no dia 07/07/78, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em repúdio a vários atos de discriminação racial, como a expulsão de quatro atletas negros do time juvenil do Tietê, no próprio clube dos atletas; e também a morte do trabalhador negro Robson Silveira da Luz, torturado na delegacia de Guaianazes, São Paulo. Posteriormente, em 23/07/78, houve a primeira Assembléia Nacional do Movimento Negro, onde são dados os primeiros passos para a construção da Carta de Princípios, Programa de Ação e Estatuto; tudo isso em São Paulo. Em 09 e 10/09/78, houve a segunda Assembléia, onde se aprova, no Rio de Janeiro, a Carta de Princípios, Programa de Ação e Estatuto, como também o voto racial. Em 04/11/78 aconteceu a terceira Assembléia em Salvador.

IR — Por que MNUCDR e não MUCDR? O Movimento Negro Contra a Discriminação Racial é racista?

MN — Porque existe uma luta contra a discriminação que está sendo levantada pelos negros. Sempre houve associações que defendiam o negro, mas sempre de forma paternalista, utilizando bem mais o negro do que ajudando-o a encontrar a sua independência, a sua libertação. Porém, apesar de ser um movimento de negros, está aberto a qualquer pessoa ou grupo que se predisponha a defender o seu Programa de Ação. O fato de MNUCDR estar voltado mais para a problemática do negro não exclui a participação com outros setores discriminados da população.

O MNUCDR não é racista, ele é um movimento de reação a todas as formas de discriminação racial. Uma das formas que se tem utilizado para descharacterizar o MNUCDR é de tachá-lo de racista e como tal estaria atuando no sentido de dividir as forças de oposição do país, é preciso considerar que o MN se coloca junto a outros movimentos que lutam pela transformação social.

IR — Qual a relação do MNUCDR com as entidades estudantis como DAS, DCE e UNE?

MN — A ligação que existe do MNUCDR não só com entidades estudantis, como UNE, como também com outras en-

tidades políticas se dá hoje em torno da luta contra o inimigo comum que é a atual ditadura militar que vem oprimindo, castrodo toda tentativa de organização — não somente de entidades estudantis, operárias como de qualquer outra entidade de classe.

Porque o Movimento Negro, por ser um Movimento Negro, implica assim claramente que ele tem que ter uma prática voltada para as comunidades negras. A gente sabe, hoje, que o negro não está na universidade; o negro está nas periferias — com as piores condições de vida, e bem longe das universidades. Ele, quando no máximo, consegue concluir o 2º grau, quer dizer, assim, a nós não interessa criar um movimento para uma elite, uma elite privilegiada na comunidade negra. Quer dizer que implica que a gente não tem interesse em criar no movimento ligações efetivas com organizações estudantis e com um trabalho só voltado para universidade, a gente sabe claramente que se encontra uma minoria negra alienada, sofrendo um processo de lavagem cerebral muito grande e negando o próprio fato de ser negro. Acrescentando, algo mais a esta pergunta, no sentido que ela foi dirigida ao relacionamento que tem o Movimento Negro com essas entidades, o relacionamento do Movimento Negro com essas entidades está se dando hoje a nível bastante questionável, devido a dificuldade que tem, não o Movimento Negro, mas sim essas entidades, em assumir a questão racial, ou seja, reconhecer a validade da existência do Movimento Negro, hoje, no Brasil. Então, à medida em que elas sentem dificuldades disso, o relacionamento se dá de forma mais difícil. Não pelo lado do Movimento Negro, mas sim pelo lado dessas entidades. E os negros hoje estão disseminados de uma maneira bastante pontilhada, bastante esporádica dentro desses movimentos estudantis. Eles, na sua maioria, apenas se limitam a levantar as bandeiras de luta geral, as quais também são assumidas pelo Movimento Negro, mas não passam disso para assumirem dentro de uma verdadeira condição — a de negro e explorado — que é exatamente a proposta específica do Movimento Negro.

IR — Como o MNUCDR se posiciona frente as explorações do índio, do homossexual e da mulher (que é explorada há mais de dois mil anos)?

MN — Bem, nós vemos a coisa da seguinte maneira: os homossexuais, os índios e as mulheres são minorias sociológicas, assim como nós negros também somos minoria. Então,

na medida em que o Movimento Negro diz na sua Carta de Princípio que nós vamos nos posicionar contra qualquer tipo de discriminação, contra qualquer tipo de opressão, então aí é que está a função do Movimento Negro Unificado, que é de fazer com que esses setores, essas classes oprimidas, sejam respeitadas e também esperando, à medida que esses setores se conscientizam de que são explorados e de que há outros setores também explorados, partam de lá uma solidariedade à nossa luta. Porque também não faria sentido que o Movimento Negro se posicionasse contra a opressão que é dirigida às outras minorias; mulheres, índios, homossexuais etc., e que fosse uma coisa unilateral. Acharmos que deve haver uma reciprocidade, pois está em nossa Carta de Princípio, no nosso Programa de Ação, que lutaremos contra qualquer tipo de discriminação.

No que tange à questão da luta da mulher hoje, nós achamos que talvez essa luta seja mais facilmente e mais imediatamente assumida pelo Movimento Negro. Não só a luta da mulher em geral, mas especificamente a da mulher negra. Isso porque a mulher negra, devido à carga adicional de discriminação que sofre, requer uma luta que vai além das fronteiras da simples luta geral pela emancipação da mulher. Então, no que tange ao Movimento Negro, isso toca mais de perto porque a mulher negra tem um papel histórico dentro da luta de negro desde que ele chegou aqui, da África. Há mais ou menos 500 anos que a mulher negra vem lutando. Após a farsa abolicionista, ela foi a pessoa que empreendeu todo esforço pra poder manter o homem negro, que naquela época já não servia aos senhores, inclusive chegando até a se prostituir, em casos isolados, para que o resultado disso pudesse ser transformado em manutenção do homem negro como um todo — as crianças e os maridos!

Nós temos que ver o seguinte: a paternalização das questões de princípios da comunidade índia já está ocorrendo. O que a gente está vendo hoje no país é que "GRUPOS DE INTELECTUAIS" paternalizam as lutas das comunidades indígenas, reproduzindo assim o típico comportamento da classe dominante, ou seja, colocar o índio numa posição infantil de menor abandonado, criando comitês pró-índio, ao invés de ir junto a esta comunidade a discutir seus problemas de princípios, como a demarcação de terras. Saindo das Universidades, dos debates de salas e gabinetes onde se tem criado comitês pró-índio, na prática não se tem levado esse discurso ao setor mais interessado, que é o índio brasileiro. Quando falamos em reproduzir um comportamento que é típico da classe dominante, é que a gente tem visto aí, de algumas décadas pra cá, que não só a ditadura, mas os governos que têm sido instaurados nesse país, têm criado órgãos assistencialistas atendendo a seus interesses, como FUNAI e outros. E agora, setores que pelo menos têm se colocado a nível teórico como ao lado dessas classes oprimidas exploradas, têm buscado criar, na prática, grupos de estudos ou comitês de defesa dos índios e de outras minorias exploradas e oprimidas que efetivamente não têm feito nada mais nada menos do que ficar dentro das salas e gabinetes de conferências, sem buscar uma ampla discussão sobre essas questões com as comunidades que são diretamente interessadas nesse programa.

No sentido de darmos uma melhor conclusão à pergunta formulada, gostaríamos de gritar aqui algumas bandeiras em que comprometem diretamente o Movimento Negro, ou as pessoas que assumem os seus documentos básicos, com esses três segmentos que seriam, no caso, o índio, o homossexual e a mulher; as bandeiras são as seguintes: "por uma sociedade onde todos participem; contra a discriminação racial; solidariedade a toda e qualquer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira que visam a real conquista dos seus direitos políticos, econômicos e sociais; contra o machismo".

IR — O MNUCDR é tachado de racista. Foi por causa deste racismo que aconteceu a repressão a III? — Assembléia do Movimento Negro? Falem-nos sobre ela.

MN — Historicamente às classes dominantes deste país nunca interessou a organização da comunidade negra e sempre que a comunidade buscou se organizar, essas classes dominantes sempre reprimiram de forma político-militar e usando até táticas mais sutis tentando esvaziar esses movimentos. Bom, a partir do momento que eles começam a achar o Movimento Negro, hoje que é um movimento atual, um movimento que está buscando reorganizar essa comunidade, como um movimento racista, é porque há uma preocupação de se esvaziar esse movimento alegando que se existe neste país um problema racial, um problema negro pra que tachando esse movimento de racista de divisionista, buscando base ideológica pra isso num pseudo conceito de democracia racial. No que tange especificamente a III? Assembléia Nacional do Movimento Negro, o fato ocorreu foi que quando realizamos esta assembléia em Salvador houve tentativa de impedimento da mesma baseada-se na lei Afonso Arinos, isso especificamente feita pela Associação dos Funcionários Públicos do conselho da entidade não aprovava o requerimento para que a assembléia fosse realizada naquele estabelecimento, analisando essa cidade lei, sem reconhecer ele que está lei, já é uma lei, bastante caduca que não satisfaz o problema existente no país no que tange as questões raciais de discriminação do negro. E o aparato policial que acompanhou de forma a tentar amenizar os militantes presentes em Salvador, foi baseado nessa mesma análise feita em cima da lei Afonso Arinos.

IR — E a abolição (fruto das necessidades burguesas — logo também burguesas) não estaria para os negros, como a (pseud)

abertura dada pelo governo?

MN — Bons apesar da abolição e da abertura terem acontecido em momentos históricos diferentes, bem distintos, a gente pode ver que na base dessas decisões quer dizer esse tipo de decisão, é causado por interesses idênticos na medida em que num determinado momento a classe dominante se sente de alguma forma pressionada e nessa medida então ela é obrigada a fazer concessões pra permanecer com o poder.

A duplicidade que há entre o atual processo de abertura e o processo abolicionista, é que a gente começa a ver questoes ligados diretamente ao sistema de casta dominante, no momento da abolição, da falsa abolição nesse país, e alguns anos antes já pregavam a necessidade de se abolir a escravatura no país e o que a gente viu como movimento abolicionista foi um movimento essencialmente branco, com a participação de meia dúzia de negrínhos, alguns com propostas mais ou menos progressistas, mas questionável até certo ponto pela própria ligação visceral deles com esse sistema de casta dominante. O que a gente vê hoje com o atual processo de abertura política, é que também setores ligados diretamente ao atual sistema de casta dominante, que inclusive não modificou muito as estruturas, visualizava já na necessidade de uma abertura política pelo fato do poder dominante começar a perder o poder econômico, e ele ter necessidade de assegurar o poder político. Porque pra ele recuperar o poder econômico ele teria que arrochar mais o trabalhador e se ele não abre pra que essa massa trabalhadora extravase, essa massa trabalhadora pode se rebelar a nível tal podendo assim mudar essas estruturas de poder e isso não interessa a esse sistema de casta.

IR — No país da mulata! — A democracia racial existe, ou é, mais uma astúcia dos ideólogos (brancos) da classe dominante?

MN — A definição de mulata no Brasil ela foi criada pelos portugueses para justificar o estupro da mulher negra, porque isso aconteceu e aconteceu de forma discriminada nesse País. Se bem que a partir daí eles começaram a criar um grupo racial dentro da própria raça negra, um grupo racial a nível teórico e que mostrava que pelo menos um degrau a mais na escala de ascensão racial. Quer dizer, o que aconteceu, se o mulato significava um degrau a nível da busca da ascensão racial, por outro lado significava a própria divisão da raça negra. O próprio conceito de mulato, é um conceito que na prática, efetivamente, foi sempre utilizado pelo colonizador pra dividir a nossa raça. Justamente buscando negar essa divisão da nossa raça em grupos raciais, o que funciona pra nós como uma faca enfiada em nossos corações, a partir dos interesses dessa raça dominante. Nós do Movimento Negro criamos uma definição racial que nos parece mais lógica, no momento, na qual entendemos como NEGRO TODO AQUELE QUE POSSUI NA COR DA PELE, NO ROSTO, NOS CABELOS QUALQUER CARACTERÍSTICA DA NOSSA RAÇA. De certa forma buscamos concretamente desmascarar essa definição racista, divisionista que vem sendo imposta a nós pela classe dominante há séculos.

IR — Existe alguma relação entre Abdias do Nascimento e o MNUCDR?

MN — Existe, na medida que ele assumiu o programa de ação do movimento, tomando conhecimento do movimento atual de agora, criado de dois anos pra cá. E também existe contando, sem esquecer, com toda experiência que ele teve com o Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro. Mas não só ele, como também dois ou mais militantes que trabalharam com ele. E independente disso, o trabalho que ele está realizando agora no exterior — de denúncia, como o do Festival Universitário da Nigéria que foi muito marcante, muito importante para denunciar a farsa, a cínica democracia racial brasileira.

IR — O PTB é mesmo o partido dos negros?

MN — O PTB pode ser o partido dos negros desde quando não existe negro no Parlamento com voz atuante de classe, ou pra trazer benefício à classe negra proletária, ou negro proletário; ou ainda os negros que estão no Parlamento não são negros com voz ativa, são negros que não têm nenhum interesse, são negros castrados. E, é o seguinte, não existe também, uma preocupação do Movimento Negro em estar filiado a partidos ou tá criando partido. Existe uma preocupação do movimento sim em trazer benefícios à raça negra, a preocupação do movimento é seguir o seu Programa de Ação e Estatuto e a Carta de Princípios que venham realmente a favorecer ao negro. Se bem que isso não impossibilita de discutir a questão de novos partidos, a reformulação partidária. A gente entende que um partido não só dos negros, mas de todo e qualquer grupo oprimido da sociedade, é importante que surja desde meio social, oprimido. O que acontece, hoje, o partido que tem se colocado como partido dos negros no Brasil, ele não tem buscado, junto a essa comunidade, discutir as questões de princípio dessa comunidade, não tem procurado saber quais são os problemas dessa comunidade. Nós estamos abertos para discutir, nós não nos fechamos com relação à reformulação partidária, mas só que antes de nós fecharmos com essa ou aquela agremiação política, isso vai ser precedido de uma ampla discussão com nossas bases.

IR — O por quê do Dia da Consciência Negra?

Bom é o seguinte, hoje nós enquanto Movimento Negro, quando propomos o dia 20 de novembro como dia Nacional da Consciência Negra; em primeiro lugar a partir desse momento começamos a negar as datas comemorativas que nos vem sendo imposta pela classe dominante. A gente tem aí um 13 de maio, um 13 de maio que é particularmente, comemorado praticamente como o dia do negro neste país. Mas é um dia de qual negro? O negro submisso dentro dos interesses dessa classe dominante; é um dia do negro subserviente, o negro que não tem nada a ver com todo o passado histórico dessa comunidade.

O que acontece quando nós começamos a propor o dia 20 de novembro como o nosso dia? Efetivamente é porque esse dia está ligado a toda a nossa tradição de luta, todo um passado histórico e que não termina com a morte de Zumbi, mas que é marcado com o aniversário da morte desse grande líder da comunidade negra. Palmares pra nós representa uma experiência histórica, uma experiência histórica concreta do que é liberdade pra comunidade negra; do que é um estado negro dentro de um país dominado por uma minoria branca; o que é uma verdadeira república negra; o que é um amplo processo, o que é o socialismo na prática; o que é uma proposta "libertária" de luta.

C acontecimento mais importante neste ano (1979) para a comunidade negra será a realização, no mês de dezembro, do primeiro Congresso do MNUCDR, onde serão debatidos assuntos que aflige hoje a comunidade como um todo.

Um outro assunto que nós gostaríamos de colocar seria o seguinte: a questão dos presos comuns. Essa questão tem sido amplamente discutida dentro do MNUCDR, na medida em que a maioria dos presos comuns ou seja: dos ditos ladrões, os chamados assassinos e outros são em sua grande maioria negros que se viram forçados a essa situação por falta de condições para ascender nível econômico e socialmente.

Por serem negros tiveram que se marginalizar, por terem se marginalizado foram punidos pelo sistema que os obrigou, que os pressionou para que ferassem as normas estabelecidas por esse mesmo sistema, o que dessa forma também os caracteriza como presos políticos.

O que vem caracterizar hoje no momento presente no Brasil, a forma como é encarada a comunidade negra, pela classe dominante, a gente pode pegar como ponto para caracterizar isso a própria proposta — que está sendo discutida hoje — e que foi discutida no Congresso dos Juristas e que vai ser levada ao Congresso Nacional, a questão da prisão cautelar.

A gente começa a ver bem claramente, que essa proposição de um deputado racista/fascista, que todo mundo conhece, o velho Erasmo Dias — repressor não só dos estudantes. E vê que essa proposta de prisão cautelar na prática, agora; o sistema penal quer referendar juridicamente uma forma de prisão ilegal que vem sendo exercida sobre a comunidade negra. O que acontece, a partir do momento que esses caras, juridicamente respaldam uma prisão colocada sobre a comunidade negra; o negro que é preso na rua — o negro, em potencial, é um suspeito — juridicamente ele teria que ficar 10 dias numa cadeia, sofrendo toda e qualquer forma de tortura, uma coisa que já vem sendo feita hoje de forma ilegal, agora só que essa coisa seria legalizada juridicamente. Quer dizer, isso fere assim diretamente a própria instituição do habeas corpus, que é tida como uma das grandes conquistas do homem.

Para nós situarmos com relação aos dois pontos falados antes: a questão dos presos comuns e a da prisão cautelar; o que seria a solução que a classe dominante sempre arranja para esses casos sociais? Ao invés de dar uma maior educação, uma educação mais efetiva a população, muito pelo contrário essa classe dominante, reforça o sistema repressivo. Nós vimos há dias atrás estampados nos jornais que o governador Antônio Carlos Magalhães, está imbuído em aparelhar muito mais a polícia. Enfim, em aumentar o aparato policial para reprimir tais casos; e eles continuam trocando o que seria a solução pra esses casos, pra essas pessoas que a própria cidade marginaliza. Eles ao invés de darem maior educação, enfim, aumentam a repressão.

Vamos aproveitar a oportunidade para fazer uma homenagem a todos os negros que foram assassinados pelos brancos racistas durante todos esses anos de história do Brasil e do mundo.

Nossa solidariedade àqueles negros que morreram no continente africano porque não quiseram ser arrancados da sua terra, não quiseram vir para essa bandas.

Nossas condolências àqueles que morreram nos porões dos navios debaixo do chicote do branco opressor.

Aqueles que se atiraram ao mar como opção à perda da liberdade.

Aqueles que foram mortos quando já escravizados aqui no Brasil.

A todos que foram assassinados nas favelas, cortiços, etc. Aqueles que continuam sendo assassinados física, moral e intelectualmente durante todos esses anos.

Nossa homenagem àqueles ou àqueles que possivelmente estejam sendo assassinados, agora, neste momento como castigo por terem nascidos de uma raça forte e valerosa, uma raça que não é nem superior nem inferior às outras, apenas igual: A RAÇA NEGRA!



# ENSINO PAGO

## Lições de huma(ci)nismo

Desde que tomou posse, como ministro da Educação no governo de sua majestade Figueiredo, o Sr. Eduardo Portella não tem feito outra coisa, senão falar em ensino pago nas universidades do governo, onde, nas palavras dele, não existem estudantes pobres, pois os parques de estacionamento das mesmas estão repletos de automóveis Pumas e Mercedes, pertencentes aos alunos. Isso é uma afirmação cínica que, partindo de um ministro de sua majestade, demonstra o grau de cretinice e irresponsabilidade natos dos que se dizem dispostos a resolver o problema da educação no Brasil. O Sr. Portella até agora, como todos os ocupantes da pasta da educação nos últimos 15 anos, não mostrou a que veio. Sempre sorridente e falante, dando mostras de possuir uma personalidade IBOPE, ele promete implantar o ensino pago, nos estabelecimentos da rede de ensino oficial, até o fim do reinado de Figueiredo. Pergunto eu: já não bastaram 15 anos de ditadura fascista para conseguir destruir a cultura brasileira? Para a gang da corte do Planalto não. Falta o golpe de misericórdia que virá através do ensino pago.

A "universidade brasileira" é hoje a imagem do caos e do abandono. Não existe uma Universidade, o que há, na realidade, é um curso médio de antigamente — antes fosse —, distorcido e de péssima qualidade. Também torna-se impossível conciliar obscurantismo, entreguismo e alto nível cultural. Seria o mesmo que colocar Hitler, Mussolini, Pinochet e Stalin como editores de literatura de vanguarda. Num reino como o nosso — onde ser facista e entreguista é sinônimo de patriotismo — a existência de uma Universidade séria e progressista, com caráter libertário, dotada de professores honestos e competentes que dialoguem com os seus alunos e demais funcionários, aceitando as suas sugestões para a melhoria do ensino, repudiando assim, os "cérebros iluminados", os facistas, os "marxóides" alimentados com caviar e Scotch à procura de aplausos para as suas "ousadas e brilhantes" teses de mestrado, constitui, diga-se a verdade, uma heresia.

Uma política educacional verdadeira, leva em conta as necessidades do povo, tendo em vista a sua libertação e melhoria de nível cultural e social. As pessoas não devem ser "forjadas" para servir ao Estado constituindo, no futuro, uma casta de privilegiados em relação aos demais — "o homem novo" — ou para servirem de bucha ideológica no canhão da burguesia ou dos imperialismos que assolam o mundo. Cultura e educação são patrimônio da humanidade, é preciso dar um basta ao seu uso indevido.

Uma das primeiras providências tomadas por aqueles que assaltaram a corte em 1964, derrubando um rei que, fosse bom ou mau, havia sido escolhido pelo povo, foi a de mutilar o sistema educacional. Isso foi feito através de diversas formas e numa seqüência determinada. Tudo já havia sido planejado. O afastamento e cassação de professores, a redução das verbas, a invasão das Universidades, Escolas e Institutos pelos esbirros do aparelho policial-militar, a "deduração" descarada — não faltou Eremildo e Cama e Silva para isso — etc. No entanto, apesar de todo o "trabalho" que foi feito, ainda havia, e muita, resistência no setor estudantil e intelectual.

Tudo isso iria explodir em 68, quando os bebôcos, que na verdade chegaram a ficar assustados, se defrontaram com um protesto geral contra a sua política de opressão, corrupção e entreguismo. No mesmo período, na França — modelo cultural das elites tupiniquins — explodiu uma rebelião de caráter libertário, que em breve se espalhou por vários países, atingindo até o Leste Europeu, onde o imperialismo russo mostrava mais uma vez a sua "solidariedade" internacional ocupando a Tcheco-Eslováquia, que procurava criar uma forma mais humana de socialismo, com as forças do Pacto de Varsóvia. Aqui no reino o "roda baiana" foi geral, prestista virou maoísta, stalinista virou guevarista, marxista virou facista e vice-versa. O protesto obteve até a adesão de setores que haviam apoiado a "abrilada", como a Santa Madre Igreja, as classes médias, os políticos conchavistas e até al-

guns setores da burguesia que viam a sua sede de lucros prejudicada. Porém, já estava tudo sob controle. Provocadores e alcagüetes, pagos pelo rei e pela direita, já haviam se infiltrado nas hostes contestadoras



que estavam ouvindo o galo cantar, mas não sabiam aonde. Foi aquele festival de provocações e radicalização. O resto todo mundo já sabe: Ai-5, prisões, exílios, demissões, luta armada, dedurações da "esquerda tradicional", seqüestros, banimentos, assassinatos e desaparecimentos.

Começava a segunda fase do plano. Em que consistiu ela? No infame acordo MEC-USAID — fizeram também, um MEC-URSS, talvez sugestão do bobo da corte —, vigilância policial extrema, aplicação dos inquisitoriais 477 e 282 para evitar qualquer forma de contestação, demoralização da Universidade — lembram-se dos testes de conheci-

mentos do programa Sílvio Santos? — Massificação do ensino, exames vestibulares no Coliseu Maracanã — citados até em Seleções do Reader's Digest em máfiosa reportagem elogiando o "milagre brasileiro" —, a reforma dessastosa do ensino, o ensino desordenado e confuso, com a finalidade de alienar, as injeções de moral e civismo, e, o principal, as taxas. A terminologia oficial prefere apelidá-las de taxas de inscrição em disciplinas ou taxas de expediente. Seja lá que nome tenham o importante é que estão aí.

E onde estava o ministro IBOPE? Ele sofria um processo de abortamento no ventre da "doença de Chagas", que assolava o antigo Estado da Guanabara, quando então ocupava o cargo de secretário de "Cultura". Agora, depois de uma passagem "brilhante" pela Faculdade de Letras da U.F.R.J., onde foi chefe do departamento de "Ciência da Literatura" — nome pomposo, não? — e, posteriormente, diretor, ele consegue, finalmente, um lugar na corte.

Nesse ponto começa a terceira fase do plano; e o pior de tudo é que não sabemos como vai terminar. Ela possui um caráter mais sutil, pois o país vive num clima de "abertura" — os acontecimentos de Belo Horizonte e a greve dos professores do Rio o demonstram — que eu preferiria chamar de tentativa de consolidação versus beco sem saída mais saturação popular. O palácio real é agora ocupado por um general atleta, ex-chefe do S.N.I., o qual só falta vencer concurso de discoteca ou gafeira para obter a consagração total.

Diz o ministro IBOPE que é preciso dar ênfase ao ensino profissional — num país onde 90% das indústrias estão em mãos estrangeiras —, implantar o ensino pago na Universidade para melhorar a qualidade do ensino, se ele ainda existir, e outras patucadas verbais. É a pá de cal que o Sr. Portella vai jogar sobre um cadáver insepulto. Universidade paga é elitização. Significa uma minoria podendo estudar, um estudo inútil e com currículos atrelados à interesses impopulares. Quem não puder pagar o governo ajuda. Certo. Mas quantos poderão receber ajuda? Sabe-se que o Brasil é um país de população jovem, o que resulta num enorme contingente de aspirantes aos cursos superiores. Se não há dinheiro para as necessidades vitais da administração, como haverá para pagar os estudos dos necessitados? E quem observar atentamente, há de perceber o aumento crescente do poder do Estado nos últimos tempos, em termos de capacidade decisória, sistema de arrecadação e domínio econômico, num grau nunca visto em nossa história. Crédito favorativo? Sim. Para pagar até 50 anos depois de terminado o curso, favor não esquecer os juros. "Estude sustentando o sistema" — será o lema.

Depois de tudo isso, quem ainda não conseguiu entrar para a Universidade, pode fazer um curso profissionalizante. Convém mais um lembrete: o Brasil possui milhares de técnicos de nível médio, formados em Escolas Técnicas federais, estaduais e particulares, sem exercer profissão. Portanto, como um estudante de nível médio, sem uma formação devidamente especializada, vai conseguir emprego? Não esqueçamos ainda a desnacionalização da economia que está ocorrendo a passos largos. No entanto, para o ministro IBOPE, isso não conta. Que importa uma Universidade povoada por imbecis e transformada em máquina caça-níqueis, uma imensa parcela de jovens, desiludidas e alienadas, um povo com sua cultura descaracterizada, uma economia insolvente e desnacionalizada? As crises não surgem do nada, elas sofrem um processo de gestação e, muitas vezes, ele está bem explícito. Os reis ignoram os limites da paciência popular e esquecem que uma colheita é apenas o resultado do que foi semeado.

Por Marcos Lidório

## PERSPECTIVA PRÁTICA

O surgimento de países socialistas de tendências leninistas ofereceu ao proletariado e à intelectualidade de esquerda do mundo inteiro um modelo revolucionário, que apenas agora começa a esboçar na mente destes suas deficiências fundadas no autoritarismo de na impossibilidade revolucionária desse mesmo autoritarismo.

Os libertários, é verdade, já prediziam o fracasso do autoritarismo. Mas eles não ofereciam uma resposta, em termos práticos, tão forte quanto a que os leninistas forneciam: a Rússia era um fato, os demais países do Comecom também, Cuba, a China também, e por aí afora.

No Brasil isso refletiu no fortalecimento progressivo das tendências centralistas da esquerda e, conseqüentemente, no enfraquecimento dos anarquistas; já que estes lutavam no mesmo espaço (proletariado e intelectualidade de esquerda) que os centralistas.

O Golpe de 64 foi um golpe quase fatal à esquerda como um todo no Brasil, inclusive aos socialistas libertários.

Mas a esquerda dita autoritária, por menos purismo e mais objetividade soube ressuscitar suas forças mais agilmente que os libertários, mesmo após a morte sangrenta que a ditadura causou a muitos de seus militantes, e tornar-se presente, cada vez mais, em todos os espaços que a conjuntura social, econômica e política do país permitia, passando mesmo a forjar outros espaços. Enquanto os libertários, por várias razões, não tiveram a mesma agilidade em ocupar os espaços que lhes cabiam.

Hoje, os espaços se mostram mais abertos às ideias socialistas libertárias. Amplos, na medida em que o amadurecimento das forças de esquerda e avanço do movimento popular criam, nessa mesma esquerda,

desconfiança do doutrinismo autoritário, e levam-na a estar mais disposta a atentar para a crítica ao poder e às respostas que os libertários tenham a oferecer fundados nessa crítica; Restritos, na medida em que o movimento libertário, no Brasil, se mostre ainda imaturo, purista, pouco objetivo e débil quanto a definição de uma linha de ação, espaço de atuação e crítica à ditadura populista, e de direita, dos "Reis" militares.

Assim, os socialistas libertários do Brasil devem ter claro que o Anarquismo não é uma doutrina à qual a realidade deva se encaixar. Mas, ao contrário, é uma forma de "pensar o socialismo" que deve sempre estar evoluindo, crescendo e, mesmo, se modificando, quando a realidade, o fato e a história assim o determinarem; sob pena de, se assim não fizer, sucumbir, arrastando consigo toda a força de sua forma de "pensar o socialismo", ante a inclemência da história, do fato e da realidade.

Os libertários, hoje, têm amplos espaços de atuação abertos, principalmente dentro da esquerda. É preciso, antes de mais nada, saber como ocupá-los.

A ocupação desses espaços deve ser em termos de ideias, não em termos de disputas tais como se a mais-valia foi "sacada" pelo Proudhon ou pelo Marx... O que nos importa não é que venham a gritar nem pelo Anarquismo, nem pelos seus teóricos nas ruas, mas sim que venham a defender as ideias que o Anarquismo propaga. Não é o Anarquismo, pura e simplesmente, que defendemos mas as suas ideias.

Ideias como a Autogestão, forma essencialmente anárquica de organização, insulfadora da participação popular na deliberação de seu cotidiano econômico e político, que é uma proposta alternativa, uma

resposta que muitas facções da esquerda estão esperando. Assim como a Federação de comunas livres e autogestionárias se coloca como proposta alternativa ao Estado centralista leninista, já desgastado.

Como formas de organização espontâneas das grandes massas em vários períodos da história, como na revolução russa (Soviets), espanhola, nos Kibutzins de Israel e comunidades de todo o mundo, a Autogestão e a organização federalista são propostas que comprovadamente entusiasmarão ao proletariado e camponato do mundo inteiro, inclusive do Brasil.

Assim, o que se coloca hoje, para nós socialistas libertários, no Brasil, em termo de forma de atuação é, principalmente, a crítica à direita populista e ditatorial que está no poder; a crítica ao poder em geral e a proposição de formas libertárias alternativas.

Lutar pela Autogestão, pelo socialismo libertário (federativo), contra a exploração capitalista e contra a repressão militar. Deixando de lado a crítica exagerada aos nossos companheiros da esquerda dita autoritária.

"O Anarquismo (...) não logrará (...) a reabilitação plena, se não souber desmentir, pela sua doutrina, e pela sua ação, as interpretações deturpadas de que tem sido, por longo tempo, objeto." (\*)

Talvo Faria

(\*) "O Anarquismo", Daniel Guérin — Editora Germinal



Abordar o conceito de autogestão de maneira um pouco mais aprofundada que o simples «slogan» ou «palavra de ordem» política, implica cautelas e esforço reflexivo para operar de maneira lógica e coerente os necessários «saltos», do modelo teórico à liberdade das suas possíveis e diferentes aplicações práticas locais, das referências a ensaios históricos determinados à complexa situação do presente, em que a sua análise apreciativa é sempre bem mais difícil de fazer do que a vinte anos de distância. Haverá ainda que fazer atenção com a linguagem, e não deslizar para uma abstração tal que desencoraje o militante estudioso a quem fundamentalmente se destina.

Creemos que o ponto de partida da autogestão deva estar situado, tanto no aspecto histórico como ideológico, no preceito fundamental da Primeira Internacional dos Trabalhadores, — aquela que foi fundada, por Marx entre outros, em 1864 — de que a emancipação dos trabalhadores seria obra dos mesmos trabalhadores, ou então não seria coisíssima nenhuma. Esta frase, aparentemente tão simples e tantas vezes repetida e citada, contém de facto implicações que vão muito longe.

No aspecto histórico, ela cristalizava, pouco passado dos meados do século XIX, a ideia largamente difundida entre as massas proletárias de então de que nada havia já a esperar daquilo que, desde 1789, tinha dado alento aos combates populares contra a realeza e o privilégio: isto é a democracia política; a república assente nos pressupostos do sufrágio mais ou menos universal, do deputado eleito e do parlamento soberano, finalmente, as próprias reformas sociais de que tanta gente falava na época e que tão pouco se viam.

Os operários, as baixas classes, haviam feito a grande revolução francesa e acabaram por ver a burguesia recolher os frutos e as vantagens do fim do poder feudal; haviam mesmo marchado até aos confins da Europa, atrás de um general-imperador, embriagados pela expansão dos ideais da liberdade contra o absolutismo simbolizado por Londres, Viena e Moscovo, sem que isso avançasse de um palmo a mísera condição dos seus; o cartismo e a reforma em Inglaterra absorveram sem resultados palpáveis as energias batalhadoras dessa classe operária, pioneira e martirizada entre todas pela «revolução» industrial; finalmente, a vaga revolucionária de 1848, a esperança que provocou este primeiro acordar simultâneo do povo, ignorando fronteiras, línguas e passados históricos, terminou severamente castigada pela violência organizada do sabre e da baioneta.

## COM A 1.ª INTERNACIONAL

O mundo trabalhador dessa época parece, de facto, tirar as conclusões de mais de meio século de lutas e experiências ao reivindicar, *exclusivamente para si próprio*, a possibilidade de sua emancipação social. Historicamente, este passo é dado pela fundação da Internacional, que aparece desde logo como um desafio lançado à face das classes dominantes e aos Estados soberanos. Pela sua própria existência, a Internacional contesta o princípio da divisão do mundo em Estados e países (sendo esta última noção destinada quase sempre a mascarar

# AUTOGESTÃO: REFLEXÕES VÁRIAS

a realidade da primeira), e afirma que a verdadeira *divisão* existente é uma *divisão social* (que abarca o mundo inteiro ignorando fronteiras) entre ricos e pobres, entre parasitas e trabalhadores, entre burgueses e proletários, entre exploradores e explorados. Os considerandos dos Estatutos da Internacional dizem com efeito, claramente, que «a emancipação do trabalho não é um problema local ou nacional, mas sim um *problema social*».

No plano ideológico, aqui nasceu também o mais importante cisma que desde então afectou o movimento operário, na medida em que uns — anarquistas ou antiautoritários — seguiram sempre mantendo este princípio que consideravam como primordial, enquanto que outros — marxistas, mas também lassalianos e democratas-sociais diversos — tiravam conclusões diferentes das lições da história e enveredavam pela autocastração das próprias potencialidades do movimento trabalhador, limitando-o, desde o início, ao combate reformista por condições de exploração *menos gritantes*, e considerando-o incapaz de assegurar, por si só, a sua própria emancipação. Daí a aparição da divisão entre luta económica e luta política, entre sindicato e partido, entre massas e vanguarda, entre classes revolucionárias e estado proletário. Que, dentro destes centralistas e autoritários, uns tivessem optado pelo adiamento «ad eternum» da revolução, enterrando-se a pouco e pouco no lodaçal do parlamentarismo e da integração no estado burguês, e outros trilhassem um caminho insurreccional, mas sempre assente no elitismo, numa férrea disciplina quase militarista e na ditadura violenta em nome das classes oprimidas — não muda nada quanto às suas concepções teóricas comuns.

## O COMUNISMO ANARQUISTA

No campo libertário, um passo doutrinário importante é dado entretanto com o aparecimento e generalização do *comunismo anarquista*, que tanto ficou a dever a Pedro Kropotkine. É que, até aí, desde Proudhon e sobretudo com o colectivismo bakuninista e a Internacional, o socialismo era encarado, no plano económico, como sendo a retribuição, a cada trabalhador, do *produto integral do seu trabalho*.

Está bem de ver que esta fórmula significara sobretudo o desejo de ver terminar, definitivamente, com a exploração do trabalho alheio, com as situações económicas parasitárias à sombra do esforço quotidiano das classes laboriosas. Mas é um facto que a passagem ao comunismo anarquista (ou libertário) com a adopção de um regime económico fundado sobre a *aportação voluntária do esforço* (necessariamente variável) de cada um, e a possibilidade para este mesmo trabalhador de retirar, do fundo colectivo do trabalho social, a par-

«Os esforços dos trabalhadores para conquistar a sua emancipação, não tenderão a constituir novos privilégios para alguns, mas sim a estabelecer para todos, os mesmos direitos e os mesmos deveres, e a abolir todo e qualquer regime de classes».

(do preâmbulo aos Estatutos da Intersindical)

te correspondente às suas necessidades próprias, constituiu um enorme avanço.

Tratava-se, assim, de considerar à carga da colectividade efectivamente trabalhadora, todos aqueles que, sem sombra de parasitismo ou exploração, não poderiam dar o seu contributo manual ou intelectual ao esforço produtivo, mas não deixavam por isso de ser credores do direito à vida e aos benefícios sociais: crianças, jovens, inválidos anciãos, etc.

O terminar com o regime explorador da *propriedade*, com o patronato, foi visto durante algum tempo no seio do movimento operário, como significando «a fábrica, ao operário», «a mina, ao mineiro», «a terra, ao camponês». Mas, dois tipos de problemas levanta este conceito: primeiramente, a certeza de que a Revolução Social não se pode limitar a uma mudança no regime de propriedade, mesmo se esta está na base da injustiça da sociedade actual: que ela implica também, uma reorientação profunda das estruturas e das maneiras de ser existentes. A não ser assim e teríamos justificadas, pelo simples facto de existirem já a continuação de uma data de aberrantes instituições: atrás da «mina ao mineiro», viria «o quartel, aos soldados», «as prisões, aos presos», «os bordéis, às prostitutas» e toda uma série de absurdidades semelhantes.

O segundo problema é o de que, se em Socialismo não poderá haver parasitas nem ociosos, haverá no entanto, e necessariamente, excedente (trabalho suplementar, se se quiser) por parte do produtor, em relação àquela quota da riqueza social por ele consumida. Seguir-se-á daí que o produtor continuará então sendo explorado? — Não, desde o momento em que ele tenha directa interferência, seja agente activo e consciente, do mecanismo de regulação colectiva da sociedade, e não por este dominado. Por outro lado, e nos níveis modernos de socialização da riqueza, uma grande parte da produção destina-se, não a um consumo ou uso individual, mas a satisfazer uma necessidade colectiva, esvaziando assim de sentido essa tal devolução do produto integral do seu trabalho.

O comunismo anarquista, ou libertário, introduziu pois, decisivamente, no movimento operário emancipador o conceito da *solidariedade*, da *entre-ajuda* ou *apoio mútuo*, tão bem explicados por Kropotkine, ultrapassando certos limites corporatistas ou obreristas que a moção da luta de classes traz consigo, quando interpretada de maneira rigorista e dogmática. Por isso, os anarquistas-comunistas do fim do século XIX puzeram

em evidência o papel da Comuna e da sua organização autónoma e libertária, certos de que aí poderiam jogar integralmente os mecanismos de solidariedade, dentro da diversidade de uma sociedade globalizada. A partir dessa base sólida que seria a Comuna, se subiria para a coordenação intercomunal, para a região, país, continente, sempre por via de uma organização de tipo federalista, isto é, que deixava a cada escalão a liberdade de participar, ou não, nas decisões do escalão seguinte; de delegar, ou não, parte da soberania própria para realizar o entendimento prático e solidário com os vizinhos.

## A AUTOGESTÃO

A noção de *autogestão* resulta pois, e fundamentalmente, da *passagem do colectivismo ao comunismo*, da *consciência da necessidade da expropriação à da solidariedade no interior de um povo livremente organizado*, isto é, *sem Estado*.

Ora, uma coisa é certa: é que a autogestão não resulta de um mero fenómeno objectivo, económico. Representa, sim, um esforço subjectivo, consciente, dos indivíduos e das colectividades trabalhadoras para o seu melhor estar e para a felicidade da *sociedade inteira*. Neste sentido, pois, a autogestão só tem *sentido* como movimento global: projecto de sociedade, que nega a actual (que aliena, explora e oprime o produtor) e orienta as classes trabalhadoras para uma luta de carácter finalista, e que nada tem a ver com a recuperação grosseira da palavra, por parte de certos sectores do reformismo operário (partido socialista e sindicatos CFDT, em França) ou de Estados proletários que as contingências da história afastaram da ortodoxia marxista-leninista (Yougoslavia e Argélia).

Também, nada teria que ver com a sua redução a mera «técnica de gestão» confinada aos limites da empresa onde o poder patronal tradicional desapareceu, salvo se integrada numa dinâmica de luta global, numa situação de equilíbrio instável entre as classes e na própria aceitação do poder estatal.

Aqui, a *autogestão* exigirá, porventura em maior grau ainda do que em todas as outras circunstâncias, o *ideal*, a *consciência* e a *vontade* que a doutrina anarquista tão prodigamente oferece aos homens amantes da liberdade.

JULIO FIGUEIRAS



# II Congresso da Alma aponta os rumos da luta nos bairros

A liberdade funciona e funciona muito bem. Foi o que comprovou na prática o II Congresso da Alma (Associação dos Moradores da Lauro Müller e adjacências), no Rio de Janeiro, realizado nos dias 6, 7, 8, 9 e 13 de outubro do ano em curso.

Que diria o leitor de um congresso onde não existiu mesa diretora e orientadora dos trabalhos? Ausência de manipulações de bastidores, de imposições veladas ou ostensivas, cassação de palavra ou orientação para uma finalidade previamente estabelecida? Além do mais, que permitisse a todos a expressão livre de suas idéias e proposições, ainda que não fossem associados, mas que estivessem inscritos no congresso?

Provavelmente afirmaria, que foi o caos total, a irresponsabilidade, a desordem... Entretanto, na prática observou-se o oposto: a ordem libertária, o respeito mútuo, a organização eficiente e antiautoritária, a responsabilidade coletiva.

Ao dar início aos trabalhos, o jornalista Pedro Porfírio propôs — e recebeu aprovação unânime — que fosse abolida a presidência, a mesa convencional dirigente dos trabalhos. Na realidade, nem a mesa — substantivo concreto — existiu. Apenas um coordenador cuja única função foi a de passar o microfone aos que desejassem falar, ler as propostas apresentadas e submetê-las a exame da assembléia.

É claro que funcionou um secretário de atas que foi anotando minuciosamente os assuntos debatidos, porém sem a menor interferência no andamento das discussões, que se verificaram no clima de liberdade, sem imposições autoritárias, propiciando ao povo reaprender o velho hábito de pensar alto em praça pública sem sentir sua existência física ameaçada.

O congresso provou que uma comunidade desperta, ativa, livre, cooperativa, é capaz de estudar os problemas básicos da existência e através de uma prática chegar a soluções originais.

Tudo isso sem necessidade de apelar para instâncias governamentais, para pseudotécnicos, nem burocratas, nem a figuras carismáticas, que são sempre verdadeiros entraves e não soluções criativas.

## O TEMÁRIO EM DEBATE

Um temário foi elaborado contendo os itens seguintes: **Custo de vida, autogestão e cooperativismo, educação e comunidade e comunidade e realidade brasileira.**

Os assuntos verdadeiramente mobilizadores, são o custo de vida e a atividade autogestionária empreendida pela Alma na tentativa de solucionar o problema: o mutirão.

O grau de consciência alcançado pelos membros da Alma ficou perfeitamente caracterizado quando um morador se manifestou contrário a que produtores ou simples revendedores viessem diretamente a Lauro Müller comercializar alimentos, pois se por um lado isto fosse extremamente cômodo, por outro aniquilava com o verdadeiro sentido educativo do mutirão, que é mobilizar, executar trabalhos coletivos, despertar os instintos de cooperação, recriar o espírito de comunidade, ressaltar a ajuda mútua proveniente das tarefas livremente compartilhadas.

A autogestão, a ação direta coletiva dos moradores da Lauro Müller, ao vencer obstáculos, provou na prática o que o povo pode realizar por suas próprias mãos, sem apelar para o Estado e para administração paternalista, que são sempre travadores e castrantes das energias vitais.



Reunião de abertura do II Congresso da Alma (foto de E. Briareu)

Perfeitamente cômicos do que querem e de quais os caminhos libertários que deverão trilhar para a meta da Federação de Comunidades, os participantes do congresso repeliram educadamente, porém de modo firme, a pretensão de uma representante da 5ª Região Administrativa do Estado, que se propusera a servir de intermediária para estruturar as relações entre as diversas organizações de bairros.

Fizeram, os vários porta-vozes da Alma, saber que essa reestruturação é desejável e será efetivada, porém sem necessidade de nenhum organismo estatal, mas sim pela ação livre das próprias comunidades, através de seus moradores.

Os congressistas revelaram a preocupação de expandir a organização autogestionária noutros setores da comunidade com a criação de uma biblioteca, uma creche que pudesse atender às necessidades de todas as famílias do bairro; de uma escola sem as quatro paredes e sem carteiras convencionais, que enveredasse pelo que há de mais moderno em matéria de pedagogia, atingindo até, segundo tese exposta, a idéia da educação através da arte, na proposta de Herbert Reed.

Um centro de estudos denominado **Marcelo de Abreu**, antigo morador da Lauro Müller, entra imediatamente em função promovendo um seminário sobre "A necessidade de descentralizar a administração pública, com o con-

sequente fortalecimento das administrações regionais que queremos autogeridas 'pelas comunidades'

## CAMINHOS LIBERTÁRIOS DE UMA COMUNIDADE ATIVA

A excelente atuação de Pedro Porfírio como presidente da Alma, motivou alguns associados a proporem modificações nos estatutos, visando sua reeleição, o que foi prontamente desautorizado pelo próprio Porfírio, sob a argumentação de que um dos princípios da autogestão é a rotatividade das representações, a fim de evitar a burocratização e a ossificação do organismo comunitário.

Semanas após, a nova diretoria foi eleita, ficando na presidência Clenório de Carvalho; vice-presidente, Maria Isabel Padilha; secretária-geral, Osvaldo Sérgio Junqueiro; tesoureiro, Manoel Martins; diretor social, Sérgio Rocket e diretor de atividades, Mauro Nascimento. Para representantes na Federação das Associações de Moradores foram designados Pedro Porfírio e Antônio João.

Aqui nos parece um ponto chave, pois é necessário que a Alma transmita sua experiência a outras organizações de bairros, como a Vila Kennedy, Cosme Velho, Campo Grande, Jardim Novo Realengo, Alto Leblon, Vila Isabel, Gávea, Laranjeiras, Botafogo etc. E que se unam todas as associações de bairros. Pois um crime está sendo cometido, que é a construção da auto-estrada Lagoa-Barra. Esta obra

irá desapropriar um conjunto residencial, desmatar uma floresta e jogar na rua da amargura uma população proletária, a fim de que a Pontifícia Universidade Católica, proprietária do terreno sobre o qual irá passar a auto-estrada, e o capitalismo selvagem das construtoras faturem alto, continuando a obra nefasta de transformar a cidade numa selva de pedra em benefício de uma elite de poder aquisitivo alto.

A Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro (Famerj) está se mobilizando para impedir a efetivação desta obra contrária aos interesses da população do Rio de Janeiro (pois, nos bastidores, está uma série de amigos do sr. Chagas Freitas, que serão altamente beneficiados com ela).

A Famerj vem de adotar posição firme em relação ao movimento sindical, à Igreja e a toda organização que queira colaborar, afirmando que as portas estão abertas para uma cooperação; porém, que não permitirão qualquer espécie de manipulação, de quem quer que seja.

O II Congresso da Alma demonstrou que as comunidades de moradores estão abrindo novas perspectivas para a solução dos problemas econômico-sociais através da autogestão, da ação direta e das decisões de base.

É como indica o velho hino operário: "Fazendo pelas próprias mãos tudo que lhes dizem respeito".

Arl Seleno Candler

**"TODA PROPRIEDADE É UM ROUBO"**  
Pierre-Joseph Proudhon



# CARTAS

## Ecoss da Carta Aberta

NICOLAU — RIO DE JANEIRO

“... Há libertários e “libertários”. E muitas vezes aqueles são vítimas destes, porque como já comprovamos com a nossa pequena vivência, muitos “libertários” são oportunistas” — sábias palavras. Cheguei a acreditar que se tratava de uma autocrítica de Lídio Barros. Porque, como diz Ricardo Líper, até Hitler pode ser interpretado sob o ponto-de-vista libertário. Vou, mais além: até O INIMIGO DO REI.

O mesmo Ricardo Líper, professor do proletariado e dos libertários em geral (quem errar a cartilha fica sem recreio — que medo!), fala em Stalim (“prefiro Stalim, pelo menos era sincero”) e age como um fiel stalinista. E distribui rótulos — diz que somos filhotes de Lênin.

Não, sr. Líper, não somos filhotes de Lênin, como tampouco somos filhotes de Bakunin. Somos pessoas abertas a qualquer tipo de discussão, porque somos LIBERTÁRIOS. Não temos medo das palavras, nem somos os patrulheiros de que nos acusam. Em momento algum excumungamos quem quer que seja por discordar de nós. E vocês o fazem.

Seremos falsos libertários por propormos aliança com os marxistas? E José Oiticica? E

Daniel Guérin? Por que não publicaram os textos dos dois, que mandei? A resposta já a sabemos: porque todos os dois textos se desviam dos dogmas, da doutrina “perfeita”, da “verdade absoluta”.

Vocês não sujam as mãos. Pudera, são elite. Deus no céu, o Inimigo do Rei na terra. Nada de contato com outras tendências, nada de contato com a realidade, nada de se misturar às massas — isso tudo os horroriza.

“A esquerda brasileira é de direita” — para minha surpresa, essas palavras não foram ditas por Jarbas Passarinho (de estaria apenas se repetindo), mas por Alexandre Ferraz e Kátia Borges. Duas cabeças que nada mais fizeram do que repetir o habitual discurso do Poder — da ditadura fascista que nos oprime há 15 anos.

Serão vocês Libertários? Tenho minhas dúvidas. Um Libertário discute e não omite. É dinâmico, metamorfose ambulante. Jamais se prende a dogmas. Isso me faz desconfiar. O Poder é astuto e se disfarça das mais variadas formas. E, principalmente, divide.

Saudações do “infiltrado”

NR — Seus artigos não saíram porque chegaram após o fechamento

da edição n.º 7 d'O INIMIGO DO REI. Saíram neste número: página 9.

### CLÁUDIO MIRANDA — RIO DE JANEIRO

Caros colaboradores e leitores do Inimigo do Rei,

Parece que a “ingênua” carta que nosso grupo enviou para o Inimigo — com o único objetivo de abrir um debate entre libertários sobre um determinado tema — produziu efeitos além do esperado. Entre estes efeitos está o de ter revelado a existência de uma nova igreja: a Santa Madre Igreja Anarquista Baiana. Devemos mesmo ter cometido uma grande heresia com nossa “ingênua” carta. De que outro modo explicar o fato dos Guardiães da Sagrada Chama da Pureza Doutrinária terem se preocupado em descer de seu magnífico Olimpo para exorcizar nossa “ingênua” carta de 2 laudas com 20 laudas de ofensas, agressões, acusações, raios e trovões?

Mas, aproveitemos para examinar mais detidamente essas nossas terríveis blasfêmias.

Primeiramente, em nenhum momento propusemos (e nem mesmo queremos) alianças orgânicas e permanentes com qualquer tipo de marxistas (e muito menos com estalinistas) e mesmo com qualquer tipo de tendência ideológica. O que propomos é que os libertários, numa determinada luta, não discriminem aqueles que podem lutar ao seu lado pela Ideologia (ou seja, por aquilo que as pessoas dizem que são: marxistas, anarquistas, liberais, etc.). Ao contrário, o que achamos fundamental para nos associarmos ou não com quaisquer pessoas ou grupos é o critério da prática. É ver se, num determinado momento, lugar ou luta, as pessoas estão ou não abertas a uma prática libertária, sendo secundário o fato delas se dizerem marxistas, libertárias ou qualquer outra coisa.

Em suma, nossa posição é parecida com a do conhecido anarquista brasileiro José Oiticica: “O verdadeiro anarquista, penso eu, aquele que se libertou totalmente do preconceito secretarista, colabora em todos os grupos, atua em qualquer tendência. Mais ainda, coopera com os não-anarquistas onde quer que a ação deles incremente a oposição revolu-

cionária. Assim, é anticlerical com os anticlericais; é democrático na defesa dos princípios liberais contra os reacionários; está com os bolchevistas, sempre que estes reivindicarem direitos; reforça a ala antimilitarista, ainda que os antimilitaristas sejam burgueses;... Não proceder assim, seria confinar-se no sectarismo e negar, nos atos, a doutrina anarquista, essencialmente anti-sectária.” (Contra o Sectarismo, in Ação Direta, Ed. Germinal).

Provavelmente, os nossos Mestres Libertários baianos classificaram Oiticica de ingênuo, traidor e fascista — assim como nós também fomos classificados. Naturalmente, também serão classificados de fascistas, marxistas antilénistas e libertários como Rosa de Luxemburgo, Kollontai, Korsch, Pannekoek, matick e muitos outros. Traidor e fascista também será, certamente, Daniel Guérin, um dos grandes divulgadores do anarquismo, que teve a ousadia de propor um Marxismo Libertário. Parece-nos que, para a Igreja Anarquista Baiana, serão fascistas todos aqueles que não seguem de A a Z o seu Catecismo. Ou seja, toda humanidade, exceto eles. Naturalmente. O proletariado mundial e os mártires de Kronstadt, da Ucrânia e da Espanha podem ficar tranquilos. Pois aí estão os Mestres Libertários de Salvador para, através dos tempos, defenderem a Sagrada Pureza da Doutrina Anarquista! Pois que fiquem com suas sagradas Certezas e Doutrinas! E também com suas arrogâncias, sectarismos e intolerâncias! Já nos bastam a arrogância e a intolerância dos generais e dos estalinistas! Quanto a nós b continuaremos nos recusando a ver o movimento libertário da mesma forma que os Mestres baianos o vêem, ou seja, como uma flor frágil e pura que precisa nascer e crescer imaculada numa estufa, sem contactos com a Realidade e a História. Para nós, o movimento libertário só deve recusar a se utilizar das linguagens totalitárias e das práticas de dominação. Linguagem e práticas estas que, infelizmente, são utilizadas até mesmo por grupos que se dizem anarquistas.

### JORGE DE SÁ — RIO DE JANEIRO

Surpreendente, quase tanto quanto lamentável, me pareceu o verdadeiro assomo de fúria com que foi respondida uma carta assinada por companheiros do Rio de Janeiro. Não que pareça surpreendente a não concordância com os princípios gerais postulados pela carta. Verdaderamente absurdo foi o fes-

tival de ofensas gratuitas, arrogantes e pouco recomendáveis quando aplicada sobre pessoas confessionalmente ligadas ao ideário libertário, cujo único crime foi expor livremente suas opiniões. Afinal, me parece que a crítica libertária deve diferir fundamentalmente daquelas identificadas com as correntes de

pensamento autoritário. Entretanto, o que fazem vocês? Descem o porrete sobre a honra pessoal dos signatários, tachando-os de beócios, traidores infiltrados, descendentes dos assassinos de Makhno, censores em disponibilidade e tantas outras bobagens que só fazem caracterizar a febre cega e compulsiva das beatas na defesa intransigente de suas credências místicas. E tudo isto por quê? Porque estes companheiros opinam que é possível a luta lado a lado com os marxistas em alguns campos de atuação e que, mais importante que a crítica às ditaduras de esquerda, seria a concentração das críticas da o Estado de direita, no poder.

Ora, companheiros, estas posições me parecem eivadas de contradições e erros de perspectiva. Mas, por outro lado, não se pode esquecer que do ponto de vista da psicologia de massas, o marxismo se constitui, sem dúvida, na superstição do século. Superstição que tem envolvido muitas consciências de valor. A mesma que levou o muito amado Sartre, a classificar o marxismo como a “insuperável filosofia de nosso tempo”. Nem por isso eu creio que vocês se arrisquem a ver as mãos do velho mestre tintas do sangue dos anarquistas espanhóis...

De forma que acho histórico e inepto o ódio canino lançado indistintamente, sobre todos os marxistas. Não se pode comparar os marxistas do P.O.U.M com aqueles do reacionaríssimo P.C.E., assim como não há como confundir os funcionários do partido comunista francês com os jovens marxistas que, ombro a ombro com os libertários, ergueram as barricadas do Quartier Latin. Vocês não de objetar que ambos os caminhos convergem para o mesmo ponto. Sim, eu concordo. Mas penso também, que muitos jovens marxistas não chegariam ao estágio de empedimento teórico se tomassemos à sério a tarefa de chamá-los ao debate e procurar demonstrar as deformidades congênitas do marxismo e sua conseqüente feição autoritária e dogmática. Lembro aos companheiros que quando nos opomos ao marxismo, estamos lutando menos com uma ideologia do que com uma religião, e que mais vale, neste caso, as armas da persuasão teórica do que a rejeição radical. Volto a salientar que, ao defender tais posições, não me passa pela cabeça conciliar com os marxistas convictos, autoritários, vocacionais e, portanto, nossos inimigos frontais. Também não se trata de conciliar com qualquer outro marxista, mas apenas de reconhecer que entre eles existe um vasto contingente de idealistas tão sinceros quanto equivocados. Talvez seja oportuno lembrar que grande parte dos libertários, hoje, são

evadidos do marxismo. E não acredito que vocês mesmos, em qualquer proporção, em qualquer época, não tenham tido pelo menos um mínimo de simpatia pelo pensamento de Marx. A posição de vocês é, portanto, injusta e historicamente anacrônica. Ignora, inclusive, o intenso movimento europeu, no sentido de despojar o marxismo de suas características autoritárias, o que, obviamente, leva, na prática, à adoção de posições francamente libertárias. É o caso, por exemplo, de um Daniel Guérin, cuja posição inteligente engrossou as fileiras libertárias com várias adesões de marxistas jovens os quais ele, Guérin, chamou de “marxistas libertários”, não tendo estes na prática da ação direta no maio de 68, nada a ver com o marxismo. Quer dizer; o inconsciente coletivo que leva muitos idealistas a ver no marxismo a solução revolucionária do século XX não é privilégio brasileiro.

Agora, este círculo fechado, esta progressiva elitização maçônica que ao que parece está pintando af; é altamente comprometedor para a consciência libertária que, diga-se de passagem, acusou altos perigos na unanimidade e monolitismo demonstrados nas respostas que mais pareciam assinadas pelo mesmo punho. Quero crer, entretanto, que qualquer semelhança com as resoluções dos comitês centrais dos partidos comunistas é mera coincidência.

De resto, quero deixar claro que absolutamente não concordo em intensificar as críticas ao Estado de direito a em detrimento das feitas às ditaduras de “esquerda”, porque penso que, af sim, é tudo farinha do mesmo saço. Além do mais eu vou sempre preferir lutar contra um Figueiredo do que contra um Prestes encastelado no poder. O primeiro em termos de ditador é uma filha de maria de comparado à viúva de Stálin.

De forma que a posição que adoto nesta carta é de franca rejeição à forma pela qual foi tratado um grupo de companheiros que não merecia nem mais nem menos que a crítica às suas opiniões, no terreno límpido e sereno das idéias. Aliás, trata-se de uma covardia meter o pau deste jeito em pessoas que só vão poder se defender daqui a dois meses.

Finalizo observando que a tônica detratora imperante nas respostas deve fazer um marxista sentir-se como um anarquista na Rússia, levando-os a refletir que se a revolução soviética tivesse tido os libertários como vitoriosos e se Makhno fosse marxista, seria a vez dos anarquistas assassiná-lo e jogá-lo aos cães.

PS — Solicito transcrição na íntegra.

### GRUPO DE APOIO — PORTO ALEGRE

ENQUANTO GRUPO DE APOIO DO INIMIGO DO REI. EM PORTO ALEGRE (RS) E OBSERVANDO A POLÊMICA QUE OCORREU NO Nº 7 DO NOSSO JORNAL, NÓS QUEREMOS COLOCAR A NOSSA POSIÇÃO, QUANTO A:

1)... “o inimigo principal dos libertários é sempre a minoria que está no poder”...

Pensar a questão do Estado, do Poder, das Classes Dominantes e das frações de classe que constituem este Poder, não deve parar simplesmente numa “questão de lugar” (qual a fração hegemônica no poder).

Nosso inimigo é o Poder, esteja onde estiver, inclusive nos grupos que o almejam (se nos querem jantar, vamos almoçá-los).

2)... “lutas comuns, ao lado dos marxistas, contra a ditadura”...

Sobre alianças com socialistas e comunistas dizemos; Nós fazemos alianças nas lutas e não com os partidos.

Não nos interessa a aliança em “frentes” organizadas anteriormente num acordo entre as partes (cederíamos em partes essenciais, como diretoria, presidência, mesa etc...) seria a mesma coisa que misturar água com azeite; como unir numa mesma organização o Poder e o Antipoder? Exigimos autonomia e independência, porque cada um de nós (autoritários e libertários) carregam uma alternativa de organização visceralmente distinta. Estaremos juntos nas passeatas, greves e lutas importantes para o conjunto da sociedade. Não nos submeteremos a uma direção “unitária”, ditando regras de ação...

Fechar nas lutas significa manter a independência da organização levada de forma alternativa, onde a proposta libertária constitua-se numa prática constante.

3)... “o regime autoritário em que vivemos deveria ser um prato cheio para um jornal libertário”...

Quando um jornal que parte do Movimento Estudantil, dá prioridades às suas questões, discutir as direções é fundamental para ele.

Mas o importante a partir deste momento político, é ampliar a discussão para o restante da sociedade, passando pela denúncia das atuais condições de vida (habitação, transporte, alimentação, lazer etc...) da população.

Isto já tem aparecido no Inimigo do Rei, e está sendo reforçado pela contribuição de todos, (ao menos, assim esperamos). Partindo disto, propomos;

a) Organizar a Intervenção.

O jornal se pretende feito em autogestão de grupos libertários, participar nele é organizar a discussão de sua linha, a venda dos jornais, e a participação no cotidiano. Enviando impressões críticas dos mesmo para publicação e discussão entre todos (editores, jornalistas e leitores).

b) Aos Redatores da Carta Aberta.

Queremos reafirmar que, concordamos com a preocupação de vocês em aumentar a influência e penetração do jornal. Para isto nós também estamos construindo um grupo de apoio; QUE TAM.BÉM JÁ TEVE PREOCUPAÇÕES COMO AS DE VOCÊS, e hoje vê assim a questão.

Acertando e errando vamos construindo nosso caminho; acima de tudo o fundamental é manter a união na diversidade de critérios.

“caminante amigo, el camino se hace al andar”...



# CARTAS

## As bichas estão de volta

Nós, que ao invés de nos definirmos necessariamente como **homossexuais** em definitivo, mas que diante da realidade de cada um de nós, temos, no momento, comportamento e uma preferência **homossexual**, por várias razões, estamos numa condição de vítimas e cobaias de todo um debate político, cultural, sócio-psicológico, preconceituoso a nível geral. Em todas as partes do mundo, de diferentes formas e em estágios diversos, a questão entra em pauta, sendo questionada e servindo de prisma para questionar inúmeros fatos sociais. E quanto não serve para desmascarar e exemplificar o funcionamento da vida social e as mazelas da **heterossexualidade** imposta irrestritamente a todos!

Nos crucificam, como a outros, com tudo que têm de hediondo em si mesmos. Se nos atingem marginalizando-nos, são ridículos quando emitem opiniões, não chegando verdadeiramente a atingir a essência da questão.

Somos o estigma — porra, e isso é duro de enfrentar — de uma série de frustrações coletivas. É um exemplo nítido de defesa. Defendem o seu "status quo" estereotipado contra aquilo que se convencionou ser o anormal, o disforme. Acontece uma enrustição coletiva na medida em que não vêm a questão objetivamente e em que reabram as formas de desviarem sexualmente aqueles que porventura apareçam como **homossexuais**.

Não podemos adiar a nossa sexualidade esperando que a humanidade torne-se apta a encarar, não só o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas o significado de toda a sexualidade. Vivemos agora, como outros antes, aquilo que não chegou ainda a ser isento de pesadas e incondicionais sanções. É a própria dialética cultural, que nem sempre coloca o homem objetivamente como centro, mas um homem já indevidamente culturalizado. Por isso vivemos agora contra tudo e todos.

Colocar, porém, o homem como centro significa, em primeiro lugar, ter todos os homens indistintamente como semelhantes no sentido de que têm direito a se expressarem de formas variadas, de acordo com sua concepção, com suas cogitações filosóficas, não

determinadas ou permitidas aleatoriamente por qualquer pessoa. Vale citar aqui, para compreender — não necessariamente limitar — a liberdade numa concepção existencialista. Diz Sartre que quando um só homem pensa ou faz algo carrega consigo toda a humanidade. Na medida em que o homem não é um ser definido, e que procura a sua essência, qualquer homem representa em seus atos a possibilidade do homem vir a ser. Aqui situa-se a característica mais forte no homem, parte de sua essência. O homem cresce à medida em que entende isso, em que se compromete, em que propõe.

Se, por um lado, conscientemente nos sentimos homens, realizados, inteligentes, e não apenas fantoches, por outro sentimos, mesmo que não conscientemente, a amargura da marginalização, da gozação, do ridículo. Sentimos doer e gritamos, não sabendo sempre a que ou a quem. E aí o inefável: o ambíguo, a angústia.

É inominável o modo de viver do homem quando individual e coletivamente está sujeito incondicionalmente a um absolutismo cultural. São tediosos e repugnantes os autores e os esquemas de vida criados, sujeitando gerações inteiras, como rebanhos, a se igualarem total e indiscriminadamente. Vale registrar também os muitos que houveram e que muito ainda existem que mesmo tendo condições de um posicionamento crítico deixam-se levar por uma série de conveniências de classe, de papel social, etc.

Frequentemente somos colocados dentro de esquemas horrivelmente falhos. Não nos vemos como um expressão maior, corajosa, sincera e concreta daquilo que um pouco são ou que poderiam ser. Se assim o quiséssem.

Muitos acabam se tornando aquilo que os outros pensam, porque é assim que as situações de vida se nos apresentam e nos envolvem. O pior de tudo, regra geral, é quando nos tornamos insensíveis e vivemos a vida como se não fosse sofrida, mascarando-nos como alegres, entendidos, liberais, avançados; ainda que sejamos.

"Que atirem a primeira pedra..." L.L.

*o grupo d' O INIMIGO DO REI QUE NÃO TEM PRECONCEITOS CONTRA HOMOSSEXUAIS; NEGROS; HETEROSSEXUAIS; MULHERES; MACONHEIROS ETC.: Procure-nos.*

Anistia, ampla, geral, irrestrita para enquadrar Leonel Brizola, latifundiário irrequieto, criador de gado e multiplicador de dólares. Vivendo o tripa forra um exílio desencansado. Velhíssimo papagaio de "puteiro", que abre a boca negra para vociferar PTB, como se estivéssemos ainda no reino de Jango.

Anistia, ampla, geral, irrestrita que abarque o Sr. Miguel Arrés, sua ingenuidade socializante. Que retorne alegre com seu termito familiar.

Anistia, ampla, geral, irrestrita para os presos de delito comum, também aviltados, humilhados, massacrados, discriminados por uma justiça de classe.

E tu esquerdão ossificado, que colas plásticos nos carros e berras a anistia em cada esquina, já pensaste alguma vez neste problema?

Anistia ampla, geral, irrestrita também em Cuba, Argentina, Chile, União Soviética, China, América do Norte, Uruguai, Paraguai, Alemanha, Vietnam... por toda parte, em toda terra...

Anistia, ampla, geral, irrestrita, para que os exilados retornem ao aconchego de familiares, amigos, companheiros, que se integram em suas atividades profissionais, culturais, comunitárias, mas... por favor, não venham pregar a ditadura, a opressão, o regime de força, ainda que sob égide do "proletariado", como solução para o Brasil, pois estamos fartos de autoritarismo e do cale a boca, militar.

Que o exílio tenha arejado suas mentes. São os votos que faço.

Pedro Sertonio Vaz.

# biblioteca

## Sarapatel anarco-marxista bem temperado

O título da obra é **Anarquismo e a Democracia Burguesa**, editada pela Global, especialista em literatura marxista, o que, para início de conversa, nos deixa com um pé atrás, em extrema expectativa.

Capa excelente, impressão bem cuidada. Folheando o volume de 120 páginas depara-se-nos uma coletânea de bons textos de Daniel Guérin, Malatesta, Bakunine, Kropotkin, versando sobre o parlamentarismo, socialismo autoritário, sufrágio universal, libertação social etc. Porém, sem a menor indicação das fontes que foram selecionadas, o que é lamentável desleixo do organizador do livro e, por extensão, da editora.

Complementando, um texto de Engels muito conhecido: **Os Bakuninistas em Ação**, série de artigos publicada no jornal **Der Volksstaat**, nos dias 3 de outubro e 5 de novembro de 1873, clássico das propagandas soviéticas, chinesas e trotskistas de várias ramificações à posição anti-eleitoral, às táticas revolucionárias e à atuação prática da Internacional espanhola sob a influência das idéias de Bakunine.

É claro que os artigos de Engels estão deslocados dentro de uma coletânea que trata precisamente de anarquismo. O organizador pretendeu contrarestar posições teóricas libertárias, utilizando escritos ocasionais do companheiro de Marx. E nos parece que escolheu mal.

Recomendamos a nossos leitores repassar o texto de Engels, a fim de que possam assimilar as seguintes considerações:

1. As palavras cáusticas de Engels as aliancistas (bakuninistas) estavam motivados pela recente cisão da I Internacional. Na Espanha, as seções da organização de influência libertária contavam, em 1873, com 50 mil membros, enquanto que a organização marxista paralela tinha que se dissolver por falta de aderentes.

As tentativas de Paulo Lafargue, genro de Marx, de criar a organização marxista fracassaram. E ele prestou ótimo serviço à reação publicando o nome dos internacionalistas. Ensiando a perseguição por parte da política espanhola.

2. Engels coloca ênfase na luta política, entendida como luta partidária, parlamentar, que é repudiada pelos aliancistas, que lutam politicamente por uma transformação social, sem aceitar "etapas intermediárias", e sem engajar-se na caça ao voto, na alienação do caminho burguês parlamentar.

Há uma crítica ácida à atuação dos aliancistas em Barcelona. Porém, na realidade, foram os que lutaram de armas na mão, apesar da apatia dos trabalhadores que se recusaram a se associar a uma revolução, sob pretexto de que a república era suficiente, como supunham Marx e Engels.

3. A seguir, há uma tentativa de ridicularizar os acontecimentos de Alcey. Sabe-se, porém, que os operários tinham poucas armas, quase todas obsoletas, além de não



terem munição suficiente. A burguesia contava com a ajuda da Polícia municipal, bem apetrechada.

4. Há um trecho do artigo de Engels que foi drasticamente suprimido da edição brasileira, no qual, comentando os acontecimentos em Valência inopinadamente, ele muda de um pólo para outro e passa a elogiar os internacionalistas. Qual o enigma? Simplesmente por falsas informações admitidas que os envolvidos na luta eram "marxistas". Na realidade, a **Federação Operária local era aliancista** (bakuninistas). Os "marxistas" primavam pela ausência.

5. O **Volksstaat**, 2 de novembro de 1873, publica artigo (não reproduzido na edição brasileira) com ferozes zombarias aos insurretos de Cartagena, que nada têm de comum com o movimento operário, mas que Engels faz crer que estejam sob influência das idéias anarquistas.

Três dias após, em 5 de novembro, o **Volksstaat** volta à carga, com um artigo sem assinatura, louvando os insurretos de Cartagena.

Afinal, em que ficamos?

6. Engels vociferava: "que ao estourar o levante cantonal, ao se constituírem os governos cantonais, os bakuninistas que tanto vociferaram contra o poder político se apresaram a ingressar nesses governos."

Frederico Engels, que não brilha nem pela boa fé, nem pela inteligência, confunde **Junta revolucionária com governo e comuna revolucionária com Estado. ANARQUISMO E A DEMOCRACIA BURGUESA** — Global Editora, São Paulo, 1979, 126 pp; Cr\$ 100,00.

JOSUÉ LIRA FERREIRO

## ALVORADA OPERÁRIA

Edgar Rodrigues tem sido um pesquisador aplicado e um produtor profícuo no que tange à história do movimento operário no Brasil.

Assunto que há algumas décadas possuía bibliografia paupérrima, desconhecida, ignorada, relegada, recebeu desse historiador uma atenção pertinaz, daí resultando uma série de trabalhos dos quais destacamos: **SOCIALISMO E SINDICALISMO NO BRASIL** (1975 a 1983), **NACIONALISMO E CULTURA SOCIAL** (1913 a 1922), **NOVOS RUMOS — PESQUISA SOCIAL** (1922 a 1944) e **TRABALHO E CONFLITO** (1906 a 1937).

Continuando esse magnífico labor, E. Rodrigues lança mais um excelente volume: **ALVORADA OPERÁRIA**. É através dessas páginas repassadas de lutas, fracassos, vitórias, solidariedade, rumos divergentes, rupturas que vamos tomando contato com a grandiosidade

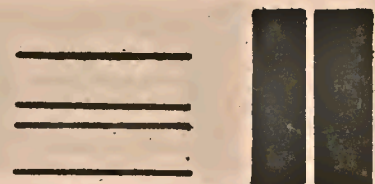
das lutas sindicais no passado, a dimensão que deverão ocupar na História Social do Brasil e o quanto ainda falta para ter-se um painel completo deste movimento.

O livro atual retrata com precisão os inúmeros congressos operários realizados não só no âmbito estadual, como no âmbito nacional. Há uma riquíssima documentação fotográfica, que valoriza sobretudo o trabalho, destacando-se as fotos relativas ao III Congresso Operário, inéditas até há pouco tempo.

Completando a obra, uma parte denominada "Pequena Antologia Operária", com depoimentos de trabalhadores alfaiates, barbeiros, sapateiros, pedreiros, gráficos, metalúrgicos, tecelões etc., sobre o campo de concentração do Oiapoque, onde eram atirados os anarcosindicalistas opositores do regime de Artur Bernardes, para que morressem de peste, fome ou dizimados por trabalhos forçados e precária alimentação.

**ALVORADA OPERÁRIA** — Edgar Rodrigues, Editora MUNDO LIVRE, Rio, 1979, 357 pp. Cr\$ 200,00.





## "Anarquistas graças a Deus"

Dona Zélia escreveu um livro que na certa fará sucesso. Como não é escritora profissional, iniciou-o pelo relato de suas vivências de menina, filha de pais italianos, imigrantes, anarquistas e operários do início do século.

A mãe, que marcou profundamente o caráter de dona Zélia, era tecelã e tinha uma consciência de classe enorme, como só os libertários sabem formar.

O pai viera participar da experiência autogestio-

nária da famosa COLÔNIA CECÍLIA e, posteriormente, estabeleceu-se em São Paulo, tendo grande atuação no movimento anarco-sindicalista.

Nas primeiras décadas do século, solidariedade, companheirismo, autenticidade, não eram palavras vãs, porém realidades brotadas espontaneamente do convívio comunitário, das duras lutas sindicais, das reuniões culturais. Sim, também os libertários ocuparam-se muito com a

elevação do nível cultural do proletário, através de conferências, debates, teatro, escolas, criadas pelo próprio operário.

Dona Zélia, pacientemente nos momentos disponíveis, pelo espaço de três anos, foi passando para o papel suas lembranças. As grandes agitações pró Sacco e Vanzetti. A grande greve de 1917 que paralisou totalmente São Paulo. A cidade ficou praticamente nas mãos dos trabalhadores e o governador teve que humil-

demente negociar com o comitê de greve.

Aconteceu que quando dona Zélia se apercebeu, tinha escrito um livro de 280 páginas que foi lançado no mês de novembro.

Quem é dona Zélia? Pois é, Zélia Amado, esposa do famoso escritor baiano Jorge Amado.

Tememos ter-se iniciado disputa muito séria no lar dos Amados.

"ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS", de Zélia Amado. Editora Record. São Paulo, 1979.

Leia, Assine e Divulgue O INIMIGO DO REI

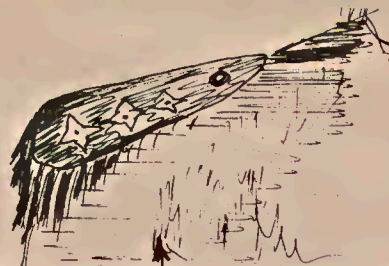
### "Entre colunas..."

Equívocaram-se os que pensavam que o escritor Roberto das Neves se faquirizara sob o efeito de uma alimentação "microbiótica", e conseqüentemente a editora Germinal de sua propriedade, era coisa de um passado extremamente remoto.

Dando prova de vitalidade incomum, que espantou até o dr. Marcelo Caetano (dr. em que?) o introdutor da Contra Cultura no Brasil e do "Anarco-Vegeto-Esperanto-Maçonaria", nos apresenta um excelente volume de trabalhos filológicos e sociológicos.

São doze eruditos ensaios que demandaram ao autor uma exaustiva pesquisa em famosas bibliotecas de aquém e além mar, especializadas em problemas sociais. Citamos alguns títulos para provocar água na boca do leitor: O Enigma de Jesus Cristo-Homem, Mito ou Deus?; Marxismo Escola de Ditadores; Mahatma Gândi — O Filósofo da não violência; Da anarquia, como a mais alta expressão da ordem, e dos caminhos para alcançá-la; O verdadeiro catecismo; José Oiticica — um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil.

Terminando com fita de ouro um estudo monumental sobre macro-



biótica, vegetarianismo e a grande revolução da medicina (semelhante à revolução dos cravos). Projeta-se o nome do famosíssimo dr. Are Waerland, naturopata, muito conhecido pelo seu método de curar hemorróidas, doença que apresenta alta incidência nos ditadores por permanecerem muito tempo sentados no poder. Entre os clientes do dr. Waerland são citados: Strossener, Pinochet, Mussoline, Staline (tratado várias vezes) Franco (assistência permanente) Salazar e Somoza (assistência diária) e todos os ditadores do Brasil.

Um magnífico livro que está tendo enorme aceitação no Brasil e em todos os países sob ditaduras militares em que o povo ainda não perdeu o hábito de ler.

Entre Colunas, Ensaios Sociológicos e Filosóficos, Roberto das Neves, Editora Germinal, Rio, 1979; 238 pp; Cr\$ 250,00

Sujiro Shibata.

### LEITURA LIBERTÁRIA

A NOVA CLASSE, de Milovan Djilas. Livraria AGIR Editora; Rio de Janeiro, 1971, 290 pp.

1984, de George Orwell. Companhia Editora Nacional; São Paulo, 1978. 277 pp.

O SOCIALISMO LIBERTÁRIO, de Mikhail Bakunin; Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1979. 67 pp.

ANTOLOGIA DO SOCIALISMO LIBERTÁRIO, de Bakunin, Rocker, Castoriadis, Malatesta e Tomasi. Edições Mundo Livre Ltda.; Rio de Janeiro, 1979. 52 pp.

LENIN, de Daniel Guerin. Edições Mundo Livre Ltda.; Rio de Janeiro, 1979, 32 pp.

## assinatura

Assine, colabore com "O INIMIGO DO REI". Basta que você mande um vale postal em nome de Antônio Carlos C. Pacheco, no valor de Cr\$ 100,00. Se você quiser receber sua assinatura grátis, tire três (3) xerox do cupom e passe a três amigos. Envie os cupons e cheques no mesmo envelope e sua assinatura será nosso presente a você.

Ao Jornal  
"O INIMIGO DO REI"  
Caixa Postal: 2540  
40.000 — Salvador — Bahia  
Desejo receber uma assinatura anual de O INIMIGO DO REI, correspondente a seis edições bimestrais:

NOME: .....  
ENDEREÇO: .....  
CEP: ..... CIDADE: ..... ESTADO: .....



# VIA GEM

A Kátia Regina Borges

Me dê uma carona no teu baseado, que estou quase parado.  
Eu quero ser um só em você e me perder na chama, na cama ir às entranhas.  
Esquecendo da lama dos guetos e das favelas, dos brancos e dos negros.  
Nego a qualquer Partido me representar.  
Sonho libertário que arrisco até o fim, sem medo e sem pudor.  
**NÃO HÁ FEDOR PIOR DO QUE ESTA DEMOCRACIA.**  
O maior sofrimento eu já passei — ser **ESCOLARIZADO.**  
E agüentar tantos cretinos até via Intelsat. O que fazer?  
Trocar os "ISMOS" pelas "LOGIAS"?  
A cada encruzilhada que nós passamos, uma de suas vias dá na **ANARQUIA.**  
Você sabia!?  
Não, não rabisque a parede.  
Não piche no escuro.  
Pois, não se altera o futuro com palavras escritas no muro.

LÍDIO BARROS.

## Viagem

A LÍDIO BARROS

Relaxe o corpo, soltei a mente,  
correu a imaginação.

Vieiram pássaros, poentes SOL  
e LUA, mulheres morenas douradas  
juntaram-se a mim.

Choveu calor de amor, delírios  
que não de dor, cantos com sons e

ruidos metálicos, estrelados.

Chorei as flores de Hiroshima,  
nadei no rio Nilo e fui parar em Pi-  
tuassú.

Corri pelos campos de concentra-  
ção da Rússia e fui a primeira a  
fazer o percurso em menos tempo,  
conseguindo assim a libertação.  
Recorde Mundial.

Dáí peguei-a pelo braço e pros-  
eguei viagem...

KÁTIA REGINA BORGES

## Homossexualismo

Por que a sociedade ainda tem esse  
preconceito com o homossexualismo?

Essa é uma pergunta que dentro dessa  
sociedade muitos se fazem, pelo fato de já  
analisarem a relação homossexual tão  
natural quanto a dita relação normal ho-  
mem-mulher.

Mas, como ainda existem pessoas que se  
negam por motivos inconcebíveis a ver a  
coisa de uma maneira não tão deturpada,  
acabam tendo conceitos totalmente leigos  
com a relação homossexual. Chegam a  
analisar a coisa de forma que ela pareça um  
vício, um relacionamento mórbido, uma  
"falta de vergonha" etc.

Por que esse conceito irracional?

Dentro desta ignorância generalizada, só  
há duas respostas: ou a sociedade generaliza  
um indivíduo com o comportamento escan-  
daloso ou realmente são totalmente ignoran-  
tes para verem o relacionamento de uma  
forma degenerada, sem ao menos tentarem  
ver o lado que contém os sentimentos de  
cada indivíduo que vive uma relação homos-  
sexual.

Gente, homossexualismo não é uma op-  
ção; digo porque jamais ninguém optaria  
por um tipo de relacionamento que a  
"sociedade" repudia.

O homossexual é gente, mas infelizmen-  
te as pessoas julgam o indivíduo pelo com-  
portamento sexual, que não deixa de ser  
mas um absurdo!

Em qualquer relacionamento há agres-  
sões, desentendimentos, compreensão, sexo,  
amor e orgasmo etc.

Dáí vem a pergunta — por que tão  
"anormal"? Se dentro do relacionamento  
homossexual existe tudo o que há dentro de  
um relacionamento dito normal?

Fica aí essa pergunta para os precon-  
ceituosos e os leigos. E porcos chauvinis-  
tas...

IVANA TORRES

## Pequena-burguesia tem que assumir

O que se vê na maioria esmagadora das ten-  
dências estudantis e intelectuais de esquerda é a  
recusa veemente em se assumirem como classe  
média. Estudam aplicadamente a teoria marxista-  
leninista sobre a Revolução Proletária, luta de  
classes etc. publicam jornais que assumem a  
problemática operária — tolhendo assim, em par-  
te, a existência de uma verdadeira imprensa  
operária.

Acham que assumirem-se como classe média  
é contra-revolucionário, (apesar que às vezes dis-  
farçadamente o fazem, como quando exigem  
tratamento especial para seus presos).

A classe média, inclusive sua parte de "es-  
querda", é corrupta e desonrada, e é uma tristeza  
ver a sua juventude, sob o jugo da Ditadura  
Familiar ir relutantemente, (e não docilmente),  
para o mesmo caminho. Penso que as pessoas que  
realmente estão a fim de ajudar na libertação da  
humanidade têm a obrigação de se preocupar  
com coisas assim. A mulher e a juventude pe-  
queno-burguesas têm um enorme potencial re-  
volucionário.

Penso que os grupos assim como a Convergên-  
cia Socialista, que têm um pouquinho de influên-  
cia sobre a juventude p.b. seriam muitíssimo mais  
úteis se, ao invés de usarem esse pessoal em apoio  
de supostos "candidatos socialistas" e etc., in-  
crementassem o debate acerca dos problemas  
dessa mesma juventude; como p. ex. repressão  
familiar, sexo, solidão, afetividade, trabalho  
alienado, etc.

Não gostam de falar de problemas assim por-  
que estariam colocando o dedo na própria ferida  
— o que realmente não é fácil, mas é muito mais  
válido. Pedem anistia para os presos políticos,  
mas não para suas cabeças, isso porque já se jul-  
gam esclarecidos e livres o suficiente, faltando  
agora ajudar na libertação dos outros — presos  
políticos e trabalhadores. (O que não quer dizer  
que sou contra a solidariedade e o apoio a todos  
que procurem a liberdade/ Liberdade). É bom  
lembrar que o apoio dado por essa esquerda aos  
presos políticos não se estende aos presos co-  
muns justamente porque ela tem uma visão al-  
tamente mesquinha do que é libertação da hu-  
manidade.

Como palavra final eu quero dizer que:  
eu não quero a Revolução Socialista porque  
o MUNDO está indo pro bebelê, mas sim  
porque EU estou indo pro bebelê.

ANTÔNIO CARLOS MUNHEZ/O IN-  
TELEXUAL

# CORINA

Pensei em quando meu amor  
era mais exigente,  
e pedia que eu lhe chupasse a língua..., e os seios..., e os dentes  
bequiabertos Marlyn Monroe.  
E eu ávido, chupava;  
sua língua, seus dentes, seus seios e seu coração.

Pensei em quando meu amor  
era mais mulher.  
Deitava-me na cama,  
me fazia carinhos Kama-Sutrianos,  
e me exigia ação.  
E feito um pobre louco varrido e ébrio,  
eu lhe mostrava as canções de amor,  
que eu tinha feito,  
só pra ela,  
até então.

Mas a verdade,  
é que eu nunca pude prescindir dessa mulher,  
que me deixava todo risos louco sem destino.

Essa mulher que dilacerava a minha carne;  
(ah, a minha alma, deus não quis nem quer.  
Ele não é doido nem nada. Eu faria uma revolução no céu).  
Tratava-me como se eu fosse  
um homem qualquer  
apenas teu amante habitual

Eu sou apenas o cão que lambia,  
FIELMENTE,  
quando ela queria e mandava,  
a parte pública  
que era e é dela  
que era e ainda é tão  
bela!

TONHO STARTERI

## Um disco de cabeceira

NELSON TANGERINE

Rock na "Terra do Samba"? (perguntou Ezequiel  
Neves). E porque não? (respondeu imediatamente o  
crítico). Pois Rita Lee tem a ousadia de brincar com  
a música, irritando então os ONIVERSITÁRIOS e os  
XENÓFOBOS FURIBUNDOS, que cobram do artista  
uma definição ideológica, ou ainda, que o artista  
faça tudo dentro das raízes, como se o Brasil não  
recebesse influência estrangeira desde o dia 22 de  
abril de 1500.

Em seu novo LP RITA LEE, a atriz, compositora  
e cantora, prova mais uma vez que raiz é mandioca  
e rabanete, e que a verdadeira música brasileira é a  
música do índio (se eles ainda existem). Muito mais  
do que isso, Rita Lee prova também que A GRINGA  
era o ponto vital dos MUTANTES, e que sua saída  
só resultou na morte do grupo.

Escutar Rita Lee, é escutar um grito vindo da  
PAULICÉIA DESVAIRADA DE MÁRIO DE AN-  
DRADE, essa São Paulo mistura de raças, de cores,  
luzes, de multinacionais, de tudo. Como bem diz  
Caetano em SAMPA, Rita é a melhor tradução de  
São Paulo. E ela acha Caetano um bicho lindo.

A gravidez mudou muita coisa, mas Rita Lee  
não deixou de cantar para a geração-anos-setenta,  
uma geração composta por teen-agers, adultos e até  
mesmo senhoras. Seu disco vai marcar o final dos  
anos setenta, os anos de muitas festas arrombadas,  
os anos de CORRE CORRE nas Babilônias São  
Paulos do Brasil, os anos do perigo.

Se havia lugar para Bossa Nossa (que era Jazz),  
para o Iê-Iê-Iê (Jovem Guarda) e Tropicália (Psi-  
codelismo, Beatlemania, hippismo, tudo isso, pas-  
sados para uma realidade brasileira), por que não  
haveria um lugar ao sol para o rock, que sempre foi  
a maneira mais santa que a criança encontrou para  
desobedecer ao estabelecimento?

Que em 80, Rita arrombe novamente a festa,  
pois sempre haverá não só injustiça, como também  
panelinha e radicalismo. Esse radicalismo indecente  
que defende com unhas e dentes a virgindade da  
música popular Brasileira, como se a música  
brasileira "fosse a última do planeta. Que me per-

doem os Tinhorões e os Sérgio Cabrais, mas eu vou  
passar esse finalzinho de ano ARROMBANDO A  
FESTA. Antes disso, vou fechar minha estante com  
livros de McLuhan, Levi-Strauss, Mário de Andrade,  
Marcuse e muitos outros (na grande maioria estran-  
geiros) para ler a partir do dia 1º de janeiro de 1980  
— se o mundo não acabar antes.

Nada melhor do que um final de 79 (ou final dos  
tempos) em ritmo de rock, reggae e baladas doce-  
apimentadas, pois as pessoas estão se esquecendo  
da dança, do som, da música, e dormindo por  
sobre tudo o que fizeram, ou sobre livros e ideo-  
logias.

Comprem, levem para casa e degustem o novo  
lp de Rita Lee. Um LP sem ideologia ("Acho política  
um saco"). Um LP maravilhoso da Supermãe dos  
anos 70, essa que um dia saiu para passear e não  
voltou mais, pois se voltasse a barra estaria preti-  
sima e ela não seria nunca a nossa Elvira Pagã,  
naturalmente por machismo e chauvenismo da-  
queles que pararam no tempo e deixaram de ser OS  
MUTANTES, pois quem mudou mesmo foi ela. Essa  
linda, sexy, maravilhosa e imponente Rita Lee.

LP — RITA LEE — SOM LIVRE

Músicas:

CHECA MAIS — RITA LEE e ROBERTO DE CAR-  
VALHO

PAPAI ME EMPRESTA O CARRO — RITA LEE e  
ROBERTO DE CARVALHO

DOCE VAMPIRO — RITA LEE  
CORRE-CORRE — RITA LEE e ROBERTO DE CAR-  
VALHO

MANIA DE VOCÊ — RITA LEE e ROBERTO DE CAR-  
VALHO

ELVIRA PAGÃ — RITA LEE e ROBERTO DE CAR-  
VALHO

MARIA MOLE — RITA LEE e GUTO GRAÇA MELLO  
ARROMBOU A FESTA II — RITA LEE e PAULO  
COELHO

Disco produzido por GUTO GRAÇA MELLO  
Rita Lee trabalhou em seu último LP com músicos  
convidados.



# CONGRESSO AUTORITÁRIO

**III CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS, REALIZADO EM BRASÍLIA, DE 21 A 25 DE MAIO DE 1979, NO SALÃO DO BRASÍLIA MINAS TÊNIS CLUBE.**

Mais um congresso de trabalhadores patrocinado pelas cúpulas sindicais e pelegas, deixando sem participação os trabalhadores de base. Embora os temas e os debates falassem de problemas angustiantes da classe, ali ninguém tomou uma ação prática para resolvê-los. Tudo ficou na base do apelo às 2ª e 3ª pessoas governamentais, como pode-se ver nos documentos — previamente preparados pela Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura).

Mesmo assim, o congresso teve grande significado contestatório por parte de trabalhadores que para lá não foram em busca do canto da sereia cupulista sindical. Houve vários desencontros entre as duas linhas sindicais.

O primeiro caso ocorreu quando da escolha dos presidentes de sindicatos, para participarem do congresso, por parte das Federações, como se lança linha no anzol. Deveria ter sido realizado um amplo debate de sindicato em sindicato, para que estes enviassem suas bases ao congresso. Levando suas teses e proposições para uma ação da classe, visando resolver os problemas que lhe dizem respeito e não se enveredar em discussões previamente preparadas, sem o respaldo do trabalhador, esmagado pela miséria e exploração do Estado e do patrão.

O pior de tudo, entretanto, foi a escolha autoritária do número de participantes, pois havia sindicatos em condições de enviar um grande número de trabalhadores, mas foi vetado esse seu direito. A Contag determinou que só poderia participar um delegado de cada sindicato. Os presidentes pescados ficaram atônitos com a notícia e não quiseram faltar às ordens lá de cima. Conforme pode-se ver nas circulares, enviaram seus nomes para Brasília. Assim sendo, não houve tempo para se promover, nas bases, um trabalho que viesse atender à grave crise pela qual passa a classe trabalhadora rural. Esta escolha arbitrária de um representante de cada sindicato não pôde ser cumprida à risca. E os fiscais da Contag se irritavam ao ver que o trabalhador que chegava não tinha seu nome nas listas oficiais. Muitos trabalhadores ficaram sem crachás. E foram repreendidos por isso.

Após esses desencontros, o congresso foi iniciado, com trabalhos divididos em cinco comissões, sendo que em duas delas se concentrava a atenção da maioria dos trabalhadores: "Sindicalismo e Educação Sindical" e "Questões Agrárias". Foram esses os temas que geraram maiores debates, mesmo em cima de teses e documentos forjados antecipadamente. Mesmo encurralados e de vez em quando censurados pela presidência da mesa, os trabalhadores procuraram trazer o debate para o campo prático, o que muito abalou os alicerces de areia das cúpulas sindicais pelegas.

Quem rebuscar os documentos oficiais do encontro, verificará os graves equívocos nas proposições levantadas pelas cúpulas, transferindo a luta dos trabalhadores para o campo do apelo ao Estado e às suas sucursais; quando deveriam posicionar-se numa saída de ação da própria classe, para nas suas bases criar condições urgentes para que ela mesma possa decidir os seus destinos.

Os documentos foram melhorados a pontapés pelos trabalhadores que para ali foram não para rezar pela cartilha das palmas e do amém, mas para lutar ativamente por seus reais interesses. Estes conseguiram esclarecer muitos companheiros.

A atitude das cúpulas sindicais, transferindo toda a esperança dos trabalhadores para um apelo ao Estado, significa lesar vilmente a classe de que se dizem representantes. Hoje é moda acusar-se a esquerda, a direita, os exploradores patronais, mas esquece ou faz-se ouvidos de mercador diante deste leviatã monstruoso chamado

Estado que, com seu aparelho opressor, liquida com toda a liberdade do ser humano. Seja que Estado for: comunista, capitalista ou de centro, como, aliás, é moda ultimamente.

Esperamos que os trabalhadores e os homens de sã consciência em geral saiam desta confusão mental. Precisamos sair urgentemente das peias desta velhaca instituição. Primeiro melhorar internamente o nosso corpo e, depois, chutar esta velhaca instituição para a lata do lixo.

Outro resultado maléfico da escolha arbitrária dos representantes sindicais que participaram do congresso foi que estes, sem o mínimo conhecimento do que seria liberdade sindical, ficaram perdidos a discutir banalidades, para encher o tempo. Ou mesmo juntaram-se aos pelegos, para apupar os sindicalistas libertários e conscientes.

As teses deveriam ter sido discutidas por todos, num só salão e depois levadas ao plenário



para serem votadas. Assim, os companheiros que estavam em outras comissões poderiam ter participado mais e dado maior contribuição aos debates. Mas isto não aconteceu. Os participantes se cansaram e não se interessaram mais em melhorar o documento.

Entretanto, acho que seria também em cima daquele documento que se iria perder tempo. O

certo seria levar a classe a um esclarecimento de como ela poderia passar ao campo de AÇÃO DIRETA e da AUTOGESTÃO dos seus destinos.

Mas, apesar de tudo isso, o congresso teve pontos importantes.

O contato serviu para desanuviar muitos problemas obscuros — a pelegada tremeu — e serviu de lição aos líderes sérios, mostrando-lhes que o problema do carreirismo é um fato concreto no seio da classe trabalhadora. A liberdade não cai do céu. É conquistada.

Afinal, aquele congresso não foi um congresso de trabalhadores. Foi um encontro de dirigentes sindicais. O trabalhador da foice e do machado, este, coitado, ficou perdido nos espinhos da caatinga do Nordeste — ou nas terras úmidas do Sul. Foi excluído pelas cúpulas sindicais.

Agora, vamos analisar alguns aspectos políticos do congresso. Na abertura, os trabalhadores deram uma lição de consciência política, repudiando — no que se refere à política partidária —, logo de início, as levadas de deputados que compareceram ao congresso. Quando eles penetravam no salão, ninguém bateu palmas ou levantou-se, salvo raras e insignificantes exceções (que tornaram a situação ainda mais constrangedora para os parlamentares). Os ministros tiveram o mesmo tratamento, ou até pior, como foi o caso do ministro Delfim Neto (então ainda na Agricultura), que foi

tomar uma ação direta. Não faltou um poeta popular, para fazer versos e músicas que logo eram cantados no salão do congresso, todos imbuídos do espírito da liberdade e igualdade. Assim como caricaturistas que pintavam e desenhavam os pelegos (assalariados) e os (assanhados) ministros ridículos, as velhas raposas políticas que por lá apareciam e eram logo tratadas com desprezo.

Os líderes sérios fizeram pião no salão, enquanto os pelegos se perdiam nas casas noturnas das cidades satélites — onde muitos deles foram roubados pelas prostitutas e, no dia seguinte, andavam pedindo dinheiro emprestado aos companheiros. Afinal, trata-se de um sindicalismo zorloho, onde pintavam médios proprietários, pequenos proprietários, rendeiros assalariados, só podia dar nisso mesmo.

Eis aí as vítimas de um sindicalismo lambetadas, por força do seu atrelamento ao Estado. Os Estados sulistas, onde os pelegos têm o seu índice, jogaram toda sua força para não desagradar as autoridades ali presentes. Mas se enganaram, pois o povo vai conquistando mais liberdade e lutando contra a exploração pelos patrões e pelo Estado e fechando o cerco aos pelegos, que já se sentem sem espaço para agir livremente com suas ações entreguistas e autoritárias.

No encerramento do congresso a pelegada e os políticos viram o véu rasgar-se, quando das moções de solidariedade apresentadas pelos trabalhadores urbanos do Rio e São Paulo. Quando os trabalhadores aplaudiam os líderes de pé e viaavam todos os políticos que chegavam à mesa de encerramento.

Num canto do ginásio de Esportes, observava-se o presidente da Contag, o Zé Francisco, num jeito todo manhoso, apertando as mãos moles, características de burocratas e políticos. Para completar o espetáculo, um velho sindicalista, em estado senil, com um enorme chapéu de polpa, correias, medalhas, rosários, penas de arara do Amazonas, postou-se na entrada do salão de recepção e começou a apertar as mãos de ministros e deputados, sendo acompanhado pelos risos da platéia, que gozava do ridículo. Ainda apareceu um puxa-saco querendo afastá-lo, mas os trabalhadores vaiaram o bajulador e o velho palhaço a valer no meio daquela gente que, sem jeito, ouvia as críticas dos oradores. Após o discurso de encerramento, entramos num salão para jantar. Ainda vi deputados com suas famílias, sentados às mesas, esperando que alguém aparecesse para lhes servir. Como ninguém apareceu, eles se levantaram e saíram pelas intermináveis filas procurando papo, mas os trabalhadores apenas davam de ombros.

Aqui, caros leitores, foi um pequeno resumo dos acontecimentos do III CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS. Eu teria muito mais coisas a acrescentar, mas, por força do espaço e do tempo, deixo para outra oportunidade.

ANTÔNIO FERNANDES MENDES

## REAL

Rei, reino, realeza,  
são da mesma raiz:  
tudo é relmoso —  
faz mal ao sangue,  
produz coceiras,  
tem maus bofes.

Real pode ser o que é próprio do rei,  
mas o real sem rei,  
fica muito melhor.  
Realmente!  
O real de realidade  
é o que existe de fato,  
o que é verdadeiro,  
o que deve ter direito de existir  
(pois existia antes do rei  
e há de sucedê-lo).

Eh! rei!  
é por sua causa que tem tanto súdito  
que não tem nenhum rei  
e que ganha por um mês de trabalho,  
pouco mais do que  
dois contos de réis.  
É por isso que reivindico  
— Você que tem o rei-na-barriga,  
que morra de dor de barriga!

— Você que é rei-de-espadas,  
que as espadas o trespassem!  
— Que os reis-de-ouro  
tenham o mesmo fim de Midas:  
que fiquem fechados em copas.  
— Que tudo o que for rei  
vire Tutancâmon:  
múmia, fóssil, peça de museu,  
e que percorra o mundo,  
para exemplo da multidão.

Abaixo o rei-de-Roma:  
que o rato o roa.  
Abaixo o rei-dos-reis:  
arrelo nele!  
Abaixo a reinfeção,  
foram com a reincidência da realeza.  
De rei,  
além dos bons Reinaldos,  
das folias-de-rei,  
das reinações de Narizinho,  
(e de Reikjavik)  
que fique reinando  
com exclusividade  
neste mundo sem eira,  
nem beira, nem porteira,  
que reine apenas o astro-rei,  
que embora decano da categoria,  
cumpre excêntrica sina:  
sem espada, sem cetro, sem coroa,  
apenas com a força de seu calor,

com o brilho de seus raios de luz  
e com sua clareza meridiana,  
ensina a todos,  
e eis sua sina:  
que o real-realidade,  
é possível,  
é eterno,  
é legal;  
que o real-realeza,  
é pó-civil,  
não é terno nem eterno,  
e se quisermos  
pode ter menor duração  
que o terno do rei.

Caros reinos:  
camaradas!  
Ouçam todos!  
Palavra de ordem:  
realização.  
Choque o rei.  
Cheque o rei.  
Cheque mate ao rei!

Reincido  
Regicido!

LUIZ R. B. MOTT



# POR-POESIA REVOLUCIONÁRIA

as classes dominantes detêm/  
os meios de produção literária/  
e só publica e divulga/  
os seus protegidos/  
os seus arautos  
conforme seus interesses/  
de dominação

deixe modo tudo que é criado/  
fora dessas classes de/  
privilegiados  
é boicotado por não satisfazer/  
as exigências éticoestéticas/  
dessas classes de mediocres

por esse processo a poesia/  
tem sido levada a reboque/  
por toda espécie de visual/  
visual/facista reação concreto-  
neo/antropofagíssimo

ou como é de praxias/  
nos frutos tropicais/  
em troca de uma dose de uísqui ou  
uma chilaradecha/  
naquadimabrazileira difletras

onde a literatura/  
se vê reduzida ao simples papel de  
veicular o conceito  
de bom belo e verdadeiro/  
de acordo com os interesses/  
de poder/  
dessas classes de reacionários que  
ainda insistem/  
em não procurar o lugar  
de suas sepulturas que ainda ex-  
ploram  
torturam  
e matam  
pela fome  
repressão e ignorância  
a grande maioria oprimida  
de grito entupido  
no gargalo da ira

o movimento poetas na praça/  
existe/  
a partir da necessidade/  
concreta/  
de mudar essa realidade/  
porque ela não satisfaz/  
as necessidades/  
de cada ser humano/  
para viver com tal  
em qualquer parte do mundo  
do universo

e o movimento de mudança  
como é natural/  
só se inicia com ação  
com luta  
com todos  
solidários e livres  
abrir mão uma vez/da nossa ver-  
dade/  
imposta  
e ser dúvida  
duvidação  
vidação  
ação  
vida

nós acreditamos que nós mesmos  
juntos  
somos a cura de nossas doenças

não precisamos de nenhuma tutela  
cada ser humano/é o único respon-  
sável/por si mesmo  
e seu único representante

o movimento poetas na praça/é  
aberto a todos que acreditam  
no trabalho coletivo  
autogestionário  
sem qualquer espécie de patrão  
fora com os patrões  
fora com os donos

é como se pode verificar aqui  
esse absurdo  
de que as idéias dominantes/são  
das classes dominantes/  
nós aprendemos com elas/o seu  
rosário de regras/  
normas  
padrões estereótipos/preconceitos  
lírios  
slogans  
jingles títulos nomes  
e palavras de ordem

então/se reduz a luta revolucio-  
nária/  
a uma simples luta/por ascensão  
de classe/  
mas não de idéias  
as idéias continuam as mesmas  
só muda/no aspecto/das relações  
de produção  
quanto ao político e social/não  
muda nada  
se uma classe se prepara/  
para tomar o/  
poder/  
vira classe dominante  
porque as mesmas idéias  
de pai de deus de senhor  
vira classe reacionária  
virá nada  
porque tudo é igual  
só muda  
a palavra  
como a palavra dos chefes  
escravos do poder

queremos a popularização/  
da poesia/  
e dos seus meios de produção/  
queremos a popularização/  
de todas as artes/  
queremos todos fazendo/  
e falando com todas as garras/  
com todas as bocas  
com todos os dentes  
diante do medo  
e o medo é o agora  
que o medo não muda

hoje/  
a fundação cultural do estado/  
convida os poetas para discutir  
suas necessidades de divulgação/  
quer saber como pode/  
ajudar os poetas a divulgar/  
seus trabalhos  
lindo!  
só que durante a fase de criação/  
a fundação não procurou os tra-  
balhadores da poesia/  
para saber como ajudá-los/  
a fundação pensa

que fazer poesia/é só com papel e  
lápis

nós poetas na praça/  
vivemos do nosso trabalho  
como qualquer outro trabalhador  
e quando solicitamos/  
pela primeira vez  
ajuda da fundação por entender  
que essa entidade/  
dispõe de recursos/  
conseguidos/  
junto à comunidade para cumprir/  
a função de ajudar a produção  
artístico-culto da comunidade  
mais uma vez ficou caracterizado/  
o total descaso desse órgão/  
para/  
com os trabalhadores das artes  
quanto às suas reais necessidades  
de trabalho

enquanto é gasto fortunas/em fes-  
tivals/ concursos/ seminários/e en-  
contros com este/que serve apenas/  
para justificar/  
a espoliação das verbas/  
públicas/  
em viagens/  
hospedagens mordomias/  
onde são convidadas pessoas/  
que obviamente defendem/  
os interesses oficiais/  
das classes dominantes

os mordomistas profissionais  
bois de piranha  
ratazanas  
e outras espécies de ani-  
mais/daninhos danadinhos/expers-  
ts oportunistas/  
usados pelos grupos dominantes  
para defender sua visão de mundo  
capitalista e antipopular

a prática da fundação/é do co-  
nhecimento/da maioria/dos  
trabalhadores das artes  
atende apenas aos interesses/dos  
privilegiados das elites  
de fé ou de malandragem  
vejam só! nesses últimos 6  
anos/foram editados/cerca de  
duzentos títulos/e ninguém sabe  
quais são/e onde estão/  
mas pra que serviram/é muita in-  
genuidade/ou cegueira crônica  
ou medo de dizer que não sabemos  
todos sabem  
para você ter seu livro/já impres-  
so/comprado alguns exemplares  
pela fundação  
tem que mandar ofício/para di-  
retora pra secretário  
pra conselhos(?) censura/e outros  
atrapalhos/burocráticos/  
até dizerem na nossa cara/de  
otários  
não tem grana!  
pobrezinhos...  
alguém tem um trocado aí/pra dar  
de ajuda à fundação?/

não viemos aqui discutir/como  
divulgar nosso trabalho/porque  
já o fazemos/acerca de dez me-  
ses/sem ajuda de patrão nenhum/  
viemos prestar um esclarecimen-  
to/à comunidade/quanto a  
proposta(?) da fundação

no lugar onde a grande maio-  
ria/oprimida/  
apenas trabalha  
sem comer e sem falar  
que a fome mata  
como as balas da repressão  
e nas ruas  
o grito não vai suportar

onde a sede implacável de lucro  
seca o sangue dos explorados  
até a última gota de homem

onde o medo  
à morte  
e às doenças  
fazem parte da paisagem/  
por cima dos muros do poder/

não se pode conceber  
uma forma de arte  
que carregue em sua linguagem  
a análise burguesa da sociedade  
ou um substituto reformista/  
qualquer/

uma forma de arte/  
que não esteja vinculada/  
à luta das classes trabalhadoras/  
oprimidas/  
como forma de apoio  
a nível de conhecer e discutir  
o aqui agora de sua realidade  
e transformá-la  
como apoio a desordem  
por uma nova ordem  
onde não haja deuses  
e estados  
explorados  
e oprimidos  
e ter mais  
só pra ter  
a ilusão de que valeu  
ter  
em troca de ser

é preciso usar/  
todas as formas de criação/  
para através delas/  
se conhecer e discutir/  
o aqui agora  
nas ruas praças ônibus/  
fábricas e favelas  
e em todo lugar  
onde mãos feridas  
tecem a longa dor da vingança

é hora de arrancarmos de vez  
a postura elitista do verso

de esquecermos em nossos gestos  
as lições arrogantes do poder

e se reconhecer  
como também responsável  
por cada crime  
por cada tortura  
pela fome e pela morte  
que caminham junto a nós  
nas ruas e nas estradas  
nos campos e nas calçadas

e armados de amanhã  
nos unirmos ao canto doloroso  
dessas bocas  
para cumprirmos  
a revolução

com esse objetivo/  
o movimento poetas na praça/  
propõe à comunidade  
que a fundação cultural da Bahia  
seja autogerida/  
pelos trabalhadores das artes  
a fim de que nós possamos encon-  
trar/  
por nós mesmos/  
as verdadeiras soluções/  
para nossas necessidades/  
de vida e de trabalho

enquanto isso/  
não for concretizado/  
não aceitamos/  
qualquer forma de ajuda/  
vinda da fundação/  
cultural do estado  
porque achamos que a mesma  
a partir de dados concretos  
fatos  
que é do conhecimento/  
dos trabalhadores das artes/  
está a serviço/  
dos interesses individuais/  
de lucro material/  
dos patrões/  
e de seus asseclas/  
e a disseminar e fortalecer  
através da coerção/  
alienação e corrupção/  
a visão burguesa da sociedade

a classe revolucionária/  
tem de extirpar/  
arrancar de suas/  
estranhas/  
todo/  
e qualquer traço/  
do statusquo da burguesia  
que é inoculado pelo domínio/  
econômico social e cultural  
da classe dominante

poesia/  
não se faz em cima do muro/  
de costas pro mundo

por ser dialética

nós entendemos/  
que a poesia/  
é também revolucionária contra/  
a tentativa de assimilação/  
por parte do poder/  
dos movimentos populares/  
ação e expressão/  
pela popularização/  
e integração das artes/  
por poesia livre/  
fora dos gabinetes e palácios  
pela arte feita pelo povo/  
movimento poetas na praça/  
salvador novembro de 79.

PRAÇA  
DA  
POESIA